



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO**  
**Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação**  
**Mestrado em Psicologia Clínica**  
**Linha de Pesquisa: Psicopatologia Fundamental e Psicanálise**

LUIZ CARLOS DE SIQUEIRA BEZERRA

**UMA FACETA DO VÍNCULO ENTRE O SENTIMENTO RELIGIOSO E O  
SOFRIMENTO PSÍQUICO DE ANNE FRANK, A PARTIR DO SEU  
DIÁRIO**

RECIFE

2021

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO**

**Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação**

**Mestrado em Psicologia Clínica**

**Linha de pesquisa: Psicopatologia fundamental e Psicanálise**

**LUIZ CARLOS DE SIQUEIRA BEZERRA**

**UMA FACETA DO VÍNCULO ENTRE O SENTIMENTO RELIGIOSO E O  
SOFRIMENTO PSÍQUICO DE ANNE FRANK, A PARTIR DO SEU  
DIÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, da Universidade Católica de Pernambuco, na linha de Pesquisa Psicopatologia fundamental e Psicanálise, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Veronique Donard

Recife

2021

B574f

Bezerra, Luiz Carlos de Siqueira.

Uma faceta do vínculo entre o sentimento religioso e o sofrimento psíquico de Anne Frank, a partir do seu diário / Luiz Carlos de Siqueira Bezerra, 2021.

112 f. : il.

Orientadora: Veronique Donard.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2021.

1. Psicologia Clínica. 2. Nostalgia. 3. Autoescrita.  
4. Emoções. 5. Frank, Anne, 1929-1945. I. Título.

CDU 159.942

Ana Figueiredo - CRB4/1140

LUIZ CARLOS DE SIQUEIRA BEZERRA

**UMA FACETA DO VÍNCULO ENTRE O SENTIMENTO RELIGIOSO E O  
SOFRIMENTO PSÍQUICO DE ANNE FRANK, A PARTIR DO SEU DIÁRIO**


Aprovado em 05 de outubro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:



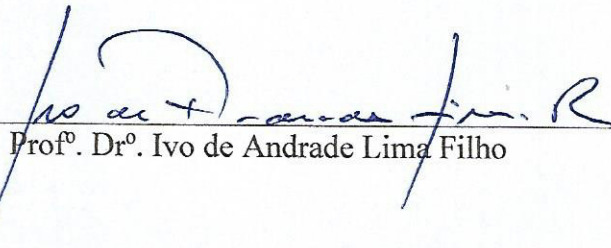
---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Veronique Donard (UNICAP)



---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Paula Cristina Monteiro de Barros



---

Prof<sup>º</sup>. Dr<sup>º</sup>. Ivo de Andrade Lima Filho

## RESUMO

Esta pesquisa buscou refletir sobre o sentimento religioso da adolescente Anne Frank, de modo a averiguar se o mesmo se constituiu como uma resposta ao desamparo sofrido durante o tempo em que viveu reclusa para escapar à perseguição nazista (1942-1944). Escolhendo a psicanálise como referencial teórico, foi desenvolvido um estudo em dois capítulos. No primeiro, buscou-se compreender o sentimento religioso em adolescentes, desenvolvido a partir de uma revisão de literatura que partiu das considerações freudianas de que o sentimento religioso tem sua fonte no desamparo e é formado pela nostalgia do pai. No segundo, foi feita uma análise qualitativa do sentimento religioso de Anne Frank expresso em seu diário, identificando expectativas e temores sofridos em sua passagem adolescente, vividos na clandestinidade, bem como o papel fortalecedor do seu sentimento religioso no enfrentamento do sofrimento psíquico. O desenvolvimento deste estudo foi feito percorrendo o caminho cronológico dos relatos proferidos no diário, considerando-se o desenvolvimento psíquico da adolescente e os verbos presentes no interior do vocábulo “religare”, os quais sugerem a presença de três momentos para o sentimento religioso: o ligar, o desligar e o religar. A partir da teoria psicanalítica, foram identificadas e selecionadas noções conceituais, as quais foram apresentadas e associadas aos relatos, aos testemunhos e às narrativas selecionadas para estudo. A obra testemunhal pesquisada revela que Anne vive uma crise adolescente agravada pela perseguição e pelo medo de ser capturada e morta. Constatou-se que a diarista Anne Frank demonstrou ser amparada por seu sentimento religioso, em seu diálogo com Deus, e ter se fortalecido com a escrita do seu diário, cuja destinatária é uma amiga imaginária. Afirma-se, ainda, a relevância da produção da escrita em um diário íntimo como facilitadora das elaborações adolescentes, uma vez que esta promove um campo dialógico em que o escritor/a dialoga com o outro de si, em seu interior. As descobertas encontradas nesta dissertação possibilitaram uma melhor compreensão sobre a articulação entre os conflitos próprios da adolescência e a dimensão religiosa vivenciada neste período.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico, Autoescrita, Nostalgia do pai, Sentimento religioso.

## ABSTRACT

The present research sought to reflect on the religious sentiment of the adolescent Anne Frank, in order to ascertain whether it was formed as a response to the helplessness suffered during the time, she lived in seclusion to escape Nazi persecution (1942-1944). Choosing Psychoanalysis as a theoretical framework, a study was developed in two chapters. In the first, we sought to understand the religious feeling in adolescents, developed from a literature review initiating from the Freudian considerations that religious feeling has its source in helplessness and is formed by nostalgia for the father. In the second, a qualitative analysis was carried out of the religious feeling of Anne Frank expressed in her diary, identifying expectations and fears suffered in her adolescent passage, lived in hiding, as well as the strengthening role of her religious feeling in coping with psychic suffering. The development of this study was made by following the chronological path of reports given in her diary, considering the psychic development of the adolescent and the verbs which are present inside the word "*religare*", which suggest the presence of three moments for religious feeling: connect, disconnect, and reconnect. From Psychoanalytical Theory, conceptual notions were identified and selected, which were presented and associated with the reports, testimonies and narratives selected for study. The testimonial work researched reveals that Anne is experiencing an adolescent crisis aggravated by persecution and the fear of being captured and killed. It was found that the diarist Anne Frank demonstrated being supported by her religious feeling, in her dialogue with God, and to have been strengthened by writing of her diary, whose addressee is an imaginary friend. The relevance of the production of writing in an intimate diary is also affirmed as a facilitator of adolescent elaborations, since it promotes a dialogical field in which the writer dialogues with the other of themselves, within themselves. The discoveries found in this dissertation enabled a better understanding of the articulation between the typical conflicts of adolescence and the religious dimension experienced in this period.

Keywords: Psychic suffering, self-writing, nostalgia of the father, religious feeling.

## RESUMEN

Esta investigación buscó reflexionar sobre el sentimiento religioso de la adolescente Anne Frank, de modo a averiguar si era una respuesta al desamparo sufrido durante el tiempo que vivió en reclusión para escapar de la persecución nazi (1942-1944). Escogiendo el Psicoanálisis como marco teórico, se desarrolló un estudio en dos capítulos. En el primero, se buscó comprender el sentimiento religioso en los adolescentes, desarrollado a partir de una revisión de literatura que partió de las consideraciones freudianas de que el sentimiento religioso tiene su origen en el desamparo y está formado por la nostalgia del padre. En el segundo, se realizó un análisis cualitativo del sentimiento religioso de Anne Frank expresado en su diario, identificando expectativas y miedos sufridos en su pasaje adolescente, vivido en la clandestinidad, así como el papel fortalecedor de su sentimiento religioso en el afrontamiento del sufrimiento psíquico. El desarrollo de este estudio se llevó a cabo siguiendo el camino cronológico de los relatos que se dan en el diario, considerando el desarrollo psíquico del adolescente y los verbos presentes dentro de la palabra "*religare*", que sugieren la presencia de tres momentos para el sentimiento religioso: conectar, desconectar y reconectar. De la teoría psiconalítica, se identificaron y seleccionaron nociones conceptuales, las cuales fueron presentadas y asociadas a los informes, testimonios y narrativas seleccionadas para su estudio. El trabajo testimonial investigado revela que Anne vive una crisis adolescente agravada por la persecución y el miedo a ser capturada y asesinada. Se constató que la diarista Ana Frank demostró estar apoyada por su sentimiento religioso, en su diálogo con Dios, y haberse fortalecido con la redacción de su diario, cuyo destinatario es una amiga imaginaria. También se afirma la relevancia de la producción de la escritura en un diario íntimo como facilitadora de las elaboraciones adolescentes, ya que esto promueve un campo dialógico en el que el escritor dialoga con el otro de sí, dentro de sí mismo. Los resultados encontrados en esta disertación permitieran una mejor comprensión de la articulación entre los conflictos propios de la adolescencia y la dimensión religiosa experimentada en este período.

Palabras clave: sufrimiento psíquico, auto-escritura, nostalgia del padre, sentimiento religioso.

Dedico esta produção ao meu pai, mestre Lula, e à minha mãe, Maria Moura.

À minha companheira e amante Mônica.

À minha Filha Anita e ao meu filho Tomás.

Aos mestres que me reconheceram como pesquisador.

A Anne Frank.



“Crédito-crença. Esta solidariedade arcaica é talvez construída por uma humanidade em infância que, separada da mãe, não pode sobreviver senão contando com o Outro: o pai, o rei, o príncipe, o parlamento, o partido, o seguro-saúde, o guru. Enquanto formos crianças – e quem conseguiu deixar de ser completamente? – precisaremos da transferência, sinônimo de amor e fé”.

(KRISTEVA, J. 1987, p. 67)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, como sinônimo de amor.

À minha mãe, Maria Moura, que sempre me orientou a estudar e a arejar a mente, e ainda respondia sabiamente, sem ser ortodoxa, mas a partir da visão de mundo do meio popular, às minhas indagações acerca do sentimento religioso.

Ao meu pai, Luiz Bezerra Leite, (in aeternum), que me estimulava à busca pelo saber e por uma vida ética, pautada no Amor.

À minha esposa Mônica, pelo companheirismo, pelas ricas trocas de ideias e pela ajuda nas releituras das minhas produções.

Ao meu filho, Tomás, e à minha filha, Anita, pela compreensão das minhas ausências em muitos momentos por conta desta pesquisa e também por estarem na adolescência e me darem a oportunidade de fazer esta experiência, como pai.

Às minhas 9 irmãs, que possibilitaram a minha curiosidade em tentar compreender o feminino.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Veronique Donard, pela sabedoria, acolhimento, disponibilidade, paciência, dedicação, reconhecimento e competência, que contribuiu exemplarmente para a produção deste trabalho proposto e favoreceu ao meu amadurecimento tanto como pesquisador quanto como profissional.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da UNICAP, pelos ensinamentos.

Aos professores examinadores, Dra. Paula Cristina Monteiro de Barros e Dr. Ivo de Andrade Lima Filho, pela disponibilidade, provocações e valiosas sugestões.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 SENTIMENTO RELIGIOSO, AUTOESCRITA E ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>14</b>
2.1 Considerações sobre o sentimento religioso na perspectiva da psicanálise.....	14
2.2 A autoescrita e o trabalho do duplo criador .....	19
2.3 Elementos teóricos para apreender os processos da adolescência .....	23
2.4 Adolescência e sentimento religioso .....	30
<b>3 ANÁLISE DO SENTIMENTO RELIGIOSO DE ANNE FRANK EXPRESSO EM SEU DIÁRIO .....</b>	<b>38</b>
3.1 Contextualização: nascimento de Anne e relação afetiva com seus familiares.....	42
3.2 Educação religiosa .....	44
3.3 O diário.....	46
3.4 Conflitos familiares, o medo e o desligar do seu sentimento religioso.....	51
3.5 O sentimento religioso de Anne Frank como resposta ao desamparo e expressão de autonomia.....	72
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>98</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre sentimento religioso na adolescência apontam novas perspectivas e podem, de alguma forma, contribuir com uma melhor compreensão sobre a religiosidade em adolescentes, em contextos não só teóricos como clínicos. Isto foi percebido quando a pesquisa buscou refletir sobre o sentimento religioso e o enfrentamento do sofrimento psíquico, experienciados pela adolescente Anne Frank quando se escondia da perseguição nazista. Ela ficou reclusa no anexo que fazia parte da empresa do seu pai, Otto Frank, com mais 7 pessoas, por um pouco mais de dois anos.

O desejo por abordar o referente tema partiu, inicialmente, da reflexão sobre a afirmação freudiana de que religião é uma ilusão. Com base nesta afirmação e, a partir dos atendimentos clínicos com adolescentes, foram feitas as seguintes interpelações: 1- A busca de atendimentos por adolescentes que sentem profundo e angustiante sofrimento levou ao questionamento sobre o papel do sentimento religioso em suas vidas; 2- Chamou a atenção o fato de a adolescente Anne Frank, vivendo na clandestinidade e com a perspectiva de uma morte iminente, encontrar amparo em seu sentimento religioso; 3-Verificou-se a escassez de produções, no Brasil, acerca do tema.

A leitura do diário de Anne Frank foi impactante por deixar transparecer elementos dos processos psíquicos próprios da adolescência e, ao mesmo tempo, questões relativas à religiosidade experienciada em circunstâncias de extrema gravidade e perigo. Como sabemos, ela e sua família de confissão judaica, residentes em Amsterdam desde 1933, para escapar da perseguição nazista, foram obrigados a viver em um esconderijo durante dois anos, até serem descobertos em 1944 e deportados para Auschwitz-Birkenau. Anne tinha 13 anos quando foram morar no “anexo”, e 15 quando foi deportada. É neste contexto em que escreve seu diário, na tentativa de apaziguar seu sofrimento, como ela mesma relata. Nele, Anne se dirige a uma amiga imaginária, Kitty, porém também a Deus, em 27 ocorrências.

O sentimento religioso de Anne, manifestado por meio do seu diálogo com Deus e do seu sofrimento psíquico no contexto histórico do nazismo, foi determinante para provocar o desejo por esta pesquisa. Interessa a forma como Anne, vivenciando a angústia e o medo causado pelo prolongamento do tempo no esconderijo e pelo agravamento da perseguição aos judeus, recorria à sua religião, ao seu diálogo com Deus, considerando-o como a figura que poderia trazer conforto.

Em se tratando do relato de Anne acerca de um caso de desamparo sofrido durante a elaboração da passagem adolescente concomitantemente à vivência de circunstâncias extremas, o estudo proposto, interessando-se pelo sentimento religioso implicado nessas questões, pode trazer alguma contribuição para a compreensão do entrelaçamento dos conflitos próprios da adolescência com a dimensão religiosa vivida durante esse período. Com isso, buscou-se colaborar com uma escuta sensibilizada a essas questões e, em consequência, para o atendimento de adolescentes na clínica psicanalítica e para profissionais de educação e de outras áreas afins.

A dissertação sobre uma faceta do vínculo entre o sentimento religioso e o sofrimento psíquico de Anne Frank, a partir do seu diário, teve como objetivo geral compreender o lugar psíquico do sentimento religioso na vida de Anne Frank e como objetivos específicos: 1- fazer um estudo reflexivo e psicanalítico sobre o sentimento religioso em adolescentes; 2- Analisar o sentimento religioso de Anne Frank expresso em seu diário.

A metodologia utilizada para desenvolver esta pesquisa foi a qualitativa, visando analisar o sentimento religioso de uma adolescente, a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema e da seleção de relatos, confissões e narrativas registrados em um diário íntimo, durante a elaboração da passagem adolescente e de sua vivência em circunstância extremas.

O Diário de Anne Frank foi o lugar privilegiado para que fosse feita a sua “escuta” por meio de suas palavras escritas. Este diário foi o instrumento que permitiu iniciar esta pesquisa. No entanto, destacamos também a escrita como “escrita de si”, uma “autoescrita” em que o sujeito se endereça a si mesmo e estabelece um autodiálogo, dirigindo-se ao outro ou ao Outro (Deus). No referido diálogo, é possível perceber o trabalho do duplo criador que favorece ao processo de elaboração psíquica.

Para a coleta de dados, foram retirados trechos do Diário de Anne Frank para análise, os quais seguiram a ordem da escrita da própria diarista e se referiam à crise da passagem adolescente e à sua dimensão religiosa vivenciada neste período. A análise destes dados foi feita através do uso da teoria psicanalítica, trabalhada no primeiro capítulo desta dissertação. O procedimento da análise foi desenvolvido em três momentos: no primeiro, selecionou-se os relatos, os testemunhos, as narrativas e as confissões registradas, a partir de uma criteriosa leitura; no segundo momento, organizou-se os trechos extraídos em ordem cronológica, ou com alguns recuos de datas feitos pela confensora; e no terceiro momento, procedeu-se a análise do Diário de Anne Frank, a partir da literatura consultada e das noções conceituais de nostalgia, de desidealização, de ideal de eu, de duplo criador, de ilusão criativa, dentre outras, associando-as aos trechos selecionados para análise.

Desta feita, para o encaminhamento desta pesquisa, considerou-se, inicialmente, a noção conceitual de nostalgia para compreender o sentimento religioso de Anne, admitindo que a necessidade de crer remete à sua busca por sentidos. Estes parecem ser o que o sujeito crente procura em sua experiência religiosa pessoal, especialmente quando se encontra em sofrimento.

Neste estudo, considerou-se também o vocábulo religião, a partir da relação homem-Deus, independentemente de pertencer ou não a uma instituição religiosa. É sabido que Freud se mostrou interessado pela questão da religião e elaborou vários textos acerca do tema. Para ele, o sentimento religioso, que tem sua fonte no desamparo (FREUD, 1930), é formado pela nostalgia do pai (FREUD, 1927). Não se trata de um fato, não é algo consciente, figura como uma fantasia inconsciente de falta ligada ao pai.

No entanto, essa nostalgia do pai não produz necessariamente o sentimento religioso. Não, esta associação ocorre quando o crente dá uma resposta religiosa ao seu desamparo, como acontece no caso de Anne Frank em seu diário. Isto significa que esta associação entre nostalgia e sentimento religioso só pode ser feita no movimento contrário ao da relação de causa e efeito, isto é, só a partir do efeito é que se pode conjecturar a causa, no *a posteriori*, de forma retrospectiva.

É prudente salientar que a questão religiosa pode ser compreendida a partir de duas considerações. Uma se refere à instituição e outra tem a ver com o sentimento religioso em si, que não pode ser investigado porque o objeto escapa à verificação. Esta impossibilidade foi o que levou o pesquisador a pensar a religião a partir da relação homem/Deus, sabendo que o sentimento religioso em si vai se acomodando aos ensinamentos recebidos, passando pelo processo de educação e sendo elaborado pelo sujeito de acordo com o que recebeu de seus pais e educadores.

Para apreender a escrita do diário de Anne como elemento que favorece a elaboração psíquica de seus sofrimentos e angústias, recorreremos às contribuições do psicanalista Jung (2019), acerca do duplo criador, a partir do seu artigo: *Le double créateur dans l'écriture de soi*. Esta noção nos servirá, por uma parte, para compreender a relação dialógica que a jovem estabelece com o seu diário e, por outra parte, para caracterizar a que o crente estabelece com Deus.

Uma noção importante para a realização de nosso estudo é o vocábulo “religare”, cuja lógica corresponde aos momentos do ligar, do desligar e do religar religioso, os quais foram utilizados para corresponder aos momentos porque passa a evolução do sentimento religioso de Anne. O momento do ligar refere-se ao recebimento dos primeiros ensinamentos religiosos

para a adesão ao ideal de fé que é proposto pela educação; o desligar, supressão do momento anterior, refere-se a um momento mais elevado que o anterior, que corresponde à desidealização do entendimento sobre Deus; e o terceiro momento, o religar, outra supressão dos momentos anteriores, figura como o momento em que a religião será assumida como uma escolha pessoal e comprometida na relação homem-Deus.

Esta dissertação é constituída por dois capítulos. O primeiro se apoiará nas produções freudianas e em autores como Mijolla-Mellor, Falque, dentre outros psicanalistas que tratam do sentimento religioso como elemento para a elaboração do sofrimento psíquico, mais especificamente no momento da crise da adolescência. O segundo capítulo será baseado nas noções conceituais anteriormente expostas, que servirão de referência teórica e metodológica para a elaboração da análise do sentimento religioso de Anne Frank, expresso em seu diário, bem como de seu papel em seus processos adolescentes atravessados pela angústia e a iminência da morte.

Por último, gostaríamos de ressaltar as circunstâncias que influenciaram nossa pesquisa, iniciada no primeiro semestre de 2019, um ano antes do começo da pandemia do covid-19 no mundo e no Brasil. Com o confinamento social, a pesquisa ganhou um outro olhar, uma vez que o pesquisador sofria insegurança, devido à ausência de tratamentos, de medicamentos e de vacinas para se proteger da doença. O distanciamento físico do ambiente acadêmico e a falta das discussões presenciais, apesar de mitigadas pelo meio virtual, causaram bastante incômodo e desconforto. Foi grande a dificuldade, tanto para encontrar materiais para a pesquisa nas bibliotecas quanto para o estabelecimento de encontros presenciais com a orientadora, professores do Programa de Mestrado em Psicologia da UNICAP e com os colegas mestrandos. Apesar disso, esperamos que nossa pesquisa tenha cumprido seus objetivos e que a leitura desta dissertação aporte novas perspectivas de compreensão do sentimento religioso em adolescentes, quando confrontados com situações extremas.

## **2 SENTIMENTO RELIGIOSO, AUTOESCRITA E ADOLESCÊNCIA**

Os construtos teóricos psicanalíticos trazem referências sobre a questão da religião a partir de Freud, que a considera uma ilusão. Tal consideração será o ponto de partida deste estudo sobre o vínculo entre sentimento religioso e sofrimento psíquico. Desta feita, a seguir será apresentado o que se pôde abstrair da pesquisa teórica psicanalítica acerca da religião, tendo em vista que a necessidade de crer faz lembrar a busca de sentido para o sujeito em sofrimento.

### **2.1 Considerações sobre o sentimento religioso na perspectiva da psicanálise**

O fenômeno religioso já se apresenta na história da humanidade desde as suas mais simples experiências originárias, tanto no que diz respeito ao surgimento da história quanto nas primeiras marcas mnêmicas do recém-nascido. Mas o que se entende por “fenômeno” e por “religioso”?

O termo “fenômeno” é aqui utilizado na concepção kantiana, que o considera como o que se manifesta por meio da experiência sensível. Já o termo “religioso” está relacionado ao exercício de uma crença religiosa, de uma fé, e é utilizado para designar a relação que o homem estabelece com Deus. Esta relação é um princípio religioso, o qual será abordado desde uma perspectiva afetiva.

Sabendo que o sentimento religioso é experienciado pelo sujeito crente e que ele está inserido em uma cultura, Freud sustenta que as ideias religiosas “constituem o item mais importante do inventário psíquico de uma civilização” (1927, p. 23). Merece destacar aqui que a crítica freudiana contra a religião, segundo Mijolla-Mellor (2004), diz respeito aos afetos e não à representação. O sentimento religioso como necessidade religiosa, de acordo com autora, não foi contestado na produção freudiana, pelo contrário, ele foi admitido como fato, porém foi compreendido na dimensão neurótica da nostalgia, o que confirma a pertinência do uso deste conceito neste estudo.

Isto posto, uma indagação é levantada: É possível compreender o sentimento religioso a partir do prisma afetivo existente na relação Deus-homem? Parece este ser o caminho desenhado por Freud, quando revela o ponto de vista afetivo como o núcleo duro do fato religioso. Tal fato pode ser constatado pela assertiva de que nenhum “crente se permitirá ser



desviado de sua fé por esses argumentos ou outros semelhantes. O crente está ligado aos ensinamentos da religião por certos vínculos afetivos” (FREUD, 1927, p. 54).

Pretende-se aprofundar o estudo do sentimento religioso com base na sua associação com a “nostalgia”. Esta faz referência ao desejo pelo pai e, em seu momento mais arcaico, da mãe, no momento mais elementar da certeza sensível. A relação mãe-bebê e depois, com a entrada do pai, deixa marcas mnêmicas que acarretam funcionamentos psíquicos, os quais não podem ser representados em sua totalidade pelo sujeito.

Durante esse processo, o bebê não se sente separado do mundo externo. Ele percebe seus órgãos internos, como suas sensações, como se viessem do mundo externo. No entanto, a fonte de maior sensação de prazer, o seio da mãe, é percebido como algo interno. Este seio materno pode mostrar-se como falta, por ser simultaneamente presente e ausente, corrigindo a percepção primária do bebê. Por esta perspectiva, pode-se sugerir, de acordo com Mijolla-Mellor (2004), que o momento originário em que a percepção do bebê passa de composição de unidade com o peito da mãe para separação com ela, seja emblemático para configurar a “nostalgia” do bebê pelo “peito” da mãe. Para a autora, tal nostalgia talvez bastasse para se concluir o caráter nostálgico da mãe.

No início do *Mal-estar na Civilização* (1930), Freud menciona o diálogo que estabelecera com o escritor e amigo Romain Rolland, especificamente sobre a objeção feita acerca da sua crítica à religião no texto o “Futuro de uma ilusão” (1927), em que seu amigo escritor faz sua objeção pelo fato de Freud não ter dado especial atenção à fonte real da religiosidade e à sua experiência subjetiva, o sentimento oceânico.

De fato, no *Mal-estar na Civilização* percebe-se que as opiniões do citado amigo de Freud acerca da religião provocaram mais reflexões sobre o tema. Para tanto, ele vai se defender da crítica recebida, segundo Mijolla-Mellor (2004, p. 18), por meio de três argumentos. No primeiro argumento, ele afirma “que em algumas pessoas existem este sentimento” e que, portanto, ele o admite como um fato, como um testemunho subjetivo, sob o qual não há o que se contestar, e que “possui significado clínico”.

A aceitação do sentimento religioso como um fato é um modo de agir analítico, assim como ocorre com as lembranças históricas, que podem ter ocorrido ou não, mas que tendo sido apresentadas por um paciente, ainda que se manifeste como uma percepção delirante, desprovida da realidade exterior visível, estão prenhes de sentidos na clínica.

No segundo argumento, Freud (1930) levanta a indagação sobre a possibilidade de se fazer uma interpretação deste sentimento, ou seja, sobre a sua origem. O psicanalista, ao levantar tal indagação, mostra que o sentimento religioso pode ser considerado a partir dos

processos primários, e não unicamente secundários, que seriam o resultado de um processo de ensino e aprendizagem.

No terceiro e último argumento, o psicanalista buscou verificar se o “sentimento oceânico” deveria ser interpretado como a *fons et origo de* toda necessidade religiosa. Neste momento, o autor evidencia que o objeto em questão, o sentimento religioso, havia escapado<sup>1</sup>.

Diante dos argumentos antes levantados, para Mijolla-Mellor (2004), não se percebe referência ao aspecto afetivo. Isto indica que a compreensão sobre o “sentimento religioso” não foi encerrada, senão que problematizada. Tal questão permanece em aberto e Freud (1930, p.74) segue afirmando: “Não consigo descobrir em mim esse sentimento ‘oceânico’”. Esta negativa indica que o tema diz respeito à subjetividade, que está relacionada com o funcionamento psíquico do sujeito, com suas marcas mnêmicas e com as relações estabelecidas no ambiente primevo.

O “sentimento oceânico”, testemunhado por Romain Rolland, não foi o bastante para a explicação freudiana da necessidade religiosa, vez que este sentimento é de natureza pessoal e não é confirmado por outras pessoas, como ocorre com o próprio Freud. Ora, se este sentimento é pessoal, então, ele se apresenta na dinâmica psíquica interior do sujeito crente. Esta dinâmica interna é, por excelência, condição *sine qua non* para se sopesar a questão do sentimento religioso, pois não há como admitir a insistência deste estado, sem uma dependência do mundo interno do sujeito.

Assim sendo, é válido considerar que a vivência do sentimento religioso é uma marca de uma vivência primeva, independentemente de uma falta. Neste sentido, esta marca adviria da experiência narcísica primária do sujeito, cuja percepção de si e do mundo passaria pela continuação da onipotência inerente ao início da vida da criança. Todavia, se a relação mãe-bebê, na formação do ego narcísico primário, poderia ser o bastante para justificar a existência do sentimento religioso, verificamos que, na concepção freudiana, é imprescindível levar em conta a nostalgia do pai.

Ao evidenciar que o sentimento religioso advém de uma marca primeva e que ele teria como base a nostalgia do pai, é pertinente trazer à baila duas noções freudianas, apresentadas por Mijolla-Mellor (2004), acerca da nostalgia, as quais são expressas nas palavras alemães *Sehnsucht e Heimweh*, muito próximas em seus significados. A segunda palavra, *Heimweh*, faz referência ao passado, enquanto a primeira, *Sehnsucht*, especifica um processo insistente e significa “ausência do objeto”. Nesta ideia de nostalgia expressa pela palavra *Sehnsucht*, de

---

<sup>1</sup> “Não é fácil lidar cientificamente com sentimentos” (FREUD, 1930, p. 74).

acordo com Mijolla-Mellor (2004, p. 29), pode-se notar, em psicanálise, “um sofrimento causado pela ausência de um objeto que não pode ser alcançado não porque esteja inacessível, mas porque pertence ao passado”.

A figura do pai é central na questão da origem do sentimento religioso. O ancoramento nesta figura parece ser uma resposta ao desamparo da criança, como afirma Freud (1927, p. 39) ao dizer que o “desamparo na infância da criança despertou a necessidade de proteção – de proteção por meio do amor -, a qual foi proporcionada pelo pai”. Ele explica também que, devido ao reconhecimento de que este clima de insegurança e de desamparo, que atravessa toda a vida, tornou-se necessário à criança “aferrar-se à existência de um pai” só que, desta vez, um pai mais forte e poderoso. O psicanalista diz ainda que:

O governo benevolente de uma Providência divina mitiga nosso temor dos perigos da vida; o estabelecimento de uma ordem moral mundial assegura a realização das exigências de justiça que com tanta frequência permaneceram irrealizadas na civilização humana; e o prolongamento da existência terrena numa vida futura fornece a estrutura local e temporal em que essas realizações de desejos se efetuarão. (FREUD, 1927, p. 39).

Além desta ideia de que a Providência divina pode funcionar como resposta ao desamparo e mitigar o sofrimento, o autor também sustenta que as respostas sobre as perguntas existenciais e enigmáticas que o ser humano se faz, a respeito da “maneira pela qual o universo começou ou a relação entre corpo e mente, são desenvolvidas em conformidade com as suposições subjacentes” ao sistema religioso. Isto quer dizer que as respostas dadas pelo crente estão dentro do seu esquema religioso e podem diminuir o medo dos perigos da vida, o que parece confortar o sujeito que tem seus conflitos infantis originados no complexo paterno.

Tais conteúdos religiosos são aceitos pelo homem que crê nos laços ternos da religião e que por isto não se deixará perturbar em sua fé por argumentos lógicos formais da razão dedutiva, os quais não são, necessariamente, atravessados por laços afetivos. Este aspecto afetivo é mais uma vez evidenciado por Freud (1930-1929) quando diz que o “laço afetivo com o conteúdo religioso” compõe um núcleo central de amor e felicidade na crença religiosa.

Mijolla-Mellor (2014) profere que a nostalgia está associada às vivências passadas que não se esgotaram e que foram veladas pelo tempo. Tais vivências são intransferíveis e jamais abdicadas. Para a autora, a nostalgia, devido às experiências vividas no passado, não teria como foco um objeto, mas sim a “certificação de sua *ausência*”. É este traço que se mantém

no psiquismo do sujeito e que envolve os mecanismos de funcionamento do aparelho psíquico, que giram em torno do narcisismo.

Desta feita, é esta perspectiva nostálgica que conduz o crente a Deus. Ocorre que, nesta busca por Deus, o que o crente encontra é sempre uma falta e nunca a presença do pai. Trata-se de uma cisão com o “ego ideal” que, em tese, nunca pode ser efetivada. Isto quer dizer que o crente confunde seu movimento interno e pensa que, na sua relação com Deus, está se relacionando com algo exterior a ele.

A respeito desta representação de Deus, esta pode ser compreendida como sendo aquilo que forma o conteúdo do ato do pensamento que se faz presente na palavra “Deus”. É verdade que este é irrepresentável e que não há como visualizar uma representação advinda de imagens de traços mnêmicos desta palavra “Deus”. Diante disto, e do fato de que há experiências de uma necessidade específica, insistente e registrada como traço mnêmico e, ao mesmo tempo, de uma necessidade de representação adequada de um vocábulo, é que se admite falar de uma “representação” ou mesmo de um objeto de declaração que corresponda ao vocábulo Deus.

Com a tentativa de representação de Deus, faz-se necessário, tal como frisado por Mijolla-Mellor (2004, p. 39), pensar no enigma da morte, que também é irrepresentável. Mesmo que a morte nunca tenha sido experienciada, o referido enigma pode ser pensado a partir da morte do outro, em razão do que este evento causa. Uma tentativa de representação da morte pode ser feita considerando que ela é simultaneamente inevitável, o “empírico”, o “já” e também foge à realidade visível, ou seja, é o sinal do além, que liga ao aqui, é o “ainda não”, enquanto não ocorre.

Voltando às referências materna e paterna, Kristeva argumenta que o homem ocidental “estabelece por meios ‘semióticos’ mais que ‘simbólicos’ uma continuidade ou uma fusão com o Outro, não mais substancial ou materno, porém simbólico e paterno” (1987, p. 35-36). A autora diz ainda que esta fusão “com um seio que carrega, alimenta, ama e protege sem dúvida, doravante passará do corpo maternal para uma instância invisível, no além” (p. 36). O que aqui acontece é “um considerável arrancamento com relação à dependência infantil precoce, ao mesmo tempo em que se dá uma solução de compromisso, cujos benefícios imaginários vão ser deslocados para a ordem dos signos” (p. 36). Apesar da racionalidade e da inteligibilidade que essa dinâmica apresenta, ela “parece basear-se essencialmente em processos psíquicos infra ou translinguísticos” (p. 36). Tais processos remontam, segundo a psicanalista, ao que “Freud via nos primórdios da experiência psíquica uma identificação primária que consistiria na transferência direta e imediata do ego em formação para o ‘pai da

pré-história individual” (p. 36), que terá “características sexuais de pai e de mãe e seria um conglomerado de suas funções” (p. 36-37).

Assim, sobre a mencionada fusão “mais que semiótica mais que simbólica”, Kristeva explica que ela “repara nossos transtornos de Narciso feridos, que mal se dissimula nas conquistas e malogros de nossos desejos de ódio” (1978, p. 37). Daqui se entende que, embora a dimensão narcísica tenha sido apaziguada, “nossos desejos podem encontrar sua representação nas narrativas, que carregam a experiência da fé” (p. 37), as quais fazem reviver sonhos secretos da infância, diante do nascimento virginal, ou reviver “em glória a melancolia essencial que aspira a reencontrar o corpo e o nome de um pai de que está irremediavelmente separado” (p. 37).

Diane do exposto, para que a fé se efetive é preciso que seja dado, conforme Kristeva (1987), um salto ‘semiótico’ para o Outro e que

essa identificação primária com os polos parentais arcaicos, próximos do continente materno, não seja recoberto pelo recalque nem deslocado para a construção de um saber que, conhecendo-lhe o mecanismo o haveria de sepultar. O recalque pode ser ateu, o ateísmo é recalcedor, ao passo que a experiência analítica pode levar por sua vez a um abandono da fé em conhecimento de causa” (p. 38).

Evidencia-se que o referido sepultamento da fé se daria pelo mecanismo do recalque, pois, nesta perspectiva, é possível dizer que o recalque “pode ser ateu”, que “o ateísmo é recalcedor” e que a experiência analítica pode levar o sujeito ao abandono da fé, em conhecimento de causa. Nos discursos do sujeito, está manifestado o seu conflito. Ele é um complexo anímico-somático, biológico e falante, consciente-inconsciente e atravessado, de acordo com a psicanalista, pelo “Outro da linguagem, alteridade do destinatário, não para além, mas aqui e agora” (p. 39). É por este caminho, segundo a autora, que a psicanálise fala de uma sexualidade infantil, buscando suas marcas mnêmicas da libido e, ao mesmo tempo em que o apelo erótico se mantém, do narcisismo.

## **2.2 A autoescrita e o trabalho do duplo criador**

Kristeva (1987) menciona que a psicanálise, com o estudo da linguagem e com a sociologia, utiliza a razão para empreender sua teoria. Ela, sendo a mais recente teoria, firma-se ao se acercar da racionalidade do comportamento humano e do enigma da significação que lhe convém. Todavia, diferenciando-se de outras ciências humanas, elimina o entendimento

positivista. O seu objeto de trabalho é o mesmo da palavra, das surpresas e dos eventos que ocorrem nesta troca de palavras que se apresentam entre dois sujeitos. A psicanalista pondera que a escuta analítica tem em seu centro o sujeito falante, que fala em primeira pessoa e se refere a um sofrimento. Este sujeito pode também expressar-se em uma autoescrita, a qual também pode servir de apoio à pesquisa psicanalítica.

Para Kristeva (1987), o amor vivido na relação com os pais da infância alimenta a necessidade de buscar a religião como forma de suprir suficientemente a falta do amor primevo, a unidade bebê-mãe-pai. Ela assevera que o discurso expresso pelo sujeito está prenhe dos representantes da representação de palavras e de coisas, mas também do representante do afeto. A autora menciona que, na primeira representação, as palavras se aproximam dos significantes linguísticos; na segunda, as coisas se aproximam do significado linguístico. Já os representantes do afeto dizem respeito às inscrições psíquicas que se movimentam e se submetem aos mecanismos originários de condensação e do deslocamento.

Considerando-se que a fala do sujeito deve ser compreendida como sua verdade, ainda que seja uma ilusão, a religião, conforme Kristeva (1978, p. 21), “seria uma construção de pouca realidade, mas suscetível de exprimir com precisão a realidade do desejo de seus sujeitos”. Sob este aspecto, a crítica freudiana abriu espaço para a compreensão do discurso religioso do sujeito, em sua ilusão, pois (KRISTEVA, 1978, p. 31) apresenta “uma trama que alimenta a ‘verdade’ analítica”, a qual “aproxima-a menos do discurso da fé que do da ficção narrativa que nos dá, em ambos os domínios – o da análise e o da religião -, um sujeito desestabilizado em busca de estabilização perpétua”.

Portanto, dar ouvidos ao discurso da ilusão religiosa do sujeito abre caminho para a escuta analítica, pois, de acordo com a autora, pouco “importa que você tenha vivido o que conta, se na sua ilusão, na sua mentira, ou no seu delírio, eu posso captar o impacto (para mim) e a lógica (para nós todos) dos seus sintomas e dos seus fantasmas” (p. 32-33). O que importa mesmo é que “a posição do analista consistiria hoje”, ao que lhe parece, “em restituir todo o seu valor, terapêutico e epistemológico, à ilusão” (p. 33).

Para podermos dar ouvidos e compreender o sentimento religioso de Anne Frank, tal como se expressa em seu Diário, utilizaremos, neste estudo, a noção de “duplo criador” elaborada por Jung (2016), que considera a existência, no interior do sujeito, da relação do “eu” com o “outro de si mesmo”. Esta relação dual, no caso do sujeito crente, se dá na intimidade da relação entre o eu e o Outro (Deus), que ocupa o lugar do “outro de si mesmo”. Assim, a relação do “eu” com seu duplo criador faz lembrar a ideia de mística, que corresponde à intimidade do sujeito consigo mesmo, a qual é compreendida pelo o filósofo

Vaz (2000, p. 10) quando da afirmação: “do ponto de vista do sujeito a experiência mística tem lugar num plano transracional, ou seja, onde cessa o discurso da razão”. A referida experiência mística diz respeito à relação do “eu” com o “outro de si”, visto que a razão aqui considerada é a dedutiva, própria do discurso lógico formal, que tem como absurdo o que não está de acordo com ela. Ainda neste caminho, pode-se compreender a frase atribuída a Tertuliano: “*credo quia absurdum*”<sup>2</sup>. Ela quer dizer que aquilo que se crer não se alcança por meio do processo da razão dedutiva instrumental, mas nem por isto é necessariamente carente de sentido e inteligência. Isto porque inteligência e amor convergem no mesmo caminho de intimidade mística do eu com o outro de si, o amigo imaginário.

Dentre as diversas formas de o sujeito se expressar, a palavra merece atenção e, em especial, a palavra escrita. O que se pretende salientar é a escrita em que o sujeito é o destinatário da sua alteridade, isto é, a autoescrita. Há diversas formas de autoescrita, dentre elas destaca-se o diário, a literatura autobiográfica, autoficção, dentre outros escritos produzidos em redes sociais etc. Diante disto, Johann Jung, psicanalista francês, em seu artigo *Le double créateur dans l'écriture de soi* (2016), assevera que este tipo de escrita se apresenta como um lugar de expressão e de autocriação, onde o sujeito apresenta o que está ocorrendo consigo mesmo e com o outro com quem se relaciona. O autotexto, para o autor, diz respeito ao mundo interior do escritor que externaliza suas cenas pessoais, o que se pode conjecturar que este dispositivo tenha “um valor transicional criativo” (JUNG, 2016, p. 48). Para o psicólogo e professor, a autoescrita solicita à subjetividade uma disposição e uma organização de certos processos esquecidos que se pode inferir que eles circulam em torno da “questão da identidade, da relação consigo e com os outros”. Desta feita, para o autor, pode-se dizer que o processo de autoescrita diz respeito à efetivação de um trabalho identitário que se apresenta na narração escrita, cujo conteúdo se refere à história de “forjamento” deste indivíduo que requer “reconhecimento”. Diante disto, o referido autor salienta que a autoescrita funciona como um suporte que favorece o trabalho de construção e reconstrução da identidade e da subjetividade. Em uma narrativa na qual o autoescritor se dirige a um outro, parece mais que está se dirigindo a si mesmo, como ocorre no trabalho do “duplo criador”, permitindo-se pensar em si e colocar-se no centro da relação dele com ele mesmo.

O psicanalista francês (2016) vai dizer também que, neste movimento de autoescrita, o escritor remete a uma primeira forma de duplo investimento que já ocorrera na relação primária do bebê com a mãe. Neste ponto, pode fazer referência a Winnicott quando traz que

---

<sup>2</sup> “Creio porque é absurdo”.

o “precursor do espelho é o rosto da mãe” (WINNICOTT, 1975, p. 174), assim como a separação do eu e do não-eu se deu gradativamente, de acordo com o ritmo de cada bebê. Neste sentido, para o autor, é provável que o bebê olhe para o rosto da mãe e “o que o bebê vê é ele mesmo” (p. 176). Este movimento do olhar para o rosto da mãe é o primeiro duplo na relação mãe-bebê com que o sujeito se depara. Isto quer dizer que, ao olhar para mãe, o bebê vê a si mesmo. Este é um momento criativo decorrido do olhar da mãe, o que quer dizer que o bebê se “forja”, faz e se produz lá onde ele se encontra: “no olhar da mãe”, como se fosse um espelho. Este encontro bebê-mãe permite ao sujeito que se veja a si mesmo e experimente como se estivesse na origem do que ele percebe, ver e sente, numa formulação narcísica primeva, como primeira forma de demanda por reconhecimento, no sentido trabalhado por Honneth (2010), em que o sujeito reconhece a si e também cobra do outro reconhecimento, pois, neste caso, o bebê reivindica a correspondência do olhar materno.

As noções dos dois conceitos antes referidos, o do forjamento e do reconhecimento, servirão de apoio para a análise do sentimento religioso de Anne, pois na puberdade reaparece este reencontro do jovem com o objeto, que ele cria para si. Trata-se da criação do diário que contribui com a formação e reformulação de uma base estrutural sob a qual se inscrevem os acontecimentos de sua vida psíquica. No princípio, o bebê, segundo o autor, se dirigia ao rosto de sua mãe. Na adolescência, o escritor se dirige a um companheiro muitas vezes considerado uma criação fictícia especial, funcionando como um amigo imaginário que também intervém na narrativa.

Jung (2016, p. 49) também vai dizer em seu artigo que as produções da autoescrita, por exemplo, de uma garota de 12 anos, revela a transformação da relação dela consigo mesma, cuja ocorrência se dá nesta fase da adolescência. Desta feita, quando um escritor personifica sua escrita, ele está fazendo elaborações psíquicas, utilizando-se do trabalho do duplo criador, ao abrir uma interlocução interior, em que, com a continuação da escrita, ele poderá se compreender e se desvelar a si mesmo, por meio do seu relacionamento interior de si consigo mesmo. Por intermédio do mecanismo de autoescrita, de acordo com o professor, o escritor estabelece um novo diálogo consigo mesmo, de onde nascerão novidades acerca das representações de si. Em se tratando de um diário, pode-se dizer que, na produção deste, há o uso do mecanismo do duplo criador no psiquismo do sujeito, o que se torna um suporte especial que favorecerá às elaborações psíquicas deste sujeito. Este dispositivo dialógico pode ser considerado como um objeto interlocutor transicional do eu.

O uso do mecanismo do duplo criador evidencia, para Jung (2016), que na relação do eu com o outro de si, o trabalho do duplo criador se efetiva desde o contato do bebê com o



rosto da mãe, como o espelho interno. Ocorre que, quando este espelho interno construído na infância pelo escritor não está em condições de suportar o processo de apropriação de si, especialmente na adolescência, ele recorre à autoescrita para buscar saídas compatíveis com a lógica própria do trabalho do seu psiquismo.

Pode-se inferir que, do ponto de vista psicanalítico, a autoescrita contribui com o forjamento de uma base psíquica reflexiva durante a formação de si, no adolescente, e remete à experiência arcaica, a partir da qual o sujeito consegue experimentar-se e pensar a si mesmo. Para o trabalho do discurso psicanalítico, pouco importa se o que está sendo dito pelo paciente foi vivido na realidade dos fatos, na sua ilusão ou na sua mentira, embora o que fora dito traga consequências e um impacto social. Mesmo que se trabalhe em uma análise determinados fantasmas, não se pode dizer que eles serão eliminados por completo da vida psíquica do sujeito, vez que marcas ficarão, ainda que se apresentem de forma mais sutil. Este aspecto parece indicar o caráter interminável da análise.

Diante do exposto, pode-se dizer que cabe à investigação psicanalítica “restituir todo o valor, terapêutico e epistemológico, à ilusão”, como dito por Kristeva (1978, p. 3), apresentado na criatividade da autoescrita. O conteúdo da narrativa de um diário traz em si, com o uso da “ilusão criativa”, metáforas e figuras pictóricas que falam do escritor. Ademais, os elementos figurativos do texto se apresentam carregados de afeto, uma vez que o sujeito escreve para uma pessoa que ele considera muito especial: ela mesma e não fala apenas de sua fé, se não que de todo drama e do romance familiar que se passa em sua vida psíquica.

### **2.3 Elementos teóricos para apreender os processos da adolescência**

O processo de maturação pelo qual passa o jovem em seu período pubertário é, segundo Ariès (1978), uma marca na universalidade da espécie humana. A diferença está em como cada sociedade/cultura se apresenta e lida com as mudanças trazidas na puberdade.

Calligaris (2000), ao tratar da adolescência, corroborando com Ariès (1978), diz que ela ganhou outro olhar depois do final do século XX. Não se pode pensar a adolescência como uma forma estanque, fixa. Ela deixa de se resumir às mudanças fisiológicas com entrada na maturidade, de forma quase que direta, sem deixar muito vestígio, para se converter em um processo psíquico e em uma fase específica.

Merece destacar que o trabalho psíquico na adolescência está envolto na cena do romance familiar, em que os pais são atores fundamentais, e que requer um esforço do sujeito que se vê imerso no universo da sexualidade, de forma diferente do vivido na infância. O

universo adolescente é atravessado por questões existenciais e psíquicas, mas também por sua assunção de compromisso na partilha dos sexos. Estas questões são inevitáveis e, por si sós, já trazem angústias que podem ser mais ou menos intensas, dependendo do sujeito e do meio em que ele vive.

Diante disto, serão privilegiadas nesta pesquisa as determinações inconscientes, no que diz respeito à relação do adolescente consigo mesmo, com sua própria alteridade e com o impacto que ele recebe do meio externo. Trata-se da busca adolescente do conhecer-se e de suas elaborações. Tais elaborações resultam, de acordo com Alberti (2008), do que foi forjado e incorporado pelas figuras parentais-cuidadoras do sujeito, desde sua infância, do sofrimento devido ao trabalho de organização psíquica intrínseca ao sujeito e do agravamento deste sofrimento por ação da hostilidade do ambiente em que vive o adolescente.

As perdas da infância, bem como as transformações fisiológicas próprias à puberdade são aspectos que produzem sentimentos ambivalentes. Por um lado, há alegria ao vislumbrar o tornar-se adulto, com seus ganhos, por outro lado, há uma certa nostalgia pela perda do corpo da infância, como também a exigência de responsabilidades por parte dos adultos, especialmente os pais e cuidadores que, até então, não existia.

Nesta fase da vida do jovem, os pais deixam de ser idealizados e passam a ser desidealizados pelo jovem. Estes dois conceitos da “idealização” e da “des-idealização” também contribuirão com a análise do sentimento religioso da jovem Anne.

O trabalho adolescente permite outrossim elevar a função daquelas figuras parentais, quando as coloca no lugar de referência para suas escolhas e identificações humanas. Neste sentido, evidencia-se que, como diz Rassial (1997, p. 18), o “drama da adolescência não é aquele da ignorância, é o do saber em demasia, mal recalcado, e de seu retorno brutal, após alguns inúteis anos a elaborar seu esquecimento, que agitam esse jovem e perturbam o seu meio”.

Para o autor, a presença das figuras parentais continua sendo fundamental para o adolescente que é convocado a fazer escolhas em sua vida. É verdade que esta presença dos pais seja um tanto paradoxal, pois, é por meio dela que as identificações não apenas são seguidas, mas também confrontadas para depois serem reelaboradas. Estas reelaborações são uma das marcas da adolescência, que seguem em paralelo com a reelaboração da falta, que jamais será resolvida em sua totalidade.

Portanto, Calligaris (2000, p. 15) salienta que não há como negar que as escolhas adolescentes sejam consequências de indicações, direcionamentos, determinismo e “imposições”. Estas imposições derivam das impressões paternas e maternas, dos professores,

dos familiares próximos, dos amigos, dos meios de comunicação, dentre outros, que lhe são transmitidos pela linguagem, pelas imagens, pela música, pela poesia, pela história, pelo silêncio. Estes elementos, que participam do processo de escolha adolescente, não se limitam a fatos antecedentes, mas estão implicados também com acontecimentos do presente adolescente e se projetam no futuro.

Quando os pais se afastam do adolescente, então, são iniciados os sofrimentos devido ao enfrentamento das dificuldades e dos problemas vividos pelo jovem. Este terá tanto mais dificuldades quanto menos tiver se apropriado de suas referências primárias, fundamentais para suas escolhas. Isto se deve ao fato de o “adolescente estar sempre confrontado, se não a uma pane, ao menos a um risco de pane, porque ele deve de novo, e precisamente no a posteriori, realizar uma série de operações fundadoras, cuja efetuação infantil está recolocada na ordem do dia” (RASSIAL, 1997, p. 39).

O sofrimento do adolescente também advém da ambivalência de sentimentos que ele vive na relação com seus pais, pois ora os ataca, ora deseja ser por eles protegidos. O jovem conhece bem os pontos frágeis de seus pais e começa a bombardeá-los justamente nestes pontos, criticando-os naquilo que eles discordam, e procurando atingi-los justamente para tirá-los daquele lugar de superpais, ou seja, para des-idealizá-los. Da parte dos pais, não é fácil, porém, faz-se necessário que estes se invistam em amor, apostando na superação de seus filhos, para poderem contê-los e no enfrentamento do sofrimento psíquico, vez que eles precisam elaborar suas perdas narcísicas. Esta situação se torna mais complexa em razão de não existir, na realidade, os pais da infância, mas sim seus pais reais, concretos e limitados. Isto tudo porque, para Rassial (1979, p. 41), o jovem se sente “traído na promessa edípica” que posterga para o futuro a realização dos seus desejos e vontades, não lhe garantindo sua plena satisfação, mas frustração.

Nesta passagem adolescente, a percepção de que não se deve eliminar todos os parâmetros construídos na infância, ainda que sejam considerados ultrapassados, é fundamental. Os referenciais se fazem presentes e são atualizados nos momentos das escolhas. Tais referenciais podem e devem ser contestados, mas também podem ser assumidos como escolhas pessoais, selecionando-se o que se quer do que não se quer para si. A seleção de parâmetros para escolhas não se limita às referências paternas, senão que também de outras pessoas com quem o adolescente conviveu ou teve como referência em sua vida. Isto porque pai e mãe não são por si sós sinônimos de referências, mas suas funções contribuem para que o jovem se organize, ainda que não sejam exatamente as organizações dos seus pais. Assim sendo, como não se poderá dizer o que seja completamente um filho

para o pai, não se poderá dizer também para o filho o que seja completamente um pai, pois a maternagem, a paternagem e a filiação são construções elaboradas na cena do romance familiar.

Tal romance é elaborado pelo adolescente que, de acordo com Alberti (2008), já passou por várias experiências constitutivas da sua alteridade. Pode-se sugerir que este aspecto do sujeito adolescente que se depara com o seu “desconhecido de si”, “estrangeiro” por ser inconsciente, pode ser um parâmetro indicativo de que a infância está deixando lugar à adolescência, vez que esta percepção do estranhamento indica que os pais da infância já não exercem mais tanta influência nas idealizações adolescentes. “Idealizações” estas que foram necessárias à formação da criança, que vai se destronando no decorrer do seu crescimento e abrindo caminho para a “desidealização” destes pais.

A marca deixada por estes pais no psiquismo do adolescente, tal como frisa a autora, determinará o seu agir diante da realidade que o aflige, pois, a herança dos pais servirá como apoio para fortalecer o adolescente a agir em suas decisões. Estas advêm das elaborações inconscientes, as quais trazem marcas paternas inscritas na psique do sujeito. Este processo de adolecer desemboca na estruturação do eu, Gestalt imaginária, referência que se tem para se diferenciar e se distinguir dos outros.

O sujeito é efeito da falta que, para a psicanalista, nem sempre está associada a uma imagem direta. Esta falta é o que permite o trabalho do sujeito consigo mesmo e o trabalho clínico, pois este sujeito se deixa aparecer em sua fala. É possível que o eu não se abra ao exercício da subjetividade quando, por inibição, por covardia, ou por repetição de uma maneira de ser, que impede o nascimento do desejo, não se permite falar. A expressão da fala revela, conforme Calligaris (2000, p. 17), a contradição que precisa ser percebida pelo adolescente “entre o ideal de autonomia e a continuação de sua dependência, imposta pela moratória”.

Nesta moratória adolescente, o desejo idealizado é inconsciente. Trata-se do desejo de um “outro”, como se constata quando da relação mãe-bebê. Dentro de uma perspectiva winnicottiana, a saída dos pais do lugar de garante do desamparo e da onipotência não permite a totalidade da resolução do abandono, com o qual o sujeito terá que conviver, por toda sua vida. Tomar ciência de que o sentimento de abandono não pode ser suplantado pelos pais nem por si, é uma das sofridas descobertas adolescentes.

Para Calligaris (2000), o movimento de separação dos pais da infância não ocorre de uma vez por toda. É um processo de idas e vindas em que o adolescente fica em um movimento próprio de ora se aproximar dos pais e ora se distanciar deles, em uma tentativa de

suportar tal separação. O jovem se olha no espelho, como diz Calligaris, e entrevendo seus pelos, suas espinhas, percebendo as mudanças do seu corpo, desejadas ou rejeitadas, “vive a falta do olhar apaixonado que ele merecia quando criança e a falta de palavras que o admitam como par na sociedade dos adultos” (2000, p. 25). O autor vai dizer ainda que a “insegurança se torna o traço próprio da adolescência”.

Compreender-se limitado traz mais um sofrimento para o adolescente devido à perda da onipotência infantil. Com isto, só resta ao adolescente caminhar, criar, modificar e conservar o que possui. Ele também se vê impelido a refletir sobre a ética, isto é, sobre o seu agir, estabelecendo parâmetros morais incipientes, diante do seu desejo de transgressão, que o mobiliza a sair do seu lugar em busca da sua distinção e da sua singularidade. Este movimento de confronto dialético entre si e a Lei, o Todo, o Perfeito, o Absoluto, permite ao adolescente ir, tal como evidencia Lesourd (2004, p. 123), modificando a “imagem do Pai, nesse tempo de construção psíquica” e se construindo como possibilidades metamorfoseadas, percebendo-o não mais onipotente. Esta imagem paterna, na adolescência, com o desenvolvimento da sexualidade, é suprassumida pelo filho que, simultaneamente, a nega, a conserva e a eleva.

Sobre a sexualidade na adolescência, Lesourd (2004) explica que a puberdade significa o encontro com o sexo. Tal encontro traz sempre sentimentos inesperados que podem ser de satisfação e/ou insatisfação. Este momento deixa um fosso na linguagem do jovem, por não se encontrar palavras para nomear o que se sente. Neste período, o adolescente é convocado a manifestar-se, de acordo com suas formações inconscientes, sobre a sua posição, na sua vivência sexual. Se a experiência da infância, segundo o autor, dava a impressão de que o encontro dos sexos poderia ser algo tranquilo, na adolescência, isso não se confirma. Na realidade, o jovem se dá conta de que as coisas não são tão simples assim, pois os encontros se mesclam com os desencontros com o outro sexo, uma vez que estes são sempre incompletos, faltosos e envoltos em complexidades.

Apesar do sofrimento vivido na adolescência, conforme lembra Alberti (2008), o jovem supera este momento, porém não apaga por completo o vínculo construído com os pais. No entanto, na moratória o jovem precisa, por um lado, negar a onipotência paterna por meio da desidealização; por outro, conservar sentimentos de carinho e de cuidado recebidos por estes pais e, além disso, carece amadurecer este vínculo, elevando a relação que estabeleceu na infância com a produção criativa e trazendo para si a responsabilidade por suas escolhas. A questão da sexualidade está atravessada pela relação do sujeito, inicialmente, com a mãe, depois com o pai, com a cultura, com a linguagem, com o Outro. A sexualidade não se limita às determinações biológicas, pois trata também da relação que o sujeito estabelece consigo e

com o outro de si mesmo, para além de si. Por isto, a escolha do parceiro ou do modo como atua na partilha dos sexos é escolha do sujeito, que surge com abertura a novidades e ao ambiente que foi construído.

A escolha antes referida, segundo a autora, depende do sujeito. Este, por vezes, atribui a um outro fora de si suas ações. Na realidade, tanto o homem quanto a mulher encontram uma falha em si, a qual extrapola sua consciência. No fundo, o desejo de completude da infância continua, só que não é mais possível colocar o pai como o sustentador desta falha. O enfrentamento desta falha é sinal saída para a relação com o outro como marca adolescente, a qual se apresenta de forma singular para cada pessoa, mas também para as diferenças dos sexos. Do ponto de vista freudiano, é comum que os jovens sigam elaborando suas questões adolescentes, tentando lidar com seus conflitos, com seus encontros e desencontros, amando ou desejando alguém.

O encontro com o outro do sexo possibilita a experiência da complexidade da escolha objetual adolescente, bem como indica uma vacilação gestáltica adolescente, vez que este se vê diante de um turbilhão de questões que o deixam inseguro em relação à sua capacidade de responder tantas demandas. Aqui, a autora evidencia a “importância dos pais na adolescência como únicas balizas de que alguma coisa ainda consiste, mesmo se já podemos considerá-la retrógrada, incompreensível, falha incongruente” (2008, p. 31). Tal importância também está relacionada à liberdade existente na relação pais-filho/a.

Dita liberdade está diretamente relacionada à necessidade de saber do adolescente, cuja curiosidade será tanto maior quanto maior for a liberdade do sujeito com seus pais. Ocorre que, a curiosidade, como diz Alberti, “é sempre originalmente sexual: as primeiras investigações da criança são sexuais” (2008, p. 37). O saber está diretamente associado à liberdade do sujeito no que diz respeito à sua forma de agir ante a curiosidade.

É importante ressaltar aqui a existência de uma certa possibilidade de ocorrer o inusitado diante das “escolhas”, uma vez que há “uma certa dose de acaso” (ALBERTI, 2008, p. 39), uma imposição, ou “submissão”, que é compulsória e extrapola o controle do sujeito, isto é, algo que está para além do sujeito, algo mítico, indizível, que foge ao campo da linguagem. O acolhimento gradativo destes acidentes vai traçando o “destino” do sujeito, que segue encontrando saídas para sua vida, desde coisas simples até as mais complexas. Os elementos antes enumerados já fazem um recorte para delimitar um marco demarcatório no espaço de atuação adolescente. Pode-se sugerir, também, que no momento da escolha o adolescente se depare com possibilidades ou com limitações de possibilidades, como ocorre em situações de iminência de morte. Neste sentido, Alberti, ao tratar de escolhas adolescentes,

vai dizer que: “Escolher o próprio destino não é fugir dele, ao contrário, escolher é apostar nele, independente de qual ele seja” (2008, p. 40). A afirmação parece remeter ao dar um passo no escuro. Ocorre que este passo é dado por alguém que ainda não está suficientemente preparado para caminhar na “escuridão”, no desamparo, no sofrimento.

Pois bem, a escolha compulsória, como no caso da reclusão em um espaço confinado com o risco de morte iminente, como foi o caso de Anne, parece não oferecer muitas saídas para o futuro de uma jovem. No entanto, ela, na sua “infinita” possibilidade de criatividade, pode buscar, a partir de sua história de vida e de sua dinâmica psíquica, maneiras de se fortalecer e se manter firme na caminhada da vida, a qual se sustenta a partir da escolha de uma saída, ainda que seja imaginária, fantasiosa, ilusória, religiosa. Quando a situação conjuntural de iminência de morte se sobrepõe a questões existenciais de ordem ontológicas e psíquicas, ela exige do sujeito adolescente respostas criativas, poéticas, realizáveis ou não. Tais respostas vão depender da base constitutiva que forjou este sujeito.

A questão que aqui se coloca é a de se saber como o jovem agirá numa situação em que suas perguntas não podem mais ser respondidas por seus pais idealizados. Neste momento, o adolescente se vê convocado a tomar decisões construindo suas referências, desde o que possui em seu alcance, mas também desde o que foi construído com seus pais da infância. A sacada adolescente dependerá sempre de sua elaboração, que envolve a si, as figuras parentais e a cultura em que ele está inserido, com seus sonhos, mitos, crenças, fantasias, lutas, conquistas. Trata-se aqui de um momento que exige coragem, pois cada escolha feita é de responsabilidade do jovem e trará consequências futuras. Há que se ressaltar ainda que este momento de sofrimento pubertário pode levar o jovem à depressão. A baixa de energia psíquica, para Alberti (2008, p. 42), aparece quando o “eu”, que sente medo, angústia, sofrimento etc., evita sua determinação inconsciente, ligando-se a outros fenômenos da inibição. As limitações da função do eu, na teoria freudiana, podem ocorrer tanto nas fugas defensivas quanto na falta de investimento.

A atitude de retraimento do eu, por fuga ou depressão, leva muitas vezes ao não enfrentamento do conflito, o que pode indicar um não enfrentamento do confronto adolescente com a autoridade dos pais. Este conflito interior-exterior se inicia quando se deseja agradar, simultaneamente, a si e a todos, isto é, aos desejos inconscientes e ao supereu, com suas proibições. Uma vez ocorrendo a inibição, o “eu” é empobrecido em sua função de enfrentamento, mantém sua função recalcante, favorecendo ao narcisismo. Este conteúdo recalcado é o tesouro que pode ser acessado a qualquer tempo. Considerando o sofrimento decorrente da dura realidade conflitiva, o jovem pode buscar na arte, nos sonhos, nas ilusões,

na sublimação, uma saída para o “eu” vencer as dificuldades e enfrentar seu sofrimento, como ocorre uma autoajuda.

A passagem adolescente, tal como frisado pela autora, é um momento de conflitos em que pode ocorrer o retraimento do eu. Tal retraimento empobrece a relação do sujeito com a realidade. Isto se deve ao momento difícil que o sujeito está passando, o que pode ser agravado de acordo com a conjuntura política e social vivida. Por vezes, o jovem prefere não querer saber da realidade e procura agir modificando-a para melhor lidar com ela. No caso da inibição do eu, esta decorre do fato de o sujeito evitar saber quais são os fins a que está submetido. Se este contexto se der no âmbito da escolha amorosa, em que toda demanda, segundo a psicanalista, “é basicamente demanda de amor” (2008, p. 43), o jovem buscará “reconhecimento” amoroso no outro/a. Entretanto, tal reconhecimento não corresponde ao que ocorreu na relação com os pais da infância, pois, agora, trata-se da relação com um terceiro, fora da família, que também busca relacionar-se com suas identificações, que nem sempre são cumpridas, mas sim, precárias. A posição de sujeito desejante do amor também se confunde com a necessidade de saber e de crer em algo que sustente a posição subjetiva, no jogo do saber-crer e do não saber-crer.

#### **2.4 Adolescência e sentimento religioso**

Com o exposto no item anterior, percebe-se que o arcabouço simbólico adquirido na relação com os pais permite ao adolescente encaminhar sua vida a partir dos seus desejos inconscientes, os quais possibilitam a convivência com o objeto desejante, a partir do seu saber e de sua crença. Esta convivência passa pela experiência no convívio social, com a comunidade dos falantes, que reconhece e acolhe o jovem adolescente em construção dialética, a qual é atravessada pelas contribuições das figuras parentais, mas também pela cultura que o recebe como mais um membro vivo, retroalimentando o processo de transmitir conhecimentos e crenças próprios da cultura.

Tendo em vista a convivência do adolescente com o mundo que o cerca, tal como menciona Aberastury, ele se vê provocado a levantar questões, a se posicionar e a confrontar:

[...] suas teorias políticas e sociais e se posiciona, defendendo um ideal. Sua ideia de reforma do mundo se traduz em ação. Tem uma resposta às dificuldades e desordens da vida. Adquire teorias estéticas e éticas. Confronta e soluciona suas ideias sobre a existência ou inexistência de Deus (1981, p. 15).



Assim, é possível que o adolescente, não obstante sua crise, busque saídas. Estas já podem ser bem mais elaboradas e ele se sente impelido a encontrar sua identidade e sua visão de mundo. Neste momento, entra em ação a criação adolescente, a partir do seu saber e de suas crenças, para sair da “submissão” aos pais da infância e enfrentar seu sofrimento, tanto o interno quanto o que advém do mundo exterior.

A psicanalista Falque (2003) trata das questões religiosas que atravessam o sujeito em sua passagem adolescente. Em seu artigo *Le dieu des adolescentes: Fonctions du religieux et processus d'adolescence*, ela argumenta que o adolescente se confronta com a seguinte questão existencial ao tempo que edipiana: Quem sou eu?

A autora ressalta que, no tornar-se adolescente, entram em ação dois tipos de processos. Considerando os paradigmas oferecidos pelos mitos tanto de Édipo quanto o oferecido pelo relato bíblico de criação que relata a queda de Adão e Eva, seguida do fratricídio de Caim sobre Abel. Falque (2003) sustenta que, na puberdade, compreendendo-se as transformações psíquicas do jovem, ele se depara com o desejo incestuoso e parricida do destino inevitável, por um lado e, por outro, com o incesto e o fratricídio. A autora argumenta que as duas narrativas do enigma das origens mostram falhas que são ressaltadas pela psicanálise devido à não-inscrição na diferença dos sexos e das gerações.

A fatalidade presente nestas narrativas aprisiona o adolescente nas teias da agressividade das pulsões, reativando a problemática edipiana vivida na infância. Por outro lado, o adolescente realiza a reelaboração da neurose da infância por meio da reestruturação das instâncias ideais e da revisão superegoica em relação ao outro. Desta feita, o adolescente tenta encontrar o objeto que seja adequado a si, para que possa estabelecer uma relação amorosa confiável.

A autora frisa que o adolescente precisa assumir a sua realidade experiencial de finitude quando reconhece que é filho ou filha de seus pais, o que efetiva a aceitação da castração e da procriação. No caso do crente, de acordo com a psicanalista, o sentido religioso exerce uma função, um chamado, para que ele ultrapasse a problemática de vida e morte, em relação a Deus. Neste caso, o jovem crente está envolvido com as duas narrativas míticas, as quais poderiam ser entendidas como contraditórias.

As duas maneiras de pensar trazem consequências familiares acerca de ideias de vida para os indivíduos, independentemente da idade e, especialmente, para o adolescente. Nesta fase do desenvolvimento, o indivíduo carece se constituir como sujeito, que está passando por transformações físicas e psíquicas. Diante disto, a autora entende que o adolescente fica entre

o aproximar-se ou distanciar-se do sentimento religioso e levanta questões sobre se o sentimento religioso teria uma função relevante para o sujeito psíquico.

De acordo com Falque (2003), a partir da sua escuta clínica, o adolescente é invadido pela puberdade, e se vê engendrado no processo de sua subjetivação. Ele se desenvolve a partir da crise que o leva a questionar sobre a vida, a morte, os desejos que se elaboram nesta fase ou seguem sua organização até a vida adulta. As questões existenciais levantadas pelo adolescente: Quem sou eu? Qual é a minha origem? Para onde vou? são reincrementadas por outras, tais como: Por que o amor? Por que existe o mal, o sofrimento?

Ao se referir ao adolescente, a pesquisadora vai dizer que as perguntas antes levantadas são existenciais e tocam o interior do adolescente crente, provocando nele um movimento de saída do seu lugar da infância para a assunção de um lugar na vida adulta. Para a autora, é inegável que na articulação interior do adolescente crente encontra-se, tanto a herança edípica quanto a da fé. Este sujeito participa de duas mudanças, que são as pubertárias, com as mudanças psíquicas decorrentes daquela e as advindas do evento de sua vida de fé, com suas implicações na dimensão religiosa.

Segundo a autora, o resultado do processo de subjetivação do sujeito edipiano e o do sujeito da fé diz respeito ao nascimento do sujeito adolescente crente, em sua função subjetivante. Esta possibilita o investimento do “eu”, bem como favorece à efetivação narcísica para o remanejamento da neurose infantil. Diante disto, a autora compreende que o aspecto religioso pode trazer consigo “uma função de apoio e de sustentação basilar ao adolescente” (FALQUE, 2003, p. 13). Entretanto, ela salienta que é preciso compreender e identificar como o aspecto religioso interfere no processo de subjetivação, pois ele pode tanto transformar quanto impedir o processo de adolescer, dificultando o desenvolvimento da subjetivação, bem com as transformações necessárias ao adolescente.

A autora assevera ainda que, no processo do adolescer, se “evidencia uma função do religioso na subjetivação adolescente ligada com a reorganização edipiana” (2003, p. 132). Ela afirma que esta reorganização perpassa as representações religiosas dos pais do adolescente e estão ligadas diretamente aos afetos, favorecendo a experiências futuras. Tais experiências advêm de cenas e de narrativas singulares inscritas na cultura específica, que modelam a gênese do sujeito adolescente. Para a psicanalista, a função do religioso possibilita, desde a sua modelagem basilar, ressignificar as ideias do ego e reorganizar as identificações para favorecer ao desenvolvimento do superego.

No que diz respeito ao lugar da nostalgia no sentimento religioso do adolescente, Mijolla-Mellor (2004) recorda que a nostalgia provoca uma busca pelo reencontro de uma

situação confortável, que causa anseio na ausência dela, mas fica um desejo que se transmuta no sentimento nostálgico em descobertas para o sujeito. A falta expressa pelo sentimento de nostalgia não diz respeito ao objeto mesmo, ao objeto amado, faltante, mas sim a falta por si mesma, como sendo uma perda identitária, não concreta, mas invisível, porque se trata de afeto, de sensação de ausência, de uma fantasia inconsciente. Tal sensação, de acordo com Mijolla-Mellor (2004), pode ser entendida a partir da forma como os alemães consideram a palavra *Heimweh*. Esta refere-se à saudade do lar, da pátria, que realmente pode muito bem ser associada aos adolescentes, que entram em outro ciclo da vida e deixam a casa, deixam seu corpo infantil e são projetados para viverem a adultez, estando jogados no mundo para exercerem uma profissão, um trabalho. Para autora, são os adolescentes que sentem por primeiro esta nostalgia com mais nitidez, como se percebe no que segue:

Os sintomas desta moléstia consistem em uma aversão aos hábitos estrangeiros, uma tendência ao isolamento, uma suscetibilidade, até mesmo intolerância, contra as brincadeiras, mesmo anódinas, e uma tendência a louvar o país natal e a denegrir os outros. O resultado é um estado melancólico que conduz à morte” (p. 36).

A associação do sentimento de nostalgia com os adolescentes é feita por conta do sofrimento que eles vivem em seu momento de transição para a adultez. Sobre eles, a autora revela ainda que, de acordo com pesquisadores desta patologia, os jovens que apresentam os sintomas da referida moléstia são normalmente aqueles que vivem em grupos fechados entre si, endogâmicos.

Como os adolescentes são apresentados como sendo os primeiros a sentirem a nostalgia como patologia do tempo, a proposição kantiana parece encontrar eco, pois, segundo a autora, ele vai encontrar no sentimento nostálgico, primeiro uma “patologia do tempo que do espaço”, um lamento que causa sofrimento pela perda da jovialidade e não pelos pais que foi obrigado a deixar. Outro ponto que merece destaque sobre a nostalgia, apresentado por Mijolla-Mellor (2004), diz respeito à astúcia de um médico francês que, em período de guerra, ofereceu como remédio para mitigar a nostalgia de seus pacientes a transformação do ambiente ameaçador em familiar, fazendo de conta que os superiores do destacamento desempenhavam papéis de figuras parentais como, por exemplo, o pai que consola.

Ao levar em conta a questão de que o sentimento religioso pode dar sentido à vida, Falque apresenta a afirmação de um paciente adolescente: “Eu creio, a partir daquilo que me disseram e do que eu experimentei” (2003, p. 134). Esta explicação pessoal ratifica o caráter subjetivo da fé e implica duas considerações a serem feitas na clínica, quais sejam: o processo

do adolecer e a questão religiosa. A psicanalista diz que, no trabalho analítico, o confronto entre estas duas situações se intensifica, levando-as a se aproximarem ou a se distanciarem, num processo dialético, em que há a interação entre o religioso cultural e a dinâmica da fé.

A modo de ilustrar o anteriormente exposto, trazemos os relatos feitos pela psicanalista acerca de alguns fragmentos obtidos no atendimento de dois adolescentes de 17 anos. O primeiro chega pela primeira vez com uma cruz no peito e fala sobre a primeira comunhão do seu irmão, ocorrida no último domingo, dizendo:

Eu gosto (...) houve uma festa, como houve pra mim, uma celebração e depois uma ida ao restaurante em família e alguns presentes. Ele ganhou um violão, como eu, e eu estou escutando ele repetir seus acordes. Espero que ele vá também até a confirmação (crisma). Eu posso ensinar a fé para pessoas que se questionam, ateus, não praticantes, graças ao catecismo: por exemplo, Deus é útil? O que isto provoca. Deus quer a nossa felicidade? . (2003, p. 134).

A psicanalista prossegue perguntando: “... seus pais são praticantes?” O adolescente responde e apresenta outras questões, como segue:

Sim, meu pai sim; mas minha mãe, eu não sei, ela gosta de ir à igreja;  
 - Quando a gente acredita em Deus, a gente acredita em si mesmo. - Quando estou deprimido, tenho esperança no amanhã;  
 - A fé é fazer algo para os outros, por exemplo, o Abade Pierre, o monsenhor Gaillot, ele se ocupa dos outros (dos pobres, dos sem teto, dos excluídos, desabrigados) esqueci o nome dele ... isto supõe ser sólido internamente (supõe ser forte por si só, auto fortalecimento);  
 - Deus é a chama em cada um, em cada homen;  
 - Deus, é como minha mãe, não se explica, não se representa;  
 - Deus de outros países, dos indianos ou de outros, não é o mesmo. - Deus, é abstrato, não é uma pessoa que a gente ver. Nós podemos conhecê-lo pela Bíblia; Jesus no Evangelho. Por exemplo, a multiplicação dos pães: é verdade isso? é abstrato, mas isso é associado a momentos na vida;  
 - A Missa, me acalanta com as palavras da Bíblia. (2003, p. 134).

Depois que o jovem fez referência à missa, a psicanalista relatou que o adolescente fez uma associação da emoção sentida na missa com a lembrança da emoção sentida quando era pequeno, dizendo: - “Eu construí um presépio para o Natal, fiquei orgulhoso.”

E o paciente segue:

-Meu pai me disse que é hipocrisia ir à missa se a gente não confessar.  
 - Não se pode ir à igreja como pecador ... Mas nunca somos perfeitos ... Por exemplo, um criminoso não pode retornar a uma igreja; ele não é aceito pelos outros. Houve uma vez; Esqueci seu nome (Babel), em que os homens quiseram ter mais autoridade que Deus;

- Tudo isto tem valor, como a biologia: a criação ..., o big-bang ... Pode-se dizer que é delírio. Um padre não é biólogo. (2003, p. 134-135).

Ao contrário da fala desse primeiro adolescente crente, a pesquisadora apresenta a fala do segundo adolescente, que assim falou durante uma sessão:

- Uma noite desta semana, fui com dois amigos à igreja protestante a uma reunião de oração com católicos. Chegamos atrasados. Eu não escutei nem os textos nem os louvores; eu não tenho interesse nisto, nem motivação para tal.  
 -Tenho lembranças ruins da educação religiosa: estava no catecismo com minha mãe; a gente era obrigado a escutar. De qualquer modo, se eu estivesse com qualquer outra pessoa, não teria escutado;  
 - Eu fui obrigado a ir à missa até meus 15 anos.. Eu tenho péssimas lembranças;  
 - Agora eu tenho coisas melhores para fazer ... por exemplo, dormir no domingo de manhã. (2003, p. 135).

Quando a psicanalista pergunta ao jovem se ele ganhou algo com estas coisas, ele responde: - "O Respeito pelos outros, não julgar". Em seguida, outra pergunta lhe é feita pela psicanalista: "Você desejaria isto para seus filhos? «Ele responde: "Sim, apesar de tudo. Os Protestantes criticam os católicos: pela Eucaristia, pelo o Papa, pela morte, por causa da AIDS". A psicanalista segue e pergunta o que ele acha desta afirmação. O jovem responde: "O preservativo é necessário; minha mãe me disse".

As duas posições adolescentes antes apresentadas ilustram bem como ocorre a reflexão no seu processo de subjetivação diante do campo religioso. A crença, a fé, diz respeito a uma adesão de todo o ser a Deus, uma relação com Alguém vivo. Por um lado, se um dos adolescentes toma conta da sua fé, de uma celebração, de um rito de “comunhão”, um ensinamento que ele recebeu para ser repassado para outros, além do sentimento especial que ele atribui a seus pais. Por outro, um adolescente não consegue se posicionar em seu próprio nome e escolha, demonstrando uma falta de interesse e motivação, apesar de também ter recebido ensinamentos religiosos.

O que se percebe é que se trata de um ensinamento que foi recebido como legado repassado por seus pais ou representantes, em uma relação de filho-pai-mãe, na qual Deus é colocado na cena do romance familiar. Esta forma de atuação pertence ao ambiente religioso cultural, ficando o sujeito livre para aderir ou não a estes ensinamentos, apropriando-se ou se reapropriando de cada um deles, por sua escolha pessoal, em que o Eu se separa, distingue e reconhece o outro. Evidencia-se que enquanto um jovem fala de sua escolha, de sua

experiência pessoal, a partir da experiência do seu sentimento interior com as pessoas, o outro jovem expressa mais uma rejeição, ou talvez indiferença, muito mais ligada a uma problemática com suas figuras parentais.

Diante do exposto, a autora compreende que a fé é experienciada e vivenciada a partir do encontro com o outro, cujas raízes estão na infância primeva, que se manifesta, especialmente, na adolescência. A experiência mais arcaica se une à expressão religiosa, a qual aponta para o psiquismo humano e para a necessidade de acreditar em algo superior, para além da compreensão racional, isto é, acreditar em uma transcendência como uma vivência especial, assim como o adolescente convicto de sua fé em Deus que disse: “Deus é uma chama em cada jovem; é como minha mãe, não se explica, não se representa”, apenas se vive.

Neste processo de elaboração da crença, a autora assevera que a necessidade de crer e do “reconhecimento” confirma o sujeito em seu berço narcísico. Isto decorre do fato de o encontro com o outro se dá conforme a interiorização, que ocorre de forma simultânea, consigo e com o outro de si, diferente e complementar, num movimento dialético do reconhecimento, que envolve a dinâmica afetiva e representativa.

Às vezes, figuras religiosas tendem a ser supervalorizadas como figuras paternas. Isto pode, em relação ao investimento econômico, favorecer ao distanciamento, ao deslocamento e a uma separação das figuras parentais, mas elas também podem deixar o sujeito na idealização, ou na ilusão, na dependência e na submissão. A crítica freudiana acerca da religião como sendo uma neurose, mais ou menos patológica, apresentada em Moisés e o Monoteísmo, mostra-se também incompleta, uma vez que o processo do adolescer também está inserido nesta questão religiosa. Além disto, o adolescer pressupõe a possibilidade de reelaboração da neurose infantil e dos avatares do sujeito, promovendo o trabalho de subjetivação do sujeito psíquico.

No processo vivencial do adolescer, o Eu, a partir de sua história, de sua sexualidade, de sua singularidade e das suas semelhanças e diferenças, além da submissão dos determinismos dos desejos e dos conflitos, elabora um projeto desde seu confronto com o “outro”. Neste sentido, o Eu, o Tu e o Nós são mantidos em uma relação dialética, em que há simultaneidade de aproximação e distanciamento conflitivo, permitindo uma convivência compartilhada e prazerosa.

Para tratarmos do sentimento religioso de Anne Frank, a palavra “religião”<sup>3</sup> servirá de fio condutor para o desenvolvimento da análise. O vocábulo “religare” significa ligar, desligar

---

<sup>3</sup> Religião: Costuma-se dar duas interpretações etimológicas de ‘religião’. Segundo uma delas, ‘religião’ procede de *religio*, vocábulo relacionado com *religatio*, que é substantivação de *religare* (= “religar”, “vincular”, “atar”).

e ligar de novo. Religar para unir, pode ser compreendida aqui como uma função do religioso, ou um compromisso a ser cumprido pelo sujeito adolescente. O jovem pode assumir seu compromisso pessoal, o que pode ser compreendido como o estabelecimento com o ligamento dos laços originários e o seu desligamento necessário ao momento adolescente, quando este começa a restabelecer diferenciação, distinção e separação das figuras parentais da infância.

A ideia da religião pode servir à reorganização do sujeito, à sua suprassunção, que significa, simultaneamente, negar, conservar e elevar pontos necessários ao crescimento do adolescente. Este efetiva a negação, quando suprime alguns aspetos infantis da relação com seus pais; a conservação, quando mantém outros elementos, como raízes suficientemente sólidas, que conserva algo do narcisismo primário e do sentimento ininterrupto da manutenção do existir; e a elevação, ao trazer contribuições novas, a partir de sua criatividade no movimento do duplo criador para o seu desenvolvimento e subjetivação.

---

Segundo outra – baseada numa passagem de Cícero, *De off.*, 11, 3 -, o termo decisivo é *religiosus*, que é o mesmo que *religens* e que significa o contrário de *negligens*. Na primeira interpretação, o próprio da religião é a subordinação, e vinculação, à divindade; ser religioso é estar religado a Deus. Na segunda interpretação, ser religioso equivale a ser escrupuloso no cumprimento dos deveres que se impõem ao cidadão no culto aos deuses da Cidade-Estado. (MORA, 2001, p. 2506).

### 3 ANÁLISE DO SENTIMENTO RELIGIOSO DE ANNE FRANK EXPRESSO EM SEU DIÁRIO

Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda. (p. 19). (Diário de Anne Frank, 2014).

A declaração acima escrita por Anne Frank na abertura do seu diário, justamente no dia do seu aniversário de 13 anos, em 12 de junho de 1942, 27 dias antes de se esconder no Anexo, indica a disposição da jovem em dar seu testemunho sobre tudo o que vinha à sua mente. Esta declaração lembra as palavras de Clarice Lispector (2019, p. 85), quando escreveu em *Água Viva*: “Agora te escreverei tudo o que me vier à mente com o menor policiamento possível. É que me sinto atraída pelo desconhecido. Mas enquanto eu tiver a mim não estarei só”.

Nesta perspectiva poética, pretende-se analisar o diário de Anne Frank a partir da teoria psicanalítica, tencionando compreender como se manifesta o seu sentimento religioso em face do sofrimento psíquico. Neste sentido, a religião será considerada, com base na crítica freudiana, como ilusão, a qual não pode ser compreendida à luz da razão própria da lógica formal, instrumental, senão que pela transracionalidade referida por Vaz (2000).

É mister levar em conta também que a escrita pessoal não é um fenômeno recente, nem tão pouco permaneceu fixa desde os seus primeiros registros. A busca por escritura íntima foi utilizada por muitos jovens como um ritual de passagem, indicando a entrada na adolescência, particularmente para as jovens. O desinteresse por esta produção indicava um amadurecimento na adolescência, o que sugere que a passagem e transitoriedade por este tipo de escritura possibilita que o diário íntimo exerça uma função subjetiva capital neste período de transição para o ser humano.

A “escrita de si”, a autoescrita, registrada em um diário íntimo é uma invenção moderna. Tal fato é bem identificado por Foucault (2018, p. 130), em seu texto “A escrita de si”, em que ele diz que a escrita de si “atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível”. Ele diz também que “o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha”. Ele acrescenta que a escrita de si já era exercida pelos gregos, quando traz Sêneca, com suas “Cartas a Lucílio” e sua afirmação: “É preciso ler, dizia Sêneca, mas escrever também” (p.133). Entretanto, ele vai



destacar que esta escrita, como narrativa do eu, só venha a ser realçada quando do Renascimento.

Sobre a autoescrita, Freud (1909), em seu texto *Romances Familiares*, traz reflexões acerca do período de organização psíquica do jovem pubertário que constrói seu próprio romance pessoal. Tal romance pessoal aponta para a presença do movimento do duplo criador na escrita de si, a qual foi realçada recentemente pelo psicólogo e professor Jung (2016), em suas pesquisas mais recentes, no texto: *Le double créateur dans l'écriture de soi*.

A pensar no povo grego antigo, a narrativa de si não objetivava explicar um “eu”. Ela expressava uma subjetivação, por meio do que fora dito pela tradição, que se apresentava como discursos recorrentes. Citavam textos consagrados pelos antigos e por autoridades. Ocorre que esta forma de escrita entre os cidadãos na *polis* grega não se resumia às memorizações de preceitos, mas funcionavam como uma forma de estabelecer relação entre o “em si” e o “para si”, como faz Hegel (2002), ao refletir sobre o caminho que a consciência percorre para elaboração do conceito. O que fora dito da tradição tem fundamental importância, mas adquire um novo valor quando re-dito, re-elaborado, re-fletido. Neste caso, combinam o consagrado tradicionalmente com o universal, com a particularidade de cada circunstância e com a singularidade da verdade que se afirma em cada sujeito, de acordo com o uso na prática corrente de cada indivíduo.

Sob esta perspectiva de afirmação subjetiva na prática da autoescrita, o Diário de Anne Frank será aqui analisado. Ele foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial, no período de 12 de junho de 1942 e 1º de agosto de 1944, quando Anne estava entre seus 13 e 15 anos de idade, na Holanda. Neste período, ficaram reclusas 8 pessoas no Anexo ao escritório de Otto Frank, pai de Anne. Eram eles: Otto Frank, Edith Frank, Anne e sua irmã Margot, o casal Van Dan e seu filho Peter e o Sr. Dussel. Assim sendo, o diário antes referido será analisado a partir da teoria psicanalítica, objetivando analisar uma faceta do vínculo entre o sentimento religioso e o sofrimento psíquico de Anne Frank expresso em seu diário. Para tanto, considerar-se-á basilar o processo de desenvolvimento psicosssexual da jovem, a partir da compreensão da narrativa edípica, por um lado e, por outro, o desenvolvimento do sentimento religioso da adolescente Anne Frank, a partir da educação recebida, que incluía a religião numa perspectiva da narrativa adâmica e numa dimensão dialógica entre o “eu” de Anne e seu “outro de si”, Deus.

A religião merece ser destacada aqui porque é um fenômeno importante e fundamental do inventário psíquico de uma civilização. Diante disto, o sentimento religioso, percebido pelo “eu”, apresenta-se primeiro como uma necessidade de crer em uma relação homem-

Deus, que parte de uma necessidade subjetiva e pessoal de crer. Tal sentimento é expresso pelo crente que vivencia a experiência religiosa, a qual é associada à nostalgia pelos pais da infância, a partir do afeto. Esta nostalgia remete aos primeiros laços afetivos estabelecidos inicialmente com a mãe e depois com o pai, na infância. A saudade da ternura, do cuidado, do amor, do carinho, da proteção, do conforto, do apaziguamento recebidos pelos pais não se reduz à nostalgia dos pais concretos, mas sim da nostalgia dos sentimentos fortalecedores percebidos pelo eu, trata-se de uma nostalgia inconsciente.

Dito isto, serão buscados elementos que favorecem à organização do “eu” da adolescente na evocação do seu sentimento religioso. Este será expresso pela jovem, a partir da narrativa mítica adâmica. Merece ressalva, neste momento, o fato de que Anne Frank não era judia ortodoxa, embora expressasse sentimento religioso desde as concepções judaicas, mas aberta a outras leituras, como a cristã, por exemplo.

É importante ponderar o entendimento de Falque (2016), segundo a qual a narrativa edípica determina o destino do jovem para a psicanálise, mas não contradiz a narrativa mítica da “queda” de Adão, como organizadora da fé. A autora ressalta que o desenvolvimento sexual do jovem crente segue seu caminho edípico e, em paralelo, seu caminho religioso. A ressalva feita faz-se necessária para que sejam estabelecidos limites entre a área de atuação da psicanálise e a da teologia que, apesar de possuírem referenciais de narrativas míticas diferentes, ambas estão presentes na dinâmica psíquica da jovem crente, em sua integralidade subjetiva. Para o aprofundamento do tema, serão utilizadas noções conceituais de nostalgia, de duplo criador, de forjamento, de idealização, de des-idealização, de ilusão criativa, de ideal do “Eu”, de submissão e de reconhecimento, como necessários ao aprofundamento da questão do sentimento religioso da jovem.

No diário de Anne Frank, serão analisados relatos, testemunhos, confissões, impressões e tudo o que vem à cabeça da confidente. Os registros são desabaços de tudo o que está preso no seu peito. Ela parece se sentir à vontade para escrever, pois afirma logo nas primeiras páginas do seu diário, em 20.06.1942: “O papel tem mais paciência do que as pessoas”. Essa afirmação demonstra a confiança e a credibilidade que a autora atribui ao seu diário. Tal compreensão assegura o valor simbólico que as folhas brancas assumem antes e depois de receberem as marcas da escritora, que escreverá livremente, apesar de estar fisicamente presa.

Além das confissões expressas no Diário de Anne Frank, e dos fatos ali relatados, também serão utilizadas nesta pesquisa informações constantes no site [www.annefrank.ch](http://www.annefrank.ch), da Fundação Anne Frank e na Obra Reunida/Anne Frank (2019). A investigação seguirá tendo

como base a teoria psicanalítica para analisar o sentimento religioso de Anne Frank que vive em situação de extrema adversidade, sendo perseguida e na perspectiva de morte iminente. Para tanto, considerar-se-á basilar o processo de desenvolvimento psíquico da diarista e o processo do desenvolvimento do seu sentimento religioso.

Cabe ressaltar, outrossim, que o aspecto afetivo do sujeito é a base em que se assenta o sentimento religioso. Portanto, este aspecto afetivo desempenha papel fundamental na função do religioso porque serve de “argamassa” que possibilita as ligações afetivas entre amante e amado, educando e educador, entre mãe e bebê, entre pai e filho, entre familiares e entre ser humano e Deus. Desta feita, servirão de base para compreensão desta análise as contribuições psicanalíticas das narrativas edípica e adâmica, que não se contradizem e são utilizadas no processo de elaboração do sentimento religioso de Anne.

O sentimento religioso é secundário e, portanto, depende da educação transmitida pela família do crente. Uma referência para analisar o sentimento religioso de Anne será considerar o vocábulo religião, que vem do latim “religare”, em seus três momentos: ligar, desligar e religar. O “ligar” faz referência ao apego afetivo do bebê à sua mãe e seu pai, à idealização dos pais nos primeiros anos de vida, mas também se refere à educação religiosa preliminar recebida no meio familiar ou em outro espaço social; o “desligar” está associado ao desapego afetivo, ao desligar religioso, à des-idealização dos pais da infância e aos questionamentos do adolescente sobre o que lhe fora transmitido sobre Deus, sobre suas origens e a do mundo, sem apagar o que vivera e sentira nos primeiros anos de sua vida, nem o que lhe fora transmitido acerca da educação religiosa e; o “religar”, que diz respeito ao “re-apego” afetivo e ao religar religioso, em que o sujeito suprassume o que recebera em seu desenvolvimento e em sua educação religiosa. Neste terceiro momento do desenvolvimento religioso, o sujeito nega, conserva e eleva alguns aspectos do que fora recebido em sua formação afetiva-religiosa e faz suas escolhas sexual e religiosa autônoma, a partir de convicções e avaliações pessoais.

O sentimento religioso de Anne Frank será analisado a partir da nostalgia dos afetos vivenciados na relação amorosa entre mãe e filha e entre pai e filha. Esta nostalgia está associada ao fato de que no princípio psíquico é o amor, como afirma Kristeva (1987), a unidade, a completude que dão base para todas as relações futuras do sujeito. Este princípio dialógico perpassa toda a vida psíquica do sujeito que executa o trabalho do seu duplo criador e se objetiva nas relações pessoais propriamente ditas, e também naquela que o crente estabelece com o “outro de si” que ele chama “Deus”. Assim sendo, este capítulo seguirá a sua distribuição, da seguinte maneira: primeiro será efetuada uma breve contextualização do

nascimento de Anne e sua relação afetiva com seus familiares. Em seguida, serão feitas algumas considerações sobre o diário da adolescente; depois serão apresentados alguns conflitos familiares, o medo e o desligar do sentimento religioso de Anne; finalmente, será apresentado o sentimento religioso de Anne Frank como resposta ao seu desamparo e como expressão de sua autonomia. Vale ressaltar, aqui, que a escritora faz seus registros diários, pela última vez, em 1º de agosto de 1944, três dias antes de a família ser encontrada e encaminhada para o campo de extermínio nazista.

### **3.1 Contextualização: nascimento de Anne e relação afetiva com seus familiares**

Ao apresentar a vida de Annelies Marie Frank, a quem chamavam Anne, Pressler (2019) vai dizer que ela nasceu em 12 de junho de 1929, em Frankfurt am Main, Alemanha. A escritora afirma que não há como falar de Anne sem apresentar a conjuntura política em que Anne viveu, a qual foi determinante para a sua vida e a conduziu à morte. A autora inicia informando que Anne nasceu quando sua irmã, Margot Betti, tinha três anos. Ela afirma também que “foi com grande alegria que o casal teve sua segunda filha Annelies Marie” (p. 572). A tradutora diz ainda que “a família estava mais que feliz com o nascimento dessa segunda filha, sobretudo Alice, a mãe de Otto (pai de Anne), e sua irmã Leni” (p. 572). Dos fragmentos antes transcritos, pode-se sugerir que o ambiente familiar estava preparado para receber aquele bebê com muito amor e carinho. Este clima de acolhimento, bem apresentado por Pressler (2019), pode ser sugerido também, a partir da observação da foto do ANEXO A, em que Edith olha para o rosto do seu bebê, Anne. Enquanto Margot olha para a câmera fotográfica, Edith segura seu bebê no colo, com bastante carinho e zelo. Esta cena remete à ideia de Winnicott (1975), quando diz que o primeiro espelho que o bebê se depara “é o rosto da mãe” (p. 174).

Assim, é possível inferir, juntamente com Pressler (2019), que a relação afetiva mãe-bebê se deu em clima harmonioso e de muito amor materno, o qual parece ter sido suficientemente bom para garantir a ligação do laço afetivo entre mãe e filha. É importante considerar, aqui, que a função materna é basilar na sustentação psíquica da criança, tanto para atender as suas necessidades físicas quanto psíquicas.

A convivência agradável e amigável das irmãs atestada pela autora, parece ter sido o desejo dos pais. Isto pode ser sugerido a partir da foto do ANEXO B, tirada em 1929, em que aparece Margot segurando sua irmã Anne. Margot, que tinha três anos, estava sorridente ao segurar sua irmã mais nova. Ela parece ter sido preparada pela família para segurar

cuidadosamente sua irmã que ainda era um bebê. Segundo a Fundação Anne Frank, com o nascimento de Anne, a família saiu da casa da mãe de Otto, Alice, e foi morar em um apartamento alugado, bastante espaçoso, em Marbachweg, que ficava nos arredores de Frankfurt. Neste período, Anne crescia alegremente, segundo a referida fundação e se tornara uma criança vivaz, obstinada e cheia de curiosidades, tanto que era chamada por sua avó materna, Alice, de “pequena mulher”. A criança era considerada bem-humorada, reservada e descomplicada. A esperteza e vivacidade de Anne referido pela fundação pode ser percebida por intermédio da observação da foto que caracteriza o ANEXO C, em que ela aparece brincando e sorridente.

A situação econômica e as restrições aos judeus começavam a ficar difíceis e, de acordo com site: [www.annefrank.ch](http://www.annefrank.ch), em 1931, por uma questão econômica, a família muda-se para um apartamento menor e mais barato na Ganghoferstrasse. Tendo em vista que a situação pela qual os judeus estavam passando só piorava, mais uma vez a família decidiu voltar a morar na casa da mãe de Otto, no final de 1932, na Mertonstrasse. Apesar de tudo, a vida das crianças corria tranquila em Frankfurt. Edith e Otto cuidavam de suas filhas em clima afetoso, como se pode perceber a partir das fotos apresentadas no ANEXO D, tirada em 1931, em que aparece Edith com a pequena caçula e no ANEXO E, tirada em 1930, em que aparece Otto com suas duas filhas. A foto do ANEXO D sugere que Edith está expressando satisfação em estar com Anne, e esta aparenta estar contente, vez que sorriu. Da mesma forma, a foto do ANEXO E mostra Otto com suas duas filhas, sorrindo e olhando para sua caçula. Margot parece estar alegre, enquanto Anne demonstra estar bastante centrada, aparentando tranquilidade, pois estava nos braços do seu pai. As fotos sugerem que os laços afetivos entre pais e filhas estão sendo construídos de forma prazerosa e satisfatória, como assevera a Fundação Anne Frank.

A conjuntura política na Alemanha já não estava tão boa. No dia 30 de janeiro de 1933, Adolf Hitler foi nomeado chanceler do Reich. Depois de um mês, começou o terror de estado contra opositores, esquerda, liberais, intelectuais e judeus. Esta situação deixava evidente que Otto não tinha mais espaço nesta perspectiva nacional-socialista. Ele e sua esposa, desejando oferecer uma infância mais tranquila às suas filhas, para que tivessem uma educação liberal em segurança, resolveram emigrar de Frankfurt para Amsterdã, na Holanda.

A partir do dia 1º de abril de 1933, iniciou-se o boicote nacional-socialista às instituições judaicas, consultórios médicos, lojas, escritórios de advogados, dentre outros. Muitos, inclusive a direção da comunidade israelita, pensavam que a situação iria passar, pois divulgaram nota argumentando que um judeu alemão não deveria fugir.

Mas a família Frank não confiava e, além de tudo, a situação econômica não estava bem, visto que Pressler (2019) registra que o banco da família estava passando por muitos problemas e não havia esperança de melhoras. Diante da situação, os Frank resolveram mudar para Holanda, quando Margot tinha 7 anos e Anne 4, como se percebe na última foto do ANEXO F, tirada antes de a família partir para Holanda. Esta foto registra os últimos momentos que Edith e suas filhas passaram em Frankfurt. Elas, segundo a autora, ficaram aguardando que Otto preparasse o ambiente possível para recebê-las. O casal, segundo a autora, priorizava muito a educação e o desenvolvimento de suas filhas. Elas eram tratadas com muito respeito e seus pais participam atentamente de suas vidas.

Otto Frank, conforme o site da Fundação Anne Frank, viaja para Amsterdã, em janeiro de 1933, e deixa esposa e filhas na Alemanha. Ele funda a filial da empresa Opekta de onde passa a tirar seu sustento familiar. Edith e suas filhas vão morar na casa da avó materna, Rosa Holänder. No final de dezembro daquele ano, Edith e Margot seguem para encontrar Otto. Anne continua na casa da avó materna e, em fevereiro de 1934, encontra-se com sua família em Amsterdã. Desta forma, findou-se a vida dos Frank em Frankfurt am Main.

A família Frank chega à Holanda e “logo se sentiu à vontade”, tal como especificado por Pressler (2019, p. 573). Isso mudou quando o exército alemão invadiu a Holanda, em 1940, e foram impostas muitas ações e medidas repressivas em relação aos judeus.

### **3.2 Educação religiosa**

Em maio de 1934, conforme Pressler (2019), na Obra Reunida/Anne Frank, Anne Frank chega a Amsterdã, com 4 anos de idade, para encontrar seus pais e sua irmã. Ela brincava e se adaptava rapidamente com as crianças de sua idade, fazendo amigas como Hannah Goslar e Jacqueline van Maarsen, que depois se tornarão suas melhores amigas. Depois de um ano na Holanda, Anne inicia seus estudos em uma escola Montessori. Esta escola dá a liberdade para que a garota se desenvolva com seu temperamento. Um de seus professores, conforme o site da Fundação Anne Frank, disse que Anne não era uma criança prodígio, mas era muito simpática, “muito madura em algumas coisas, mas incomumente infantil em outras”. Depois, ela passa a estudar no Liceu Judeu que foi o espaço de estudo possível para desenvolver seus primeiros conhecimentos, bem como se relacionar com amigos normalmente, como se percebe ao observar as fotos dos ANEXOS G a M.

Durante a infância de Anne na Holanda, seus pais se preocupavam com os parentes de Edith que permaneceram na Alemanha. Mas Anne teve uma infância protegida, de acordo

com a citada funação. Ela vai à escola, nas horas vagas reúne-se com amigos e, nas férias, sua família visitava parentes na Suíça ou ia à praia. No inverno, ela gostava muito de patinar no gelo.

Depois de entrarem na Holanda, os nazistas começaram a tomar várias medidas restritivas contra os judeus. Iniciaram pela retirada de funcionários públicos, com a conhecida “arianização” ou mesmo “desjudialização” da economia. Levaram os judeus ao isolamento social e a perda de direitos. Como Otto já tinha informação do que ocorrera na Alemanha, sua empresa já estava em nome de dois amigos não judeus, o que evitou a desapropriação. Mas a maldade nazista não parou por aí. Novos decretos antisemitas foram editados e atingiram a família em cheio: as crianças judias foram impedidas de frequentar escolas em companhia das não judias. Foi quando Anne acabou sendo encaminhada para um liceu judaico.

Entre 1940 e 1942, Anne enviou nove cartas, as quais “foram escritas em holandês e vinham acompanhadas de uma tradução de Otto Frank” (PRESSLER, 2016, p. 132). Em uma destas cartas, ela escreveu para sua avó Alice e falou que sua amiga Hanneli estava doente. Falou também que dormir com seu pai era algo bom, mas que preferia que as coisas voltassem ao normal. Ficou evidente que a garota estava ciente da situação. Ela continuou explicando suas dificuldades nas matérias de estudo e acrescentou: “No momento, as aulas de religião judaica foram suspensas; no inverno, eu creio que também não poderei frequentá-las, pois teria de voltar para casa no escuro, e isto eu não gostaria nem tenho permissão de fazer” (p. 133).

Ao tratar das matérias estudadas, em outra carta dirigida à sua avó paterna, Alice, Anne refere-se à aula de religião judaica. Esta referência é um indicativo de que a educação religiosa fora transmitida a Anne. É certo que não era uma formação rígida de cumprimento de leis. Diante disto, é possível inferir que Anne tenha tido uma educação religiosa como parte da sua formação. Esta educação, certamente, contribuiu com a educação de Anne na formação do seu sentimento religioso.

Em 1941, com 11 anos e meio, Anne escreveu outra carta para sua avó paterna, Alice, que morava na Suíça, e iniciou da seguinte forma: “A todos que eu amo”. Ali ela relatou fatos ocorridos em sua vida, como segue: “Eu quase não tive oportunidade de me bronzear, porque nós não podemos mais frequentar a piscina. É uma pena, mas não podemos fazer nada para mudar isso” (PRESSLER, 1916, p. 137). Aqui já se evidencia que os judeus não podiam frequentar piscina, nem espaços públicos. Anne, ao que parece, aceitava esta situação proibitiva como óbvia e já apresentava uma forma reflexiva de lidar com a situação.

A educação religiosa de Anne também foi referida por seu pai, depois que saiu do campo de extermínio, em uma carta dirigida à sua irmã Leni. Nesta carta, ele escreveu:

Passei os dias de Ano Novo com Hanneli. No Dia de Expição eu possivelmente não irei à sinagoga. O serviço religioso liberal ainda não foi estabelecido e o outro não me atrai. Eu sei que Edith não pensava de forma tão estrita. Ela também nunca pediu para que eu jejuasse e sabia que somente ia ali para acompanhá-la. Se ela ou as crianças estivessem aqui, eu teria ido, mas não faz sentido ir agora sozinho. Isto seria hipocrisia. Ficarei em casa. (PRESSLER, 2019, p. 233-234).

Do acima escrito, fica evidente que Otto tinha relação com a religião judaica liberal, não ortodoxo. A ele não interessava o dogmatismo nem o formalismo religioso. O sentimento religioso em Otto pode ser aí sugerido como fazendo parte de sua vida de forma livre da rigidez da lei e de cumprimento de preceitos institucionais religiosos. O ambiente religioso vivido por Anne era liberal, uma vez que seus pais não eram ortodoxos. Mesmo que Edith pudesse vivenciar algumas experiências mais formais, não exigia isto de Otto nem de suas filhas, pois elas eram livres para ir à escola aos sábados, o que não era permitido aos judeus ortodoxos, segundo a amiga Hanne.

Otto, ao escrever para sua irmã, Leni, diz que recebera Julius, o qual lhe dissera que havia jejuado. Este preceito doutrinário legal da instituição religiosa não fazia parte do modo de ser de Otto, que dissera também, nesta carta: “Eu compreendo que a religião pode nos dar um grande amparo”. O pai de Anne, conforme Pressler (2019, p. 235), segue referindo-se a seu sobrinho Stephan sugerindo que, caso ele tenha disposição, “deveria ler mais sobre a ética judaica” e, sobre ela, confessa: “Sempre achei muito interessante”. Mais uma vez está claro que Otto não vive os rituais religiosos ortodoxos, embora seja afeito a ética religiosa e considere que a religião possa dar grande amparo às pessoas.

Em outra carta escrita para sua irmã, Otto, em liberdade, voltou a fazer referência às suas filhas. Ele aproveitou o momento para dividir com sua irmã e familiares o seu sofrimento. Segundo Pressler (2016), ele escreveu o que segue: “(...) ontem estive na sinagoga para a Festa Infantil da Alegria. Margot e Anne sempre participaram desta festa, inclusive, quando ainda vivíamos em Aachen. Por fora eu sorria, por dentro eu chorava”. (p. 236). Neste relato, Otto Frank demonstrar que ele e sua família frequentavam eventos na sinagoga e que isto fazia bem à família.

### **3.3 O diário**



O último aniversário de Anne em liberdade, em Amsterdã, ocorreu em 12 de junho de 1942. De presente, ela ganhou um diário e iniciou sua escrita dizendo que aquele era o melhor presente que já havia ganho. Este diário ocupou o espaço potencial definido por Winnicott (1975, p. 13) que está interessado “na primeira possessão e na área intermediária entre o sujeito e aquilo que é objetivamente percebido”. O autor fez referência ao objeto transicional e evidencia neste a “substância da ilusão, aquilo que é permitido ao bebê e que, na vida adulta, é inerente à arte e à religião” (p. 13). O psicanalista afirma também que os “objetos transicionais e os fenômenos transicionais pertencem ao domínio da ilusão que está na base do início da experiência” (p. 30). O início das anotações diárias da jovem antecedeu a sua perda de liberdade. As anotações são expressões de sentimentos próprios de uma garota de 13 anos idade. Ela relatou os presentes que já havia ganho, quais pessoas tinha visitado, registrou sobre um clube de pingue-pongue criado por ela e por suas amigas mais próximas. Falou ainda dos garotos que estavam interessados nela e dos sorvetes que tomara. Registrou o seu dia a dia em detalhes. É possível também perceber dos escritos nas primeiras semanas que Anne é excelente observadora e que tem uma escrita bastante aguçada.

Nos primeiros escritos do diário são relatados fatos corriqueiros, porém são destacadas algumas referências acerca da importância de tudo o que foi escrito. No primeiro dia de escritura, em 12 de junho de 1942, Anne registrou seu profundo desejo: “Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda” (p. 19). Destas palavras, fica evidente o desejo da jovem em contar fatos e em “falar” seus sentimentos a “alguém”, a amiga imaginária, que ela atribui o poder de lhe confortar. Das palavras narradas antes transcritas, já é possível sugerir a presença do mecanismo do duplo criador. A jovem se dirige ao diário como se fosse uma pessoa. Ela o utiliza como objeto que serve para externalizar o movimento do autodiálogo interno. Nesta relação dialógica, o eu diálogo com o outro de si mesmo, que espera ser escutado, confortado e ajudado. Diante disto, percebe-se que o papel deste diário é de importância capital para a sustentação do eu, mesmo antes de a garota entrar para o esconderijo.

A jovem precisava realmente fazer desabafos, como se pode perceber na confissão: “Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo que está preso em meu peito” (p. 25). Esta vontade de escrever faz lembrar a necessidade de saber, assim como a necessidade de desabafar é relativa aos sentimentos que estão represados e lembra a necessidade de crer. Necessidade de crer em alguém que a fortaleça e a ajude a suportar

sofrimentos psíquicos. O desabafo faz referência ao que pode ser externalizado, algo que incomoda, que amedronta, que traz sofrimento psíquico.

Outro aspecto relevante a considerar na produção do diário é a ênfase que a diarista dá ao seguinte ditado popular: “O papel tem mais paciência que as pessoas” (p. 25). Vê-se deste ditado que a jovem precisa de “alguém” que seja paciente diante da escuta do seu desabafo. A confessoria também fala de um dos motivos que a fez escrever um diário: “Não tenho um amigo” (p. 25). Esta frase é esclarecida por Anne que se explica dizendo que, na verdade, tem uma família agradável e vários amigos, porém não consegue desabafar com ninguém e por isto precisa de um amigo de verdade. Este relato leva a crer que este amigo de verdade parece atender às características de alguém que: a) a escute e seja fonte de apoio e de conforto; b) seja paciente como o papel; c) seja amigo de verdade em quem se possa confiar. Como não encontra um amigo ou amiga com tais características, ela vai recorrer à sua ilusão criativa para elaborar a imagem de uma amiga com quem pretende dialogar, desabafar, confessar, testemunhar.

A garota destaca, ainda, que não quer escrever em seu diário coisas banais como costumeiramente fazem. Por isso, deixa registrado em seu diário as seguintes palavras: “Quero que o diário seja minha amiga, e vou chamá-la de Kitty” (p. 26). A escrita dirigida a uma amiga imaginária foi a forma que Anne encontrou para se autoajudar na sua organização psiquicamente. O diálogo com a sua amiga Kitty ocorre como um diálogo do “eu” com o “outro de si”, próprio de quem faz autoescrita, ainda que o escritor não se dê conta deste fato. A amiga imaginária, o “outro de si”, é uma criação da autora que constrói seu “ideal do eu” a partir de suas idealizações. Isto quer dizer que o “eu” constrói para “si” alguém que atenda às suas necessidades, como uma categoria lógica, alguém ideal.

Os relatos seguem como exposição pessoal, o que serve para o sujeito fazer uma revisão de si e de sua história, sendo contada para si mesmo. Como a situação na Holanda só piorava, a jovem aproveitou para escrever no dia 20 de junho de 1942, o que segue:

Depois de maio de 1940, os bons momentos foram poucos e muito espaçados: primeiro veio a guerra, depois a capitulação, em seguida, a chegada dos alemães, e foi então que começaram os sofrimentos dos judeus. Nossa liberdade foi gravemente restringida com uma série de decretos antissemitas: os judeus deveriam usar uma estrela amarela; os judeus eram proibidos de andar nos bondes; os judeus eram proibidos de andar de carro, mesmo em seus próprios carros; os judeus deveriam fazer suas compras entre três e cinco horas; os judeus só deveriam frequentar barbearias e salões de beleza de proprietários judeus; os judeus eram proibidos de sair à rua entre as oito da noite e seis da manhã; os judeus eram proibidos de frequentar teatros, cinemas ou ter qualquer outra forma de diversão; os

judeus eram proibidos de ir à piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei ou a qualquer outro campo esportivo; os judeus eram proibidos de ficar em seus jardins ou nos de amigos depois das oito da noite; os judeus eram proibidos de visitar casas de cristãos; os judeus deveriam frequentar escolas judias etc. Você não podia fazer isso nem aquilo, mas a vida continuava. Jacque sempre me dizia: ‘Eu não posso fazer nada, porque tenho medo de ser algo proibido’. (p. 27-28).

Este relato funciona como se a jovem estivesse diante do espelho falando para si. Expressa seu sentimento também diante da situação que vivia seus parentes judeus na Alemanha. A garota relatou suas histórias com amigos e amigas, mas também fez sua referência a Deus. No dia 20 de junho de 1942, desejando suas férias escolares, a jovem assim expressou: “Graças a Deus as férias de verão se aproximam; mais uma semana e nosso tormento vai acabar” (p. 32).

Será que a expressão “Graças a Deus” antes grafada se refere necessariamente a expressão de sentimento religioso? A princípio, pode-se sugerir que quem usa esta frase esteja expressando seu sentimento religioso, mas isto não é suficiente, pois pode também ser usada como vício de linguagem. No caso de Anne, tem-se um alibi pelo fato de ela ter recebido os primeiros cuidados de uma mãe crente.

A professora seguiu se dirigindo a Kitty para contar suas histórias com amigos e amigas. Ela tratou também de seu sentimento amoroso, em 1º de julho de 1942, quando afirmou:

Amo Peter como jamais amei alguém, e digo a mim mesma que ele só sai com todas aquelas outras garotas para esconder o que sente por mim. Talvez pense que eu e Hello estejamos apaixonados, o que não é verdade. Ele é só um amigo, ou como diz mamãe, um galã (p. 37).

Nesta conversa, Anne fala de suas paqueras e de suas relações afetivas. Ela aproveita o diário para comentar sobre todos os assuntos que lhe vêm à mente, como havia pensado.

A situação na Holanda, em 5 de julho de 1942, só piorava. O pai de Anne, Otto Frank, preocupado, levou sua filha para caminhar e conversar sobre o que estava ocorrendo, como pontuou Anne:

Ha alguns dias, enquanto dávamos um passeio pela praça perto de casa, papai começou a falar sobre se esconder. Falou que para nós seria difícil viver sem nos relacionarmos com o resto do mundo. Perguntei porque ele tinha puxado aquele assunto. Você sabe que há mais de um ano estamos levando roupas, comida e móveis para outras pessoas. Não queremos que nossos pertences sejam apanhados pelos alemães. E também não queremos

cair nas garras deles. Por isto vamos embora por vontade própria, sem esperar que eles nos levem (p. 38).

Da narrativa transcrita, é possível perceber que Otto estava preparando sua filha para a fuga, pois todos estavam em perigo. A partir deste momento, Anne passou a ter mais clareza acerca da situação difícil que estavam vivendo. Mas este pai também procurou apaziguar sua filha para o enfrentamento da situação. Para ela, seu pai é “o pai mais adorável” (p. 26) que conhece. O sentimento de afeto era extensivo também aos avós, pois, em 20 de junho de 1942, Anne, ao falar da sua avó materna, assim confessou: “Ninguém imagina o quanto eu ainda penso nela e a amo”.

O dia 8 de julho de 1942 foi um dos mais complexos para a família. Neste dia, chegou a convocação dirigida a Margot, que tinha 16 anos, para que ela se apresentasse em local e hora marcada para que fosse levada a um campo de trabalho. A família já sabia o que acontecia nestes campos. Anne sofreu muito quando abriram a carta convocatória para Margot. No entanto, logo ela exclamou: “Graças a Deus ela não vai: mamãe mesmo tinha dito...” (p. 40). Anne cita o vocábulo “Deus”, em seu diário em um momento de profundo medo, sofrimento e de impotência, tanto dela quanto de seus pais. Diante daquela convocação, os membros da família foram se preparar para a fuga e selecionar seus pertences para levar ao esconderijo. Anne começou a colocar seus pertences mais importantes em uma pasta da escola e falou como se organizou neste dia:

A primeira coisa que agarrei foi este diário e, depois, rolinhos de cabelos, lenços, livro da escola, um pente, e algumas cartas antigas. Preocupada com a ideia de ir para um esconderijo, juntei as coisas mais malucas na pasta, mas não me arrependo. Para mim, as lembranças são mais importantes do que os vestidos” (p. 41).

Como se percebe, o diário foi o primeiro pertence a ser agarrado por Anne. Esta atitude já indica a importância dada a este caderno, bem como o seu valor especial. Este diário é fundamental porque funciona como um objeto transicional. Ele serve para que a diarista possa externalizar seus sentimentos durante a sua passagem adolescente, que é um momento de transição entre a infância e a adultez.

O diário foi o instrumento que acompanhou a adolescente em todos os dias vividos no esconderijo. Não se trata apenas de folhas de papel escritas, mas sim de um instrumento que serviu de apoio para favorecer a relação dialógica do si com “outro de si”, expresso pela jovem que sofreu e resistiu à morte prematura. Este “outro de si”, com quem Anne dialoga,

ora é substituído pela amiga Kitty, ora por Deus. A figura que ocupa o lugar do “outro de si” é, na verdade, o “ideal de eu” que a jovem vai construindo e terá suas funções em momentos oportunos.

Na manhã do dia 9 de julho de 1942, a família fugiu para se esconder no anexo, perdendo sua liberdade de ir e vir. A narradora retratou em detalhes a saída da família que se deu sob chuva torrencial. Ela contou que cada um carregava “sua pasta de escola e uma bolsa de compras cheia até a borda com as coisas mais variadas” (p. 43). Esta mudança para o anexo evidencia tanto a transição da situação de liberdade para a prisão, quanto o momento de passagem adolescente vivido por Anne, que acabara de completar 13 anos. Este dia foi um marco na vida de Anne que saía de casa disfarçada, para não dar qualquer pista de que estavam fugindo. Sua formação intelectual e religiosa já vinha se desenvolvendo, o que significa dizer que ela vinha vivendo, por um lado, o seu apego por meio dos laços afetivos e, por outro, sua educação religiosa, como um ligar religioso. O sentimento religioso de Anne é aqui considerado do ponto de vista da educação religiosa recebida e do afeto envolvido na nostalgia da satisfação e da proteção sentidas, quando da vivência dos laços afetivos primários.

### **3.4 Conflitos familiares, o medo e o desligar do seu sentimento religioso**

Com 13 anos de idade, em 9 de julho de 1942, Anne entra no anexo. A brincadeira de esconde-esconde, própria das crianças, é substituída por um esconder-se real, para se defender da perseguição nazista. Depois de dois dias de chegada ao esconderijo, em 11 de julho de 1942, a jovem começou a refletir e a anotar em seu diário que nunca se sentiria bem naquela casa, como segue:

Acho que nunca me sentirei à vontade nesta casa, mas isso não significa que eu a odeie. É como estar de férias em alguma pensão estranha. É um modo meio diferente de encarar a vida num esconderijo, mas é assim que as coisas são. O Anexo é um lugar ideal para se esconder” (p. 48).

Do texto transcrito, percebe-se que Anne havia começado a ensaiar uma certa ilusão criativa diante da tragédia que estavam vivendo. Ela comparou a situação de mudança com as férias, o Anexo com uma pensão estranha e falou que aquele era um lugar ideal para se esconder. Ou seja, usou a criatividade para transformar a realidade da fuga em férias e o esconderijo em pensão. Em seguida, retomou à realidade e disse que o Anexo era o lugar ideal

para se proteger. Aquele momento estranho acabara de receber seu primeiro sentido. Este foi coseguido com auxílio do mecanismo do duplo criador, que trouxe a ilusão criativa para iluminar a escuridão da realidade.

O fato de não poder sair também deixava a adolescente muito chateada, mas o que trazia mais sofrimento era o medo que sentia. Isto pode ser percebido por meio da confissão proferida em 28 de setembro de 1942 e transferida, pela diarista, para ser acrescentada no seu diário, no dia 12 de julho de 1942. A referida confissão foi assim expressa: “Não poder sair me deixa mais chateada do que posso dizer, e me sinto aterrorizada com a possibilidade de nosso esconderijo ser descoberto e sermos mortos a tiros. Esta é uma perspectiva muito desalentadora” (p. 50).

Ao incluir, posteriormente, o registrado no dia 28 de setembro de 1942 entre os dias 11 e 12 de julho de 1942, a diarista revelou que só pôde identificar o sofrimento vivido nos primeiros dias do anexo, depois de alguns dias do trauma sofrido. A jovem revelou, ainda, que tinha clareza da situação que vivia e que se sentia aterrorizada em poder ser descoberta e morta a tiros. Disto, pode-se sugerir que esta situação traumática trazia bastante sofrimento psíquico, mas também deixou aparecer o mecanismo próprio do adolescente que retorna aos fatos passados de sua vida, por conta de traumas ou por nostalgia.

Ainda neste mesmo dia 12 de julho de 1942, a adolescente notou que estava revendo sua relação com sua mãe e com sua irmã, dizendo: “Me sinto a cada dia me afastando mais e mais de mamãe e Margot” (p. 50). Este afastamento pode indicar que a jovem estivesse reelaborando a relação com sua mãe, pois a partir deste momento, no Diário, começariam os conflitos filha-mãe, próprios da adolescência. Estes conflitos podem ser percebidos a partir da fala: “Hoje à tarde, quando eu quis reescrever umas coisas na lista de compras de mamãe, porque a letra dela é difícil de entender, ela não deixou. Brigou comigo de novo, e toda a família terminou se envolvendo” (p. 51).

Em outra confissão, a jovem fez referência mais uma vez à sua mãe, dizendo: “Mamãe sempre me trata como um bebê, o que não consigo suportar” (p. 55). A garota também se queixou dos sermões proferidos por sua mãe e diz que elas têm visões opostas com relação a tudo. Entretanto, na relação com seu pai disse que ele é um doce e que “ele pode até ficar furioso” com ela, mas que “nunca demora mais do que cinco minutos” (p. 55).

São muitas as confirmações de amor pelo pai, como se percebe nos relatos:

-Papai é o único que me compreende, embora geralmente fique do lado de mamãe e Margot. Outra coisa que não suporto é quando falam de mim na

frente de gente de fora, contando que chorei ou que estou me comportando de modo sensível. É um horror...” (p. 51).

-Papai é sempre tão bom! Ele me entende perfeitamente, e eu gostaria que algum dia pudéssemos falar de coração para coração sem que eu caia logo no choro. Mas acho que isso tem a ver com minha idade. Eu gostaria de passar todo o tempo escrevendo, mas isso provavelmente acabaria sendo monótono” (p. 52).

Dos fragmentos antes transcritos, fica evidente que Anne deixara transparecer uma relação de amor e ódio com sua mãe e de amor com seu pai. Ela trouxe ao seu diário os conflitos que teve com sua mãe e o incômodo que sentiu quando falavam dela na frente de pessoas estranhas. As mudanças psicológicas pelas quais passou a adolescente podem ter sido adiantadas e agravadas por conta do contexto de sofrimento em que se encontrava. Contudo, existia uma luta para que não se prendesse ao sofrimento e buscasse os sonhos, pois era preciso ficar ali “até o fim da guerra” (p. 51) . A jovem sabia que não poderia sair do esconderijo e que as únicas visitas que podiam receber eram as de “Miep, seu Marido Jan, Bep Voskuijl, o Sr. Voskuijl, o Sr. Kugler, o Sr. Kleiman e a Sra. Kleiman” (p. 51).

Ao sofrimento diante da realidade externa, somavam-se os conflitos com sua mãe. Esta situação familiar a incomodava e a deixava triste, como se percebe em um relato proferido no dia 27 de setembro de 1942:

Hoje, mamãe e eu tivemos uma discursão, digamos assim, mas a parte chata foi que eu cai no choro. Não consigo evitar. Papai é sempre tão bom comigo e, além disso, me entende muito melhor. Nessas horas, não suporto mamãe. É obvio que sou uma estranha para ela; ela nem sabe o que penso sobre as coisas mais simples” (p. 65).

A discussão surgiu quando falavam sobre empregadas e sobre o fato de que naquele momento elas deveriam ser chamadas auxiliares domésticas. Sua mãe enfatizou que elas gostariam de ser tratadas daquela maneira. Anne discordou, e sua mãe disse que Anne falava muito sobre depois da guerra, mas que agia como se fosse uma lady. Anne retrucou dizendo que não achava que: “Construir castelo de areia no ar seja tão terrível”, desde que a pessoa “não leve isso muito a sério” (p. 65). A relação com a mãe estava sendo desidealizada, bem como estava sendo construída a ilusão criativa, sem perder de vista o teste de realidade.

A ambivalência de sentimentos vividos é uma das marcas adolescentes. Os conflitos expostos não ficam restritos à família Frank, Anne relatou que por várias vezes a Sra. Van Dam tentava interferir no método de educação dos seus pais, principalmente no que se refere a ela, mas disse que tanto seu pai quanto sua mãe a defendiam ferozmente nesses conflitos.

Mais uma vez, no dia 27 de setembro de 1942, a Sra. Van Dam falou que Anne era muito mimada e que nunca deixaria isto acontecer se ela fosse sua filha. Anne reagiu dizendo: “Graças a Deus não sou” (p. 67). Isto indica que a narradora vivia em conflito também com a Sra. Van Dam e agradecia a Deus por não ser sua filha. Esta foi a primeira vez, desde que chegou no Anexo, na qual Anne fez referência a Deus. A referência a Deus fez remissão ao sentimento religioso que já estava sendo desenvolvido desde seu nascimento.

Os moradores do anexo viviam em constante clima de medo. Este clima pôde ser percebido quando, em primeiro de outubro de 1942, a adolescente fez seu relato:

Às oito horas, a campainha da porta tocou de repente. Só pude pensar que alguém estava vindo nos pegar, você sabe de quem estou falando. Mas me acalmei quando todo mundo jurou que deveriam ser moleques ou carteiro (p. 73).

O sentimento de medo era proveniente da possibilidade de que pudessem ser descobertos pelos nazistas. Toda novidade que aparecia deixava os moradores perturbados. Mas quando o susto passava, todos retomavam a vida cotidiana de quem se esconde. Em meio ao medo, mais uma vez Anne relatou, no dia 3 de outubro de 1942, que havia tido mais uma briga terrível com sua mãe e ela contara todos os seus pecados ao seu pai. A jovem mencionou que mãe e filha choraram, mas, em conversa com seu pai, aproveitou para dizer que não gostava de sua mãe. Otto respondeu que “era só uma fase passageira” (p. 76). A contenção feita por Otto era muito comum e confortava sua filha.

Após o registro do conforto paterno, Anne falou que estavam permitindo que ela lesse mais livros de adultos. Por isso, havia começado a ler um livro que tratava do nascimento de bebês e de menstruação. O assunto causava bastante curiosidade porque diz respeito às mudanças sexuais que ela espera, como se percebe na sua afirmação: “Estou louca para chegarem as minhas regras – finalmente serei adulta” (p. 77). Neste momento, Anne estava com 13 anos e 4 meses e não tinha tido sua menarca. Este evento pubertário era bastante esperado.

No dia 14 de outubro de 1942, Anne falou que estava muito amiga de sua mãe e de Margot. Ela falou também que Margot havia pedido para ler o diário, o que lhe foi autorizado, restringindo-se algumas partes. No mesmo instante, a relatora falou ao diário de sua tentativa de aproximação com Peter. Ela disse ter se deitado na cama dele e que isto o tinha deixado furioso, mas não fora suficiente para expulsá-la. Diante do ocorrido, é possível sugerir que Anne desejava experimentar sua sexualidade.



A narradora já vinha estudando sobre a sexualidade e seu pai já estava se preocupando com a educação formal e literária de suas filhas. Ele separava peças de Goethe e Schiller na estante e planejava ler para Anne. Edith também se preocupava em passar educação religiosa para suas filhas, como se pode perceber no que Anne escreveu em 29 de outubro de 1942:

Mamãe pôs em minhas mãos seus livros de orações. Li algumas orações em alemão, só para ser educada. Elas certamente parecem lindas, mas significam muito pouco para mim. Por que será que ela me faz agir de modo tão religioso e devoto? (p. 86).

Se por um lado a ação educativa de Otto o levava a transmitir conteúdos do saber intelectual e poético para sua filha, por outro, Edith transmitia educação religiosa e póstica, o que, inclusive, estava sendo contestado. A necessidade de saber estava seguindo em parelo com a necessidade de crença religiosa. Do antes transcrito, Anne levantou questões acerca de temas religiosos, indicando o início do desligamento religioso recebido. O questionamento sobre o sentido do religioso está associado ao desligar afetivo-religioso e ao desidealizar materno da jovem, referentes ao segundo momento do desenvolvimento religioso. Neste período, fica evidente a desidealização dos pais da infância, bem como a desidealização de conteúdos religiosos transmitidos.

Dentre as mudanças físicas que estão ocorrendo no período pubertário, a menarca parece se aproximar. Isto pode ser percebido a partir do que foi relatado em 2 de novembro de 1942:

Quase me esqueço de mencionar a notícia importante de que provavelmente minhas regras vão vir logo. Posso dizer isto porque vivo encontrando uma mancha esbranquiçada em minhas calcinhas, e mamãe já disse que elas começariam logo. Mal posso esperar. É um acontecimento tão importante! É uma pena que eu não possa usar toalhinhas higiênicas porque não se consegue mais encontrar para comprar, e os tampões de mamãe só podem ser usados por mulheres que, já tiveram neném (p. 87).

O referido momento pubertário traz verdadeira novidade e interesse para a diarista. A curiosidade própria da jovem púbere está rondando os seus pensamentos, pois considera importante a primeira menstruação.

Após o relato antes apresentado, Anne inseriu em seu diário, entre os dias 2 e 8 de novembro de 1942, o que escrevera em 22 de janeiro de 1943, com o seguinte teor:

-Eu não seria mais capaz de escrever esse tipo de coisa.

-Agora que estou relendo o meu diário, depois de um ano e meio, estou surpresa com minha inocência infantil. No fundo, sei que nunca poderia ser tão inocente de novo, por mais que quisesse. Entendo as mudanças de humor e os comentários a Margot, mamãe e papai como se tivesse escrito isso somente ontem, mas não consigo pensar em escrever tão abertamente sobre outras coisas. Fico tremendamente constrangida ao ler as páginas que falam de assuntos dos quais me lembro como sendo muito melhores que realmente foram. Minhas descrições são muito indelicadas. Mas deixa prá lá.

-Também posso entender minha saudade de casa e de Moortje (gata). O tempo todo em que estive aqui desejei inconscientemente – e, às vezes, conscientemente – receber confiança, amor e afeto físico. Esse desejo pode mudar de intensidade, mas está sempre presente. (p. 88).

O mecanismo psíquico de retorno ao passado é repetido na escrita do diário. Este retorno inclui as lembranças da infância, que serão revistas e ressignificadas pelo sujeito. Os conteúdos levantados pelas lembranças são fundamentais para a psicanálise, cujo trabalho requer compreender o desenvolvimento do sujeito. É esta busca por retorno nostálgico que a jovem faz. Ela salientou que nunca mais seria tão inocente quanto antes. A revisão nostálgica acontece, não com a pessoa mesma, nem no mesmo tempo passado, mas sim com a pessoa que está em outro momento psíquico, no *kairos*<sup>4</sup>, e mantém vivos os conteúdos e sentimentos experienciados no passado. A nostalgia da casa que a adolescente sente está aqui revelada.

O retorno ao passado trazia uma ambivalência de sentimentos para a jovem. Por um lado, ela ficava alegre com as descobertas e com as novidades que estavam por vir, mas, por outro, lamentava as suas perdas, tanto físicas, corporais, quanto psíquicas, relações afetivas. Este movimento de retorno ao passado ocorre tanto no desenvolvimento psíquico, ante a narrativa edípica, quanto no desenvolvimento do sentimento religioso, com a narrativa adâmica, no caso de Anne, que possui uma função na formação subjetiva.

Os conflitos mãe-filha, a partir do dia 5 de novembro de 1942, quando Anne já estava com 13 anos e 5 meses, começam a ser revistos, como se pode depreender da narração: “Ultimamente mamãe e eu estamos nos dando melhor, mas nós nunca ficamos íntimas. Papai não é muito aberto com relação aos seus sentimentos, mas é a mesma doçura de sempre” (p. 89). A convivência filha e mãe estava sendo retomada, mas os conflitos continuavam. Neste mesmo dia, a jovem coloca seu pai, Otto, em questão, pois ele deixava de ser considerado perfeito, indicando sua desidealização.

No dia 17 de novembro de 1942, os 7 moradores esperavam o oitavo hóspede sentados à mesa de jantar, com café e conhaque. O novato era tido como uma pessoa muito gentil. Anne, então, passou a dormir com um estranho em seu quarto e mencionava que não estava

---

<sup>4</sup> Kairós – oportunidade, ocasião, aproveitar a ocasião. (PEREIRA, 1998, p. 288).

maravilhada com isso. No entanto, no dia 19 de novembro de 1942, ela asseverou que era preciso colaborar, pois seria por uma boa causa e que estava muito feliz por poder colaborar. Ante sua atitude, a jovem fez um comentário, afirmando: “(...) como diz papai, se pudermos salvar pelo menos um de nossos amigos, o resto não importa. E ele está certíssimo” (p. 98). Aqui merece destacar o quanto Anne guardava as palavras do seu pai e o quanto elas lhe ajudavam na sua organização pessoal e orientações práticas.

Quando chegou, o Sr. Dussel contou muitas coisas do que ocorria lá fora. Ele dizia que muitos “amigos e conhecidos foram levados para um destino terrível. Noite após noite, veículos militares verdes e cinza cruzam as ruas. Eles batem em todas as portas, perguntando se ali mora algum judeu. Em caso positivo, toda a família é levada embora” (p. 98). Estas informações ratificavam o que todos já sabiam e deixava o clima ainda mais pesado no esconderijo. Este peso favoreceu que fosse narrado o que segue: “(...) ninguém é poupado. Os doentes, os velhos, as crianças, os bebês e as mulheres grávidas – todos são forçados a marchar em direção à morte” (p. 99). A situação trágica estava presente na mente de Anne e a morte iminente era o destino certo, a princípio. As notícias deixavam todos os moradores com medo: “Fico apavorada quando penso em tantos amigos íntimos que agora estão à mercê dos monstros mais cruéis que já assolaram a terra. E tudo porque são judeus” (p. 99).

Tudo isto é muito cruel, e pior ainda é que, diz a autora: “Não podemos reagir”. O sentimento de impotência deixa a adolescente amedrontada e fragilizada, o que aumenta o sofrimento psíquico. Apesar do sofrimento por que passava, de vez enquanto Anne se surpreendia sorrindo e se questionava como podia estar alegre com tanta desgraça. Ela mesma respondia a esta autopergunta: “Não, não posso fazer isso. Essa tristeza vai passar” (p. 100). O ditado comum ao povo judeu: “Tudo isso vai passar”, era repetido pela fugitiva que carecia encontrar uma saída criativa para suportar sua “dor no coração”.

Além do sofrimento advindo de elementos externos, a jovem tinha consciência de que existiam outros sofrimentos pessoais, visto que escreveu em seu diário:

(...) não posso deixar de dizer que comecei a me sentir abandonada. Estou rodeada por um vazio muito grande. Eu não costumava pensar muito nele, já que tinha a mente cheia de meus amigos e de diversão. Agora penso sobre coisas infelizes ou sobre mim mesma. Demorou um bocado, mas finalmente percebi que papai, por mais gentil que seja, não pode ocupar o lugar do meu mundo antigo. Quando se trata de meus sentimentos, mamãe e Margot deixaram de contar há muito tempo (p. 100).

A jovem, nesta “fala”, deixa transparecer seu amadurecimento psíquico. Ela estava se sentindo abandonada e desidealizando seus pais. Constatou que eles não podiam mais atender aos seus desejos infantis, pois o vazio que sentia deveria ser enfrentado por ela mesma.

A revivência do édípico na adolescência, momento de introdução da interdição do incesto real, parecia estar sendo evidenciando, o que iria solicitar que a jovem fizesse suas escolhas pessoais, as quais já estavam sendo elaboradas. Os conflitos de Anne com o Sr. Dússel foram intensificados. Ele se tornou, segundo a jovem, um “disciplinador antiquado e um pregador de sermões insuportavelmente longos sobre boas maneiras” (p. 101).

Anne também refletiu sobre seus muitos pecados e seus defeitos exagerados. Ficava confusa por ter que analisar tantas coisas pessoais e terminava sem saber se ria ou se chorava, o que, segundo ela, iria depender do seu humor. Com isso, por vezes, a adolescente dizia: “(...) vou dormir com uma sensação estranha, de que quero ser diferente do que sou, ou de que sou diferente do que quero ser, ou talvez de me comportar diferente do que sou ou do que quero ser” (102). Estava aí desvelado o conflito existencial próprio da adolescência, que exigia trabalho psíquico e trazia sofrimentos por si só.

A conjuntura política vivida pelos moradores do anexo era aterrorizante. Sobre isto, escreveu Anne, no dia 13 de janeiro de 1943:

Coisas terríveis estão acontecendo lá fora. A qualquer hora do dia ou da noite pessoas pobres e desamparadas são retiradas de suas casas. Não tem permissão de levar nem mesmo uma sacola com alguma coisa e um pouco de dinheiro e, mesmo quando tem, essas posses lhes são roubadas no caminho. Famílias são rompidas; homens, mulheres e crianças são separados. Crianças chegam da escola e descobrem que os pais desapareceram. Mulheres voltam das compras e descobrem as casas lacradas e que as famílias desaparecem. Os cristãos holandeses também estão com muito medo porque seus filhos são mandados a Alemanha. Todo mundo anda apavorado. Todas as noites centenas de aviões passam sobre a Holanda a caminho das cidades alemãs, para semear suas bombas em solo alemão. Toda hora centenas, ou talvez, milhares, de pessoas são mortas na Rússia e na África. Ninguém pode ficar longe do conflito, o mundo inteiro está em guerra e, mesmo com os Aliados se saindo melhor, o fim não está próximo” (FRANK, 2014, p. 110-111).

A situação vivida era realmente apavorante. Tudo isto causava bastante sofrimento à adolescente que somava a isto suas angústias pessoais, próprias da fase do desenvolvimento que vivia. Mesmo com todo o sofrimento, Anne conseguia se colocar na posição de felizarda, pois dizia que tinha comida, cama, lençol para se aquecer e, por isso, estava em vantagem sobre os prisioneiros dos campos de extermínios. A professora preocupa-se com o outro e falava que os moradores do anexo eram egoístas porque ficam pensando no final da guerra,

assim como em adquirir roupas ou comidas, enquanto tanta gente passa necessidades. A adolescente falava, ainda, que eles deveriam juntar dinheiro para depois da guerra tentar ajudar as pessoas.

A atitude ética antes apresentada por Anne foi alargada quando expressou sua preocupação com a Rússia e com a África. Apesar de a situação incomodar, a jovem se mantinha firme e centrada. Tal postura permitia que Anne deixasse de pensar apenas em seu ambiente familiar para alargar sua área de preocupação, o que indicava mais um degrau no seu amadurecimento pessoal. Isto pode ser ratificado no que segue:

(...) quanto a nós, somos bastante felizardos. Temos mais sorte do que milhões de pessoas. Aqui é calmo e seguro, e estamos usando nossos dinheiros para comprar comida. Somos tão egoístas que falamos sobre “depois da guerra” e ficamos ansiosos por roupas e sapatos novos, quando deveríamos estar economizando cada centavo para ajudar os outros quando a guerra terminar, para salvar o que pudermos (p. 111).

O compromisso com o social indica também uma saída para alteridade. Mas a jovem estava reelaborando sua subjetividade a partir do que recebeu dos seus pais, das leituras feitas nas áreas da filosofia, das artes, da mitologia greco-romana, das conversas com seus familiares, dos romances que lia, dos informativos radiofônicos que escutava, da história da sua família, da educação religiosa recebida e de todos os personagens que estavam presentes em seu romance familiar.

Perceber a dificuldade que vivia, sua limitação e seu sofrimento psíquico não causava em Anne um sentimento de vitimização, pois, em 13 de janeiro de 1943, ela confessou a Kitty:

(...) poderia passar horas contando a você o sofrimento trazido pela guerra, mas só ficaria ainda mais infeliz. Só podemos esperar, com toda a calma possível, que ela acabe. Judeus e cristãos esperam, o mundo inteiro espera, e muitos esperam a morte” (p. 111).

Este fragmento indica que, para a narradora, ficar lamentando não resolveria a situação, senão que deixava a pessoa mais infeliz. A jovem expressava seu desejo dizendo que só se poderia esperar com calma. Ocorre que este “esperar” não se refere a uma espera passiva, estática, mas sim a uma atitude ativa expressa por meio do verbo “esperançar”, que exigia uma atitude do sujeito, apesar de reconhecer os seus limites.

Os problemas relacionais dentro do anexo também solicitavam um trabalho psíquico. A adolescente, ao falar sobre as relações sociais onde morava, relatou: “O dia inteiro só ouço

dizerem como sou uma criança irritante e, apesar de rir e fingir que não me importo, eu me importo, sim. Gostaria de pedir a Deus que me desse outra personalidade, uma que não criasse antagonismo com todo mundo” (p. 112). O pedido antes referido, dirigido a Deus, foi contestado pela jovem, quando falou: “(...) isso é impossível. Estou presa ao caráter com o qual nasci e, mesmo assim, tenho certeza de que não sou má pessoa” (112). Aqui é possível perceber que o uso do vocábulo Deus está sendo redimensionado. Ela mesma compreendia que tal pedido não tinha procedimento porque seu desejo dependeria dela mesma. Isto indica uma desidealização referente ao poder atribuído a Deus, ao endeusamento de Deus na sua infância.

A relação dialógica acima mencionada está na dimensão da prática da espiritualidade. Esta prática corresponde ao cuidado de si, que provoca a transformação de todo o ser do sujeito, referido por Foucault (2019) e por Vaz (2000), quando consideram que os gregos já a praticavam. Outra prática de espiritualidade pode ser encontrada na República de Platão, quando Sócrates dialoga com as Leis e ele mesmo responde em nome delas. O papel do duplo criador se mostra fundamental no cuidado de si porque a relação dialógica ocorre entre o “eu” e o “ideal de eu”. Para o crente, esta relação dialógica se dá entre o “eu” e Deus, que também exerce uma função no psiquismo, quando traz valores éticos e atende à necessidade de crer do sujeito.

Assuntos mundiais sobre direitos humanos eram de grande interesse para Anne. Ela registrou em seu diário, no dia 27 de fevereiro de 1943, que: “Gandhi, o defensor da liberdade indiana, está fazendo mais uma de suas incontáveis greves de fome” (p. 115). O referido humanista-religioso era observado pela jovem que, em 4 de março de 1943, fez nova menção em seu diário: “Gandhi voltou a comer” (p. 117).

No 12 de março de 1942, após observar uma fala do seu pai, a jovem fez o seguinte registro: “Papai disse que não anda muito animado. Seus olhos parecem tristes de novo, coitado dele!”. Diante do observado, a jovem percebeu que seu pai não teria condições de protegê-la como outrora. Este é mais um momento de desidealização paterna registrado pela adolescente.

Com a situação de insegurança e da importância dos seus pais, só restava à adolescente buscar suas saídas. Uma delas ocorreu por meio do que ela gostava, como asseverou: “Adoro mitologia, sobretudo deuses gregos e romanos. Todo mundo acha que meu interesse é mania passageira, pois nunca ouviram falar de uma adolescente que goste de mitologia. Bom, então acho que sou a primeira!” (p. 127). As leituras feitas pela garota favoreceram o seu conhecimento e o seu amadurecimento, pois a permitiram fantasiar e ser

criativa. Não bastam as leituras, a jovem também buscava rezar com seu pai para suportar o sofrimento que vivia. Isto pode ser conferido a partir do que ela narrou:

- Ontem à noite, eu estava deitada na cama, esperando que papai me cutucasse e rezasse comigo, quando mamãe entrou no quarto e disse em voz gentil:

- Anne, papai não pode vir. Que tal se eu rezasse com voce esta noite?

- Não, mamãe – respondi (p. 130).

A partir da narração transcrita, é possível dizer que Otto Frank também contribuía com a formação religiosa de Anne. A garota ainda mencionou que deixou sua mãe triste com os olhos lacrimejando, diante da forma dura de responder negativamente à pergunta. Esta situação contribuiu para que a adolescente se sentisse mal por ter rejeitado sua mãe, dando a entender que a situação entre mãe e filha ainda não estava bem resolvida.

O conflito pessoal de Anne é atravessado pelo conflito da guerra e da perseguição. Durante conversas entre os moradores do anexo, o Sr. Van Daan, que era um homem de opinião respeitada, disse, no dia 2 de maio de 1943, que a guerra só acabaria no final de 1943. Esta informação incomodou a diarista que assim expressou:

Mas quem pode garantir que esta guerra, que só causou dor e sofrimento, estará terminada? E que nada vai nos acontecer, e aos que nos ajudam, muito antes disso? Ninguém! É por isto que cada dia é cheio de tensão. A expectativa e a esperança geram tensão, assim como o medo – por exemplo, quando ouvimos um barulho dentro ou fora de casa, quando os canhões atiram ou quando lemos novas “proclamações” no jornal, já que temos medo de que as pessoas que nos ajudam sejam forçadas a também se esconderem algum dia desses.” (p. 134-135).

Compreende-se que o medo só aumentava com o passar do tempo e que as perspectivas não eram boas. O que mais se tinha certeza, a cada dia que passava, era que a captura se aproximava e que a tensão e o medo só aumentavam.

Mais um aniversário de Anne passou, em 12 de junho de 1943, quando ela fez 14 anos. No dia seguinte, em 13 de junho de 1943, a jovem escreveu que seu pai lhe presenteou com um belo poema, disse também que ganhara outros presentes. A aniversariante seguiu suas tarefas e, no dia 15 de junho, relatou que a rádio clandestina havia proferido o seguinte anúncio: “Anime-se, mantenha o espírito elevado, as coisas vão melhorar!” (p. 140). Ao ouvir aquelas palavras, a adolescente se maravilhou e teve um momento de suspiro diante do sofrimento que vivia. A jovem percebeu a importância das pequenas epifanias e também

relatou que o sábado era bastante esperado. Mencionou que os moradores pareciam um punhado de crianças esperando os livros que seus amigos traziam.

Muitos ataques estavam acontecendo em Amsterdã. Quando um acontecia, todos paravam suas tarefas e iam se esconder, depois voltavam às tarefas que estavam executando. Entretanto, depois de pouco tempo, ocorria outro ataque com tiros de canhão e enxame de aviões.

A diversidade de ataques em um pequeno espaço de tempo levou a diarista a fazer a seguinte confissão em seu diário: “Ah, meu Deus, duas vezes em um dia, pensamos. Isso é demais. De pouco adiantou, porque mais uma vez as bombas choveram, dessa vez do outro lado da cidade” (p. 150). Nesta confissão, já apareceu o clamor a Deus e a indicação do sofrimento vivido com a repetição dos ataques.

Uma forma fundamental para superar a solidão e os conflitos internos no anexo era a prática de leituras. Além disso, a jovem costumava refletir sobre tudo o que acontecia em seu entorno. Quanto mais ela repetia a prática de leituras e a reflexão sobre o que acontecia, mais conseguia se fortalecer, pois aos seus 14 anos e dois meses, há mais de um ano reclusa, a jovem revelou:

- Uma nova ideia: durante as refeições eu falo mais comigo mesma do que com os outros, o que tem duas vantagens. Primeiro, eles ficam satisfeitos por não precisarem ouvir minha conversa contínua e, segundo, não preciso me chatear com suas opiniões (p. 163).
- Aplico a mesma tática quando tenho de comer algo que odeio. Ponho o prato na minha frente, finjo que é delicioso e evito ao máximo olhar para ele, e a comida desaparece antes que eu tenha tempo de perceber o que é. Quando me levanto de manhã, outro momento muito desagradável, pulo fora da cama e penso comigo; ‘Logo, logo, você vai entrar de novo debaixo das cobertas’. Vou a janela, tiro o anteparo de blecaute, cheiro pela fresta até sentir um sopro de ar puro e estou acordada. Arrumo a cama o mais depressa possível para não me sentir tentada a voltar. Sabe como mamãe chama esse tipo de coisa? A arte de viver. Não é uma expressão engraçada? (163).

A maneira de enfrentamento da situação crítica usada pela diarista foi descoberta no dia a dia, a partir de sua necessidade de se consolar. Ela utilizou tal expediente porque percebeu como a prática a ajudaria a superar dificuldades. Ao analisar a atitude tomada pela jovem, percebe-se a utilização do duplo criador e da ilusão criativa para enfrentar seu sofrimento. Esta favorece à elaboração de ideias teóricas criativas e o duplo criador permite o diálogo interno entre o “eu” e o “ideal de eu”. Em seguida, a jovem recorreu à práxis, quando juntou a ideia que teve com a atitude que precisava efetuar (prática).



Os relatos registrados no diário estão geralmente entre dois extremos. Ou são fatos e assuntos que trazem contentamento ou que produzem muito sofrimento. Isto é o que se pode inferir do registrado no dia 10 de setembro de 1943: “Sempre que escrevo para você (referindo-se a Kitty), é porque aconteceu alguma coisa especial, geralmente mais desagradável do que agradável” (p. 171). Ao mencionar coisas desagradáveis, a adolescente questionou: “Será que existem pais que façam os filhos plenamente felizes?” (p. 180). A pergunta sugere o questionamento sobre a idealização dos pais. A jovem também fez este tipo de reflexão com relação à figura de Deus, quando se pronunciou em 30 de outubro de 1943: “Às vezes acho que Deus está querendo me testar, agora e no futuro. Vou ter de me tornar uma boa pessoa por conta própria, sem ninguém para servir de modelo ou me aconselhar, mas no fim isso vai me tornar uma pessoa mais forte” (p. 181). A idealização do Deus da infância também estava sendo questionada, por um lado e por outro, a jovem reconheceu a sua responsabilidade em se tornar uma pessoa boa por si mesma, quando disse que teria que se tornar “uma pessoa boa por conta própria”.

O movimento de desidealização de Anne ocorreu tanto na relação com seus pais quanto na sua relação dialógica íntima com Deus. Estavam sendo declinados os poderes tanto dos pais quanto da figura de Deus. Os pais estavam sendo colocados no nível do ser humano limitado e, no âmbito do sentimento religioso, a ideia de Deus também estava se desenvolvendo, deixando de ser o mágico todo poderoso. O desenvolvimento psíquico da jovem dava sinais de maturidade, quando fez a seguinte declaração: “Não sou mais bebê, a queridinha da mamãe que provocava risos com tudo o que fazia. Tenho minhas próprias ideias, meus planos ideais, mas ainda não consigo verbalizá-los” (p. 181). A superação da infância ficava evidente nas falas da declarante, que apresentava dificuldade de verbalização.

Por conta desta dificuldade de verbalização, o Diário continuava sendo, para a diarista, um instrumento utilizado para o desabafo, como se percebe no que segue:

É por isso que sempre termino voltando ao meu diário, - começo nele e termino nele, porque Kitty é sempre paciente. Prometo a ela que, apesar de tudo, vou em frente, vou encontrar o meu caminho e refrear as lágrimas. Só gostaria de ver algum resultado ou, pelo menos uma vez, receber incentivo de alguém que me ama (181).

O diário funcionava realmente como um objeto transicional para a adolescente, pois ela continuava a retornar a ele para efetuar o trabalho do seu duplo criador. Aqui cabe levantar a seguinte indagação: Será que este retorno não é um movimento de revisitação das marcas mnêmicas presentes no inconsciente? O trabalho psicanalítico não promove este retorno às

lembranças mais escondidas, por meio da escuta e da fala do paciente que fala livremente de suas angústias? No caso de Anne, ela sempre recorria ao seu diálogo com o “outro de si”, com um amigo imaginário, que a escutava, era paciente e não a julgava.

O trabalho do duplo mais uma vez pôde ser identificado a partir do que afirmou a adolescente: “Apesar de tudo, vou em frente, vou encontrar o meu caminho e refrear as lágrimas” (p. 181). Nesta fala, a jovem estava conversando consigo mesma e demonstrando sua necessidade de caminhar e buscar o seu próprio caminho, enfrentando as dificuldades, sem lamentações. Outro registro interessante no relato de Anne, em 3 de novembro de 1943, foi o fato de seu pai lhe ter ofertado uma bíblia infantil. Diante desta oferta, ela acreditou que Otto queria lhe dar um projeto de vida, com a leitura do Novo Testamento.

Com a leitura do Testamento, a adolescente conseguiria desenvolver mais seu sentimento religioso e utilizar a sua criatividade. Isto pode ser percebido com a confissão feita em 8 de novembro de 1943, destacada a seguir: “Não consigo imaginar que o mundo volte a ser normal para nós. Falo sobre depois da guerra, mas é como se estivesse falando de castelo no ar, de uma coisa que pode nunca acontecer” (p. 184). Diante da dura realidade, vê-se que Anne não acreditava em mágicas, mas continuava insistindo em falar sobre depois da guerra para registrar seu desejo de permanecer viva no futuro.

Anne não registrou em seu diário muitos sonhos, porém, com o aumento da tensão e do sofrimento, ela relatou um sonho que teve com Hanneli, sua amiga, como segue:

Eu a vi ali, vestida de trapos, o rosto magro e desgastado. Ela me olhou com uma tristeza e com uma reprovação tão grande em seus olhos enormes, que consegui ler a mensagem neles: “Ah, Anne, por que me abandonou? Me ajude, me ajude, me salve deste inferno (p. 189).

O sonho, como se sabe, tratou da expressão de um desejo inconsciente. É possível sugerir que Anne tenha pensado que sua amiga Hanneli havia sido capturada. A jovem imaginava a situação que sua amiga estava vivendo. Ao acordar deste sonho, a relatora escreveu: “Eu não posso ajudá-la. Só posso ficar olhando enquanto as pessoas sofrem e morrem. Só posso rezar para que Deus as traga de volta para nós” (p. 189).

A partir deste relato proferido em 27.11.1943, o vocábulo Deus começava a ficar mais frequente nas confissões de Anne. Diante da angústia registrada no sonho, a jovem encontrava sua resposta para aquele momento de sofrimento, admitindo que era impotente para resolver aquela situação e confessava para si que sua única saída seria rezar para Deus, pedindo que ele trouxesse sua amiga de volta. Esta oração revelou uma tentativa de recorrer à ilusão

criativa para suportar o sofrimento diante do impossível, do inexplicável, do indizível, da morte, que faz perder o chão. A jovem recorreu a Deus para buscar conforto e suporte tentando aplacar seu sofrimento. Ela também trouxe a ideia de morte para si, quando fez a seguinte afirmação: “Minha caneta tinteiro foi cremada como eu gostaria de ser um dia” (p. 187). Esta tentativa de representação da morte foi feita da mesma forma que a representação de Deus.

O sentimento religioso de Anne, advindo da necessidade de crer, estava sendo reelaborado e desenvolvido. Isto pode ser confirmado por meio das suas falas:

- Meu Deus, eu tenho tudo que poderia desejar, enquanto o destino pegou-a com suas guerras mortais. Ela era tão dedicada quanto eu, talvez até mais, e também queria fazer o que era certo. Mas por que fui escolhida para viver, enquanto ela provavelmente vai morrer? Qual é a diferença entre nós? Por que estamos tão distantes agora? (p. 189).
- (...) Há Hanneli, espero que você viva até o fim da guerra e volte para nós, então, poderei recebê-la e remediar o mal que lhe causei (190).
- Mesmo que eu estivesse em condições de ajudar, ela não precisaria mais do que precisa agora. Imagino se ela pensa em mim, e o que estará sentindo (p. 190).
- Deus misericordioso, conforte-a para que ao menos ela não fique só. Ah, se ao menos o senhor pudesse dizer-lhe que estou pensando nela com compaixão e amor, isso poderia ajudá-la (p. 190).
- Tenho de parar de pensar nisso. Não vai me levar a nada. Continuo vendo seus olhos enormes, e eles me assombram. (190).
- Será que Hanneli realmente acredita em Deus, ou será que a religião foi simplesmente imposta a ela? Nem sei disso. Nunca me dei ao trabalho de perguntar. (p. 190).

Pela primeira vez em seu testemunho, Anne tocava na palavra religião. Ela fez referência à amiga, mas também estava se questionando sobre sua autonomia para assumir a crença religiosa. A diarista veio desenvolvendo seu sentimento religioso sem se dirigir aos elementos que costumeiramente são utilizados para professar a fé. Não se referiu à sinagoga, nem aos cultos ou leis rígidas da Torá. A confessoria demonstrou entender que seu sentimento religioso estava baseado na sua relação dialógica com Deus, independente de instituições. Seu pedido dirigido a Deus para que confortasse sua amiga estava na dependência de que Hanneli também tivesse fé em Deus, assim como ela, para não ficar na solidão interior.

O aperto físico e psíquico estava sendo intensificando. Isto pode ser conferido quando a diarista registrou a frase de Goethe: “No topo do mundo, ou nas profundezas do desespero”<sup>5</sup>. Afirmou que esta frase se aplicava a ela. A frase trouxe a imagem de uma pessoa

---

<sup>5</sup> Nota de rodapé. (ANNE, Diário de Anne Frank, p. 193).

que se encontrava entre a luz e as trevas, entre a vida e a morte. Na verdade, entre estes dois fenômenos: vida e morte estava Anne, porém ela não se via na solidão porque estabelecia a relação dialógica com Deus, que a fortalecia e a consolava.

O diário continuava funcionando como objeto transicional. Ela fazia uso do diário como suporte para enfrentar sua passagem adolescente, agravada pela perseguição, o que se percebe nas afirmações: “O papel é mais paciente que as pessoas” (p. 194); “O fato de escrever me levantou um pouco das profundezas do desespero” (p. 195). Por intermédio das referidas frases é possível notar a necessidade que a jovem tinha de continuar escrevendo em seu diário. Por isto ela retornava a ele, ao passado, indicando o revisitar próprio da adolescência, para fazer uma revisão de si mesma, mas também por nostalgia dos laços vividos na infância.

No Natal de 1943, Anne estava saudosa e, por isso, expressava seus desejos: “Gostaria de andar de bicicleta, dançar, assoviar, olhar o mundo, me sentir jovem e saber que sou livre, mas não posso deixar isso transparecer” (p. 194). Falar dos desejos era uma forma de se reconfortar, mas também indicava o sofrimento da jovem diante de uma vida de privações. Diante da impossibilidade de realização dos desejos, a jovem disse que estava pensando em chorar porque: “chorar pode trazer alívio, desde que você não chore sozinha” (p. 195). Mais uma vez, Anne falava da solidão. Parecia que solidão também lhe trazia sofrimento. Com isso, revelou sua nostalgia: “Sinto falta – todo dia e toda hora – de uma mãe que me compreenda” (p. 195). Esta saudade, esta nostalgia, certamente fez remissão aos laços construídos na infância que não podem ser eliminados, senão que suprassumidos. A falta sentida nesta época da adolescente indicava que a jovem estava se reorganizando e lamentando as suas perdas da infância, as quais compõem o romance familiar construído.

Entre o Natal e o Ano Novo de 1943, Anne teve outro sonho no qual apareceram sua vó materna, Rosa e Hanneli. Ela aproveitou para falar das lembranças de sua vó, dizendo que ela foi sua doce vovó. Disse ainda que havia sido uma pessoa leal e boa. A jovem lembrou que mesmo quando se comportava mal sua vó sempre a defendia. Vale mencionar aqui que sua avó materna, Rosa, havia morrido antes de a família entrar para a clandestinidade.

E sobre o sonho com Hanneli? Anne estava imaginando que ela representava um futuro possível para todos do anexo. Afinal, ninguém era melhor que ninguém naquela situação. Ao fim e ao cabo, todos eram judeus perseguidos. Neste sentido, a diarista refletiu:

- Será que ainda está viva? O que estará fazendo? Meu Deus, cuide dela e a traga de volta para nós. Hanneli, você faz lembrar qual poderia ter sido o

meu destino. O tempo todo me vejo em seu lugar. Então, por que costumo ficar triste com o que acontece aqui? Será que eu não deveria estar feliz, contente e satisfeita, a não ser quando penso em Hanneli e nas pessoas que sofrem com ela? Sou egoísta e covarde. Por que sempre penso e sonho com as coisas mais horrendas e quero gritar de terror? Porque, apesar de tudo, ainda não tenho bastante fé em Deus. Ele me deu tanto, me deu coisas que eu não mereço, e mesmo assim cometo tantos erros todos os dias! (197).

- (...) O máximo que a gente pode fazer é rezar para que Deus faça um milagre e salve pelo menos alguns deles. E espero estar rezando bastante! (p. 197).

As indagações sempre foram constantes na vida de Anne. Ela estava buscando dar um sentido aos seus pensamentos, às suas ideias e à sua vida. Aproveitou o momento para expressar seus desejos a Deus, com quem já conversava frequentemente. Ao rever seus escritos diários, Anne percebeu, em 2 de janeiro de 1944, que havia registrado informações sugerindo ter ódio da sua mãe. Com isso, ela fez uma revisão de sua posição e falou que “terminou o período de lágrimas e julgamentos contra” (p. 200) sua mãe. Disse ainda que estava muito crescida e que os nervos de sua mãe estavam mais tranquilos. Mas será que não era a própria Anne que estava amadurecendo?

A jovem passou a reposicionar o espaço que sua mãe ocupava em sua vida. Neste sentido, fez duas confissões a sua amiga:

A primeira é sobre mamãe. Como sabe, sempre reclamei dela e depois tentei ao máximo ser gentil. De repente, percebi o que há de errado nela. Mamãe disse que nos vê mais como amigas do que como filhas. Isso é muito bom, claro, só que uma amiga não pode substituir uma mãe. Eu prefiro que minha mãe seja um bom exemplo e uma pessoa a quem eu possa respeitar, mas na maioria das vezes ela é um exemplo do que não *fazer* (p. 201).

A confissão antes narrada tratou do conflito entre mãe e filha. No entanto, a jovem deixou claro que precisava de uma referência e não de uma mãe que quisesse se fazer de amiga. Anne faz entender que carecia de uma mãe que a tratasse como adolescente e que a amasse.

A segunda confissão fez menção ao desejo de compreender mais sobre a sexualidade, neste sentido Anne destacou:

- (...) acho difícil confessar sobre a segunda coisa porque é sobre mim. Não sou puritana, Kitty (p. 201).

-(...) ontem li um artigo de Sis Heyster sobre pessoas que enrubescem. Foi como se ela tivesse escrito para mim. Não que eu enrubescça com facilidade, mas o restante do artigo tinha a ver. O que ela diz, basicamente, é que durante a puberdade as meninas se recolhem em si mesmas e começam a

pensar nas mudanças maravilhosas que acontecem em seus corpos. Sinto isso também, o que provavelmente é o motivo de minha vergonha recente com relação a Margot. (p. 201).

Anne, sedenta por referencial materno, recorreu à leitura de um artigo que tratava da sexualidade, especialmente das jovens pubertárias. Ela, envergonhada, fez a segunda confissão a Kitty, dizendo:

(...) acho que o que está acontecendo comigo é maravilhoso, e não falo somente das mudanças que acontecem no exterior do meu corpo, mas também das que ocorrem por dentro. Nunca comento essas coisas com os outros, e é isso que tenho a falar sobre elas comigo mesma. Sempre que fico menstruada (e isso só aconteceu três vezes), tenho a sensação de que, apesar de toda a dor, do desconforto e da sujeira, sou dona de um segredo. Assim, mesmo sendo uma coisa chata, de certo modo estou sempre ansiosa pela época em que vou sentir esse segredo outra vez dentro de mim. (202-203).

A diarista fez referência às suas mudanças e as considerou maravilhosas. Ressaltou a existência das mudanças corporais, mas também percebeu as mudanças “que ocorrem por dentro”. As mudanças “internas” dizem respeito às questões existenciais, sexuais e de cunho religioso. O encontro com o texto sobre sexualidade permitiu que a jovem refletisse sobre suas mudanças, sobre seu segredo, atendendo à sua curiosidade, como segue:

Sis Heyster também escreveu que as meninas de minha idade se sentem muito inseguras consigo mesmas e mal estão começando a descobrir que são indivíduos com ideias, pensamentos e hábitos próprios. Tinha acabado de fazer 13 anos quando cheguei aqui, por isso comecei a pensar em mim mesma e percebi que tinha me tornado uma “pessoa independente” mais cedo do que a maioria das garotas. Às vezes, quando me deito à noite, sinto um desejo terrível de tocar meus seios e ouvir as batidas calmas e firme de meu coração (203).

A leitura do artigo de Sis Heyster fez com que Anne refletisse sobre si mesma. Ela voltou a falar de si, dizendo que havia chegado ao anexo com 13 anos de idade e que começou a se tornar “uma pessoa independente”. A jovem revelou acima o prazer de tocar seu corpo e sentir seu coração e seguiu relatando o que havia acontecido antes de entrar no anexo, conforme citação:

Inconscientemente, eu tinha estas sensações antes mesmo de vir para cá. Uma vez, quando estava passando a noite na casa de Jacques<sup>6</sup>, não pude conter minha curiosidade sobre seu corpo, que ela sempre havia escondido

---

<sup>6</sup> Jacques é o apelido de Jacqueline van Maarsen, melhor amiga de Anne Frank

de mim e que nunca tinha visto. Perguntei se, como prova de nossa amizade, poderíamos tocar os seios uma da outra. Jacque recusou. Também tive um desejo terrível de beijá-la, e beijei. Sempre que vejo uma mulher nua, como a Vênus em um livro de história da arte, entro em êxtase. Às vezes acho que elas são tão maravilhosas que tenho de lutar para conter as lágrimas. Se ao menos eu tivesse uma amiga! (203).

Aqui merece destacar o nível de leitura e de conhecimento da jovem. Ela ressaltou que já vinha sentindo desejos corporais antes mesmo de ir morar no anexo. Aproveitou para relatar seu desejo pelo corpo da amiga, talvez por curiosidade e descoberta, identificando a importância do outro no seu desenvolvimento subjetivo. Neste momento, lamentou a falta de uma amiga real no anexo.

O desejo de conviver com pares era muito forte. Isto se percebe na seguinte fala: “Meu desejo por ter alguém com quem conversar ficou tão importante que, de algum modo, enfiei na cabeça que tinha de escolher Peter. Nas poucas ocasiões em que fui até o quarto de Peter de dia, sempre achei que era um lugar bom e aconchegante” (p. 204). A jovem registrou que não basta seu diálogo íntimo, o trabalho do seu duplo criativo. Ele é a base de tudo e fundamental, porém o contato com jovens da mesma faixa etária é de grande importância, tanto para estabelecer amizade quanto para fazer experiência de paixão, de sexo, de amor. A busca por estabelecer laços fora da família apontou a escolha pelo outro do sexo, que indicava mais um amadurecimento na passagem adolescente. Os assuntos pessoais, agora, passaram a ser dirigidos também ao seu objeto de amor, Peter. Ela sabia que precisaria de ajuda, mas não ficava parada, como se percebe na transcrição:

Quem pode me ajudar? Simplesmente tenho de continuar vivendo e pedindo a Deus que, se algum dia sairmos daqui o caminho de Peter se cruze com o meu; que ele olhe nos meus olhos, leia o amor que existe nele e diga: “Há, Anne, se eu soubesse, teria procurado você há muito tempo” (p. 208).

A referência a “Deus” mais uma vez se repetiu no diário íntimo. Na adolescência, o tema Deus é revisto pelo jovem e assumido ou não como seu. Do transcrito, é possível dizer que o desenvolvimento do sentimento religioso vem sendo tratado com mais profundidade.

A ida para o anexo passou a ser vista, por Anne, como um divisor de águas. Existiu Anne antes e Anne depois de entrar no Anexo, como se depreende do relato abaixo:

- Antes de vir para cá, quando eu não entendia tanto as coisas, de vez em quando, achava que não pertencia à mamãe, papai e Margot, e que seria sempre uma estranha. Algumas vezes passava uns seis meses fingindo que

era órfã. Depois me repreendia por bancar a vítima, quando na verdade eu sempre tinha sido uma felizarda.

- Aqui tudo ficou muito pior. Mas você já sabe disso. Agora, Deus mandou alguém para me ajudar: Peter. Seguro o meu medalhão, encosto-o nos lábios e penso: “Que me importa” Peter é meu e ninguém sabe disso! Penso assim, pairo acima de qualquer bronca. Qual das pessoas aqui suspeitaria de tanta coisa passando pela mente de uma adolescente? (211).

A jovem revelou que, mesmo antes de entrar no anexo, já havia iniciado seu sofrimento adolescente, mas considerou a entrada no anexo como um marco referencial na sua vida. Ela mencionou que o sofrimento aumentou devido à entrada de fatos externos amedrontadores, mas trouxe a sua paixão por Peter. O desenvolvimento psicosssexual de Anne veio ocorrendo, como é possível constatar na expressão de desejo: “Quero ver as coisas com os olhos novos e formar minha opinião, não somente copiar meus pais, como no provérbio. ‘A maçã não cai longe da árvore’” (p 215). Ao refletir sobre o narrado, fica evidente que a vivência edípica emblemática na passagem adolescente se fez presente no desenvolvimento psíquico de Anne. Ela não estava mais naquela dependência de seus pais. Pelo contrário, a jovem começava a buscar dentro de si sua organização, sua elaboração e seu fortalecimento, como é possível perceber a seguir: “Nas últimas semanas, desenvolvi um enorme gosto por árvores genealógicas e pelas linhagens das famílias reais. Conclui que, quando se começa a buscar, é preciso cavar cada vez mais fundo no passado, o que leva a descobertas ainda mais interessantes” (p. 220).

A confissão antes transcrita, no momento em que Anne tinha 14 anos e meio, revelou o seu desejo por saber do seu passado. Isto ficou mais evidente a partir do que segue: “Hoje de manhã me perguntei se você se sentiu como uma vaca, tendo de ruminar eternamente minhas notícias velhas” (p. 221). Os relatos antes apresentados revelaram que a jovem estava fazendo uma revisão do passado, estava amadurecendo na sua desidealização, no seu desligar religioso, efetuando mais um aspecto do desenvolvimento do seu sentimento religioso e apontando para o religar afetivo-religioso.

Na adolescência, o romance familiar elaborado por Anne Frank desde a infância foi ampliado, visto que surgiram novos personagens e novas relações. Assim, a revivência do edípico e a puberdade, como fato universal, foi o que permitiu a criação dos mitos, das ficções, das ilusões, como elementos essenciais para a formação do romance familiar adolescente. Este romance é elaborado pelo próprio sujeito e advém da vida do jovem, das várias linguagens próprias da literatura, da música, da pintura, ou mesmo da ciência e de tudo que perfaz a formação do sujeito.



Neste momento, cabe indagar como se dá o desenvolvimento do terceiro momento do sentimento religioso de Anne, nesta fase do religar afetivo-religioso. O que se pode sugerir é que a jovem produziu seu romance, construindo para si um mito, que serve de pilar para o seu desenvolvimento psíquico. Este mito atende às necessidades pessoais, como a necessidade de crer, e permite que o sujeito se organize em sua subjetividade, submetendo-se à organização mítica presente na sua cultura.

Ao passar uma vista no mito construído em “Totem e Tabu”, Freud (1987) delinea a dramatização primeva que se dá pelo assassinato do pai e sua conseqüente formação da cultura. O mito originário da Lei se objetiva no assassinato do pai. A personagem criada pelo autor é onipotente, amedrontadora, meio homem e meio animal, em que o pai da horda primeva é assassinado pelos seus filhos. Deste crime, nasce a lei organizadora das relações entre os homens. A partir desta compreensão acerca do mito, é possível deduzir que todo mito tem uma função organizadora, a qual, no romance familiar, decorre da construção de uma fantasia que, sendo um mito pessoal, suporte o drama primordial.

A necessidade de construção mítica parece decorrer do desejo do sujeito. Há mitos populares que dizem respeito aos desejos não de um sujeito singular, mas de toda uma sociedade. Na formação da jovem Anne, não deixa de aparecer este esquema mítico. Ela estava inserida em uma sociedade em que sofreu reflexos de narrativas míticas construídas para atender a uma determinada questão. No caso do povo judeu, a narrativa mítica de base religiosa foi a da criação, em continuação com a formação cosmológica adâmica.

Anne está atravessada pelo mito edípico psicanalítico e pelo mito adâmico religioso. Ambos os mitos fazem parte da vida de Anne e têm ressonância em suas ações. A partir desta ideia, mergulha-se na análise da produção da “escrita de si” de Anne, em seu diário, considerando que toda escrita de um diário combina o autobiográfico com o ficcional, o ilusório. No caso da jovem adolescente, o gatilho desta escrita pode ser acionado a partir das primeiras buscas existenciais sobre o grande enigma básico humano, que parte da questão: quem sou eu? As responsabilidades referentes a esta questão especificam que o produtor do autotexto deve combinar os fatos ocorridos com a ficção, com a ilusão, desvelando as contradições e o movimento dialético presente em todo discurso, que sempre se interpõe entre a vida e a morte.

O gosto por cinema e pela arte também fez parte da vida da jovem. Ela ficava feliz com o tema e se divertia olhando sua coleção de astros do cinema. Isto é percebido no que segue:

Apesar de ser dedicadíssima aos estudos e poder acompanhar bem o Homem Service da BBC pelo rádio, ainda passo muitas manhãs de domingo folheando e olhando minha coleção de astros do cinema, que está de um tamanho respeitável. O Sr. Kugler me deixa feliz todas as segundas-feiras, trazendo um exemplar da revista *Cinema & Theater* (220).

A arte é mais um suporte para a adolescente elaborar seu romance neurótico. Ela não deixava de se dedicar aos estudos, nem a sua criatividade artística. Tanto o cinema quanto o teatro são espaços de ilusão criativa. A jovem compreendeu o que lhe fazia bem, isto é, observava seus sentimentos e repetia os que causavam prazer ou que lhe apaziguavam e evitava os des-prazerosos. A sensibilidade autoperceptiva foi refletida nos diálogos consigo mesma. O ruminar é justamente o diálogo consigo. O outro que ela coloca em seu diálogo é substituído por várias figuras, que podem variar de acordo com sua necessidade e desejo neurótico que, neste caso, escolhe Deus como o “outro de si”, o fortalecedor com quem ela dialoga e se endereça.

### **3.5 O sentimento religioso de Anne Frank como resposta ao desamparo e expressão de autonomia**

Em 3 de fevereiro de 1944, Anne, com 14 anos e 8 meses, quando sugere estar vivenciando o seu momento de religar religioso, ainda na primeira parte do diário, informou que os jornais traziam notícias sobre invasões, o que deixava todos do anexo enlouquecidos. A jovem mencionou que os moradores do anexo falaram muito sobre o que estava se passando entre eles, afirmou que eram: “conversas sobre fome, morte, bombas, extintores de incêndio, sacos de dormir, carteiras de identidade, gás venenosos etc.” (p. 227). Entretanto, a adolescente constatou que não lhe fazia bem ficar presa aos fatos tristes e desesperadores. Por isto, ela conversava consigo mesma por intermédio do seu diário e frisava que iria polpar sua amiga Kitty. Na verdade, iria poupar a si mesma, como confessou:

Vou poupar você do resto de nossa conversa. Estou muito calma e não ligo para toda essa confusão. Cheguei a ponto de nem me importar se vivo ou se morro. O mundo vai continuar girando sem mim, e não posso fazer nada para mudar os acontecimentos. Vou deixar que as coisas sigam o seu rumo e me concentrar no estudo e na esperança de que tudo acabe bem (228).

A prisioneira começou dizendo para si que já estava tranquila e que não dava muito valor ao que estava vendo. Esta forma de agir fez parte do universo da imaginação, sem negar a realidade ou perder o prumo. A atitude de enfrentamento do sofrimento pode ser constatada

a partir da afirmação: “Desde ontem o tempo está maravilhoso, e me sinto um pouquinho mais animada. Meus escritos, a melhor coisa que tenho, estão indo bem. Vou ao sótão quase todas as manhãs, tirar o ar estagnado dos pulmões” (243). Nesta fala, é possível encontrar uma referência à natureza, à sua beleza. Esta beleza advinda da natureza favoreceu para que a jovem se sentisse “um pouquinho melhor”. No entanto, não bastava a admiração da natureza. A jovem recorreu a outros elementos que a ajudaram, conforme suas declarações:

- Como posso me sentir triste enquanto isso existir, pensei, esta luz e este céu sem nuvens, e enquanto eu puder desfrutar essas coisas? (244).
- O melhor remédio para os amedrontados, solitários ou infelizes é sair, ir a um local em que possam ficar a sós, com o céu, a natureza e Deus. Só então você pode sentir que tudo é como deveria ser, e que Deus deseja a felicidade das pessoas em meio à beleza e à simplicidade da natureza. (p. 244).
- Enquanto isso existir – e deve existir para sempre -, sei que haverá consolo para toda tristeza, em qualquer circunstância. Acredito firmemente que a natureza pode trazer conforto a todos que sofrem (p. 244).

A luz do sol e o céu sem nuvens são “coisas” percebidas pelo “eu” que fortaleceram a narradora e a permitiram desfrutar daquelas belezas. A adolescente foi bastante sensível e mostrou uma estupenda capacidade de se encantar com o belo, com a estética que está fora de si. O narrado também indica que ocorreu uma comunicação entre o meio externo e o meio interno, no momento da angústia, que se dialetizou entre o exterior e o interior da jovem. A diarista deixou aparecer sua capacidade de se encantar e de se inebriar com os elementos da natureza, que mobilizaram sua dinâmica psíquica.

O vocábulo “Deus” seguiu aparecendo com bastante frequência no diário. Este vocábulo surgia, quase sempre, precedido de elogios à natureza. No fragmento citado, Anne confessou o seu “remédio” para a infelicidade. Ela falava em terceira pessoa, mas também fala para si. O “fármaco” para o solitário e infeliz é sair, isto é, não ficar parado. É ficar, inicialmente, consigo mesmo, estabelecendo um autodiálogo diante do céu, da natureza, de Deus para, em seguida, realizar movimentos e agir. A jovem, em sua narração, indica uma distinção entre aquele que experiencia o sentimento religioso e aquele que não tem este tipo sentimento. Ela realçou a sua escolha subjetiva de dialogar com “Deus” e endereçar seus desejos a Ele.

A ideia sobre Deus é mais um ponto a ser revisto pelo adolescente. Por isso, Anne trabalhou a sua questão religiosa, revisitando sua história, seu romance familiar, para poder confirmar sua crença por meio das confissões:

- Hoje de manhã, quando estava sentada diante da janela e olhando longa e profundamente para Deus e para a natureza, fiquei feliz, simplesmente feliz. Peter, enquanto as pessoas sentirem esse tipo de felicidade interior, a alegria da natureza, a saúde e muito mais sempre poderão resgatar essa felicidade (p. 245).

- Riqueza, prestígio, tudo pode ser perdido. A felicidade em seu coração pode ser diminuída; mas estará sempre lá, enquanto você viver, para torná-lo feliz de novo. (p. 245).

- Sempre que estiver sozinho ou triste, tente ir para ao sótão num dia lindo e olhar para fora. Não para as casas e os telhados, mas para o céu. Enquanto puder olhar sem medo para o céu, saberá que é puro por dentro, e encontrará a felicidade outra vez (p. 245).

As narrativas que envolvem sentimento religioso aparecem, a partir do aumento da tensão, constantemente no diário. O vocábulo Deus é mais uma vez trazido ao diário, depois da referência a elementos da natureza. Na verdade, o que a jovem parece dizer é que não há como ver Deus, senão que por meio da apreciação da natureza e em uma perspectiva poética afetiva. A maneira de agir utilizada pela adolescente para enfrentar os sofrimentos é ensinada a Peter, por quem a jovem parece estar vivendo uma provável paixão. Assim sendo, neste momento da escritura do diário, o amor figurava como mais um conceito que Anne elaborou:

- Amor, o que é o amor? Não creio que se possa realmente pôr em palavras. Amor é entender alguém, se importar, compartilhar as alegrias e as tristezas. Isto pode incluir o amor físico. Você compartilha alguma coisa, dá alguma coisa e recebe algo em troca, seja ou não casada, tenha ou não filhos. Perder a virtude não importa, desde que você saiba que, enquanto viver, terá ao lado alguém que a compreenda e que não precisa ser dividido com ninguém mais! (250).

O amor mexeu mesmo com a adolescente. A provável paixão que Anne estava vivendo por Peter abriu este espaço de vida. A experiência vivida em relação ao exercício da sexualidade também favoreceu para que ela se fortalecesse. Realmente, não se pode colocar em palavras o amor, ele só pode ser vivido e compartilhado em uma perspectiva poética. Neste momento da vida da jovem, a revivência edipiana pareceu se apresentar com força, indicando que a escolha objetual fora da família está se objetivando. A alegria de viver de Anne permitiu que ela alimentasse o desejo sexual, que faz parte do cuidado de si.

Outra saída que Anne encontrou para enfrentar o seu sofrimento psíquico foi a oração. Ela falou que, certa vez, terminou sua oração da seguinte forma: “Obrigado por tudo que é bom, amado e belo”. Este agradecimento revelou o valor atribuído ao bom, ao amado e ao belo em sua vida, que simbolizavam o Divino. No mesmo dia em que fez referência à oração antes transcrita, a jovem falou que “uma pessoa feliz tornará outra feliz; uma pessoa com coragem e fé nunca morrerá na desgraça” (p. 261). Fica patente que a fé, nesta fala, fortaleceu a adolescente diante do seu sofrimento psíquico.

As mudanças por que passam os adolescentes são salientadas e tidas como de grande importância, o que se depreende da afirmação:

A gente não faz ideia de como mudou até que a mudança já tenha acontecido. Eu mudei de um jeito radical, tudo em mim é diferente, minhas opiniões, minhas ideias, a visão crítica. Por dentro, por fora, nada é igual. E posso afirmar com segurança, já que é verdade: mudei para melhor... (291).

O relato indica a satisfação sentida diante das mudanças percebidas pela adolescente. Ocorre que tais mudanças podem trazer tanto o conflito quanto a satisfação. As ideias próprias, bem como as críticas do adolescente são frequentes neste período de vida. Portanto, a escritora fez questão de dizer que não era apenas o corpo que estava mudado, mas também sua forma de pensar e de agir. Contudo, a dependência financeira, ainda presente na adolescente, gerava incômodo, mas não a impedia de expressar sua alegria: “Nasci feliz, adoro as pessoas, tenho uma natureza estável, e gostaria que todo mundo também fosse feliz” (291). A referência à felicidade desde o nascimento indicava o valor dado à vida e aponta para a felicidade experienciada nas primeiras relações com seus pais, as quais servem de arquétipo para as relações futuras. Este sentimento de felicidade parece estar na base da nostalgia que anima o sentimento religioso de Anne e remete aos primeiros laços afetivos, que parecem ter sido prazerosos, satisfatórios e terem deixado uma sensação de bem-estar.

Desta feita, o olhar para o céu, para o sol, para a natureza e “para Deus”, também é associado à saudade do conforto sentido na vivência das trocas afetivas primeiras. Vê-se aqui que uma certa falta permanece, embora possa ser, provisoriamente, suplantada por “Deus”, que sustenta o crente em suas aflições. Conversando com Peter, em 31 de março de 1944, sobre a menstruação nas mulheres, a jovem fez questão de expressar: “Deus não me abandonou e nunca me abandonará” (302). Tal afirmação revela a crença em Deus como

sendo alguém que nunca iria abandoná-la. Este tipo de sentimento é construído e ninguém consegue fazer com que o crente mude de ideia porque esta certeza é subjetiva, vivenciada, experienciada.

Devido aos bombardeios ocorridos no dia 5 de abril de 1944, os quais causam bastante sofrimento, Anne relatou o que segue:

Escorreguei para o chão, vestida de camisola, e comecei a rezar, com fé. Depois encostei os joelhos no peito, pousei a cabeça nos braços e chorei, encolhida no chão. Um soluço alto me trouxe de volta à terra, e prendi as lágrimas, porque não quero que ninguém me ouça no outro cômodo (p. 305).

Neste momento, a jovem encontrava-se em mais uma situação angustiante. Ela recorreu à sua fé e começou a rezar. Em seguida, sentiu um profundo sofrimento e começou a chorar. Não havia mais o que fazer, a não ser, reagir depois de um soluço alto.

O ato de escrever, na relação dialógica entre o “em si” e o “para si”, fez remissão à regra da associação livre, em que a jovem fala tudo que vem à sua mente, sem se preocupar com julgamentos. A tarefa de escrever livremente faz bem a jovem, que assim expressou: “Quando escrevo, consigo afastar todas as preocupações. Minha tristeza desaparece, meu ânimo renasce!” (p. 306). Não resta dúvida de que, para a jovem, a autoescrita foi uma fonte de conforto. Este fato ficou claro no que segue:

- (...) será que conseguirei escrever alguma coisa importante, será que me tornarei jornalista ou escritora? (p. 307).
- Espero, ah, espero muito, porque escrever me permite registrar tudo, todos os meus pensamentos, minhas ideias e minhas fantasias (p. 307).
- E vou em frente, com o espírito renovado tudo vai dar certo, porque estou decidida a escrever! (p. 307).

Compreende-se que o ato de escrever é vital para a jovem, pois ela registrava pensamentos, ideais e fantasias que favoreciam ao seu trabalho de organização psíquica, especialmente neste tempo de reelaboração na adolescência e de perseguição. Para a jovem, sua crença religiosa fez com que suportasse a situação, o que evidenciou a presença de uma forte pulsão de vida. Também salienta a liberdade de escrever suas ideias e fantasias sem se envergonhar, indicando uma busca pela verdade pessoal e pelo trabalho de espiritualidade, enquanto diálogo com o outro de si. Tal trabalho pareceu inebriar a alma, como se inebriam os enamorados.

A segunda parte do diário foi iniciada em 11 de abril de 1944, quando Anne Frank estava com 14 anos e 9 meses. Neste dia, a jovem narrou, mais uma vez, o agravamento da

tensão que estavam vivendo: “Nenhum de nós jamais enfrentara um perigo como aquele. Deus estava realmente cuidando de nós” (318). Nesta passagem, o anúncio do sentimento religioso foi feito para indicar que a jovem estava se sentindo cuidada e, por intermédio de sua crença, entendia que este cuidado era também destinado a todos os moradores do anexo.

Um evento novo aconteceu no escritório, no início desta segunda parte. Foi a contratação do Sr. Slegers para ser vigia noturno do prédio. Diante deste evento, era necessário que todos tivessem mais cuidado, pois o funcionário novo não poderia saber que algumas pessoas viviam no anexo, pois poderia denunciá-los.

Enquanto os moradores do anexo conversavam, neste dia 11, eles se lembravam de que todos eram judeus acorrentados em um lugar, sem qualquer direito, mas com mil deveres. A jovem não negou o que eles diziam, mas encontrou uma resposta para esta situação amedrontadora, quando falou:

Devemos colocar os sentimentos de lado; devemos ser corajosos e fortes, suportar o desconforto sem reclamar, fazer o máximo possível e confiar em Deus. Algum dia essa guerra terrível vai terminar. Chegará a hora em que seremos gente de novo, e não somente judeus! (319).

A possibilidade de que os moradores do anexo pudessem ser encontrados era cada dia mais real e todos já estavam reclamando de ficar tanto tempo reclusos. Sobre esta situação desagradável, Anne não hesitava ao dizer que era preciso colocar estes sentimentos de medo e desesperança de lado e reagir sem reclamação. Ela ressaltava a importância de agir com razoabilidade e incluir a sua crença religiosa, que desempenhava papel fundamental no seu fortalecimento. Para a jovem, não bastava a racionalidade e a razoabilidade para se tranquilizar, era preciso também contar com a ajuda do sentimento religioso. A referente atitude revelou que a adolescente estava amadurecendo, devido à sua autonomia em escolher a razão e a fé como sendo necessárias à sua vida. Neste momento de passagem adolescente, a jovem continuava levantando questões que a incomodavam:

- Quem fez isso contra nós? Quem nos separou de todo o resto? Quem nos colocou neste sofrimento? Foi Deus que nos fez do jeito que somos, mas também é Deus que irá nos erguer no fim. Aos olhos do mundo, estamos condenados, mas, se depois de todo esse sofrimento ainda sobrares judeus, o povo judeu servirá de exemplo. Quem sabe, talvez nossa religião ensine ao mundo e às pessoas o que é a bondade, e talvez esse seja o único motivo de nosso sofrimento (p. 319).

- Deus nunca abandonou seu povo. Ao longo das eras, os judeus sofreram, mas continuaram vivendo, e os séculos de sofrimentos só os tornaram mais

fortes. Os fracos cairão, e os fortes sobreviverão e não serão derrotados! (p. 320).

Tudo parecia sem saída, mas a jovem insistia em ser corajosa e levantava a questão sobre quem estaria fazendo eles sofrerem; quem os estaria separando do resto do mundo e quem os colocou naquela situação. As perguntas já indicavam, do ponto de vista do uso da razão, que a jovem sabia que existiam pessoas responsáveis pela discriminação dos judeus. Todavia, do ponto de vista da fé, Anne buscava respostas que pudessem dar sentido para sua vida. Primeiro, ela partiu da seguinte premissa religiosa: “Foi Deus que nos fez”; depois confirmou que a premissa havia vigorado por toda vida do sujeito, como se percebesse na sua confissão religiosa: “(...) é Deus que irá nos erguer no fim” e Ele “nunca abandonou seu povo”. A organização do sentimento religioso de Anne estava fazendo a sua passagem adolescente também segundo a narrativa mítica adâmica, a qual estava eivada de metáforas e sentidos poéticos. A atitude tomada pela jovem indicou a unidade da fé com a razão e expressou maturidade intelectual e religiosa, que é atestada por Falque (2003) quando fala da passagem adolescente.

Depois da constatação antes apresentada, a jovem seguiu efetuando sua experiência religiosa com mais frequência. Ela concluiu a primeira narrativa da segunda parte do seu diário com um desejo: “Se Deus me deixar viver, vou realizar mais do que mamãe jamais realizou, vou fazer com que minha voz seja ouvida, vou para o mundo e trabalharei em prol da humanidade! Agora sei que é preciso coragem e felicidade” (p. 320). O desejo foi dirigido a Deus, porém a jovem tinha consciência do seu dever de ser ativa, na parte que lhe cabia, para poder efetivar o desejado. Compreendeu também a importância da alteridade, do reconhecimento, e da preocupação com os outros, assumindo que precisava estar feliz e agir com coragem.

As confissões que incluíram Deus apareciam com bastante frequência, assim como o sentimento de medo que era intensificado. Diante do aumento significativo da tensão, em 18 de abril de 1944, Anne falou que eles estavam trancados, isolados do mundo e com muito medo. Falou ainda que um vizinho do anexo tinha sido capturado e que todos acordaram assustados. Depois que tudo se acalmou, a diarista desabafou: “(...) Graças a Deus!” (p. 327) que eles não foram pegos. A jovem seguiu recorrendo ao seu sentimento religioso para se fortalecer. Ela continuava usando o mecanismo do duplo criador e da ilusão criativa. O uso destas maneiras de agir diante do sofrimento favoreceu a manutenção do diálogo íntimo de Anne com Deus, bem como a metaforização do sentimento religioso por meio da produção



poética e da contemplação das belezas da natureza, como se pode perceber no que Anne escreveu há 2 meses de completar 15 anos:

Depois do inverno não muito intenso, estamos com uma primavera maravilhosa. Abril está glorioso, nem muito quente, nem muito frio, com chuvas leves de vez em quando. Nosso castanheiro está cheio de folhas, e aqui e ali dá para ver pequenas flores (p. 328).

Diante da poética narração, da contemplação de elementos e de fenômenos da natureza, é possível dizer que Anne estava amadurecendo suas produções poéticas e metafóricas. A jovem, mais uma vez, fez uso da sua ilusão criativa para externalizar o que sentia, confortar-se e alegrar-se. A atitude da diarista revelou que elementos externos estão em relação com mecanismos internos e vice-versa, indicando a existência de um movimento dialético entre interior e exterior. Muitos são os momentos vividos e experienciados, dedicados ao cuidado de si, como se pode verificar na assertiva: “O que poderia ser melhor do que se sentar diante de uma janela aberta, desfrutando a natureza, ouvindo os pássaros, sentindo o sol no rosto e tendo nos braços um cara maravilhoso?”. O espírito aberto à poesia possibilitou que Anne expressasse seu desejo, como uma das formas de se apaziguar. Ninguém aguenta ficar apenas com a dura realidade, especialmente quando se está todo tempo diante da tragédia do nazismo. Vale salientar, neste momento, que Anne estava presa e que não tinha como apreciar a natureza fora do anexo.

A curiosidade da professora não se fechava em si. Ela buscou compreender os eventos sociais ocorridos fora das fronteiras em que vivia. Por isto, encontrava uma forma de “visitar” outros países e continentes, conforme suas atividades narradas:

-Primeiro traduzi do holandês para o inglês uma passagem da última batalha de Nelson. Depois li mais sobre a Guerra do Norte (1700-1721) (...). Depois terminei no Brasil, lendo sobre o fumo da Bahia, a abundância de café, o milhão e meio de habitantes do Rio de Janeiro, de Pernambuco, São Paulo, sem esquecer o Rio Amazonas. Depois sobre negros, mulatos, mestiços, brancos, a taxa de analfabetismo - mais de cinquenta por cento - e malária.  
- (...) Depois veio a Bíblia, a Arca de Noé, Sem, Cam e Jafé (...) (p. 333).

O trabalho intelectual é um suporte para educar o sentimento religioso, que é secundário. Anne, com seu espírito humanista adquirido por intermédio dos seus pais, familiares e amigos, foi em busca de saber como estavam as pessoas em outros países, inclusive, identificando problemas como a taxa de analfabetismo no Brasil e realçando o Rio Amazonas. A preocupação com a realidade social e a sensibilidade com a situação de outras

peessoas indicam o exercício de alteridade e o reconhecimento de estar se inserindo no mundo adulto. O fragmento antes transcrito indica que a jovem utiliza o duplo criador, no dialogar com “Deus”, sem perder o senso crítico. Contudo, Anne não negou seu conflito interior:

-Tenho medo de mim, medo de que meu desejo faça com que eu me entregue cedo demais. (...) Ah, é tão difícil, a eterna luta entre coração e mente! Há um tempo e um lugar para as duas coisas, mas como posso ter certeza de que escolhi o tempo certo? (p. 336).

Nessa confissão, a jovem explicitou o conflito interior entre mente e coração, entre razão e emoção. Ela compreendeu a dificuldade que vivia e se preocupou com medo de que seu desejo fizesse com que se entregasse. As dúvidas levantadas impeliam o sujeito a tomar decisões necessárias ao seu desenvolvimento pessoal e a buscar saídas razoáveis na resolução de problemas existenciais. A sua nova condição, o tornar-se mulher, marcada pela menstruação, garantia à nova mulher sua identificação e existência. Assim, o registro de Anne, em 3 de maio de 1944, de que há dois meses não vinha sua menstruação, indicava a preocupação da mulher que estava atenta ao seu corpo em mudanças.

A preocupação com a sexualidade e com os conflitos da guerra não fizeram com que perdesse a capacidade de reflexão, como se depreende nas indagações: “Qual é o sentido da guerra? Por que, por que as pessoas não podem viver juntas em paz? Por que toda essa destruição?” (p. 341). As indagações levantadas dizem respeito à política, às questões existenciais-filosóficas que ficam sempre em aberto, pois, “até agora, ninguém encontrou uma resposta satisfatória” (p. 341) a estas questões. Percebe-se que a jovem tentou encontrar uma resposta às suas indagações quando afirmou que havia “uma necessidade destrutiva nas pessoas, a necessidade de demonstrar fúrias, de assassinar e matar” (p. 341). A resposta dada veio com a observação da realidade e da reflexão, o que indica um entendimento de que os responsáveis pelas questões sociais são as pessoas e não Deus, sugerindo maturidade intelectual e religiosa e boa capacidade de avaliação da realidade.

Em 3 de maio de 1944, quando todos do anexo já não estavam aguentando a reclusão, mais uma vez a jovem utilizou sua maneira de enfrentamento e superação do sofrimento, afirmando:

-Eu costumo me sentir mal, mas nunca me desespero. Vejo nossa vida no esconderijo como uma aventura incessante, cheia de perigo e romance, e cada privação é algo divertido a acrescentar no diário. Decidi levar uma vida diferente da de outras garotas, e não me tornar mais tarde uma dona de casa comum. O que estou vivenciando aqui é um bom início para uma vida

interessante, e este é o motivo – o único – para eu rir do lado engraçado dos momentos perigosos (341-342).

A consideração de que estivesse vivendo “um bom início para uma vida interessante” revela uma forma metafórica de viver. A saída para rir, como alternativa lúdica, da tragédia que estava vivendo era mais uma forma de enfrentamento do sofrimento. Outro ponto a ser destacado no relato citado é que Anne parece estar ligada a uma expectativa de futuro esperançoso o qual transcende a seu momento presente. Este contexto vivido pelo singular é o que o discurso psicanalítico evoca, para contemplar o lugar político do sujeito na pólis

A jovem também percebeu que estava amadurecendo:

A cada dia me sinto amadurecendo, sinto a libertação se aproximar, sinto a beleza da natureza e a bondade das pessoas ao redor. A cada dia penso em como essa aventura é fascinante e divertida! Com tudo isso, porque deveria me desesperar? (p. 342).

É evidente o reconhecimento do amadurecimento, a busca pela felicidade e a necessidade de não se desesperar da adolescente. Mais uma vez, a metaforização da vida é feita quando se imagina que a liberdade está próxima. É verdade que a liberdade referida é a do interior, do pensamento e das ideias criativas. Outro aspecto relevante para a jovem foi o seu reconhecimento da luta pelo seu crescimento, pela sua independência, conforme a confissão: “(...) isso não aconteceu da noite para o dia. Lutei demais, durante muito tempo, para me tornar independente como sou” (p. 343). Esta luta interior não se deu apenas a partir do seu eu, senão que pelas leituras de Galileu Galilei, da bíblia ... e da convivência familiar.

A diarista escreveu, também, com pelo menos um objetivo, qual seja: “Publicar um livro chamado o Anexo Secreto” (357). Mas ela fez uma ressalva: “Resta ver se conseguirei, mas meu diário pode servir de base” (357). A vontade de publicar seu diário indicava o desejo de continuar viva, produzindo. Mesmo diante do sofrimento que estava vivendo, a jovem continuou buscando dar sentido à sua vida. Isto aconteceu, em boa parte, em razão do uso da ilusão criativa, como se percebe no trecho: “Teremos de esperar para ver se essas grandes ilusões (ou desilusões) irão se cumprir” (p. 357). A espera pelo cumprimento das grandes ilusões possibilitava olhar para frente, de forma ativa, afetiva e esperançosa.

O cerco apertava a cada dia e, no dia 6 de junho de 1944, Anne contou que seria o dia D, segundo o anúncio da invasão que ouvira pela BBC. A jovem seguiu conversando com sua amiga e falou: “Ah, Kitty, o melhor da invasão é que tenho a sensação de que são amigos

chegando. Aqueles terríveis alemães nos oprimiram e ameaçaram durante tanto tempo que a ideia de amigos e de salvação significa tudo para nós!” (376). Aqui, pode-se deduzir o grande valor dado à amizade e à salvação da morte.

No dia do seu aniversário, em 12 de junho de 1944, quando fez 15 anos, Anne não escreveu. Contudo, no dia seguinte, dia 13, voltou a “conversar” com sua amiga, dizendo:

- Outro aniversário passou, agora tenho 15 anos. Recebi um bocado de presente: o livro de história da arte de Springer, em cinco volumes, roupas de baixo, dois cintos, um lenço, dois potes de iogurte, um pote de geleia, dois biscoitos de mel (pequenos); de papai e mamãe ganhei um livro de botânica, de Margot um bracelete de ouro, um álbum de figurinhas dos van Daan ... (...) e o ponto alto: o livro de Maria Theresia e três fatias de queijo cremoso do Sr. Kugler. Peter me deu um lindo buque de peônia; o coitado fez de tudo para conseguir um presente, mas não adiantou (379).

Pelos presentes recebidos, é possível perceber quais eram os valores daquelas pessoas que ali estavam e o que agradava Anne. Peter não mais causava aquele impacto de antes. A aniversariante falou que de nada adiantou o esforço dele porque certamente não o queria mais como antes. Nesta conversa, a escritora fez questão de trazer à baila mais uma vez a importância da natureza para si. Ela afirmou sua satisfação em imaginar as belezas naturais confessando: “Olhar o céu, as nuvens, a lua e as estrelas realmente faz com que me sinta calma e esperançosa. É um remédio muito melhor do que valeriana ou brometo. A natureza faz com que me sinta humilde e pronta para enfrentar cada golpe com coragem” (p. 384). É importante salientar que Anne estava reclusa no anexo e não podia ver as belezas naturais por ela enumeradas. A jovem usava sua criatividade e imaginação contemplando as belezas da natureza que passavam a sensação de tranquilidade e paz interior. No mesmo dia 13 de junho de 1944, Anne Frank fez mais um comentário. Ela fez referência às mulheres que estavam buscando mudanças por meio da educação e do trabalho. Contudo, a jovem pensava que deveriam buscar mais, pois:

(...) as mulheres devem ser respeitadas, também! Falando em termos gerais, os homens são mais valorizados em todas as partes do mundo; então, por que as mulheres não devem ter a sua cota de respeito? Soldados e heróis de guerra são homenageados e condecorados, exploradores recebem fama imortal, mártires são reverenciados, mas quantas pessoas veem as mulheres também como soldados? (384-385)

Pode-se identificar o processo elaborativo de maturidade de Anne. Ela almejava trabalho, equidade profissional entre mulheres e homens e liberdade, como ficou notório em

sua fala no início dos 15 anos: “Merecer a felicidade significa fazer o bem e trabalhar, e não especular e ser preguiçoso. A preguiça pode parecer convidativa, mas só o trabalho dá a verdadeira satisfação” (p. 391). A ideia de felicidade era expressa sendo associada ao fazer o bem e ao trabalho. Esta forma de compreensão indica que Anne já não era mais aquela criança, pois passou a referir que o trabalho figurava como uma atividade subjetiva que trazia satisfação. Por intermédio de sua fala, a jovem já deixava evidente o desejo de trabalhar, ou pelo menos que estava observando a relevância do trabalho.

O jovem Peter continuou a ser uma pessoa importante para Anne, embora não mais como antes. Todavia, ela vinha, gradativamente, se decepcionada com ele, como ficou evidente nesta passagem:

- Coitado, nunca soube como é fazer alguém feliz, e tenho medo de não conseguir lhe ensinar. Ele não é religioso, zomba de Jesus Cristo e pronuncia o nome do Senhor em vão e, apesar de eu também não ser ortodoxa, fico magoada cada vez que o vejo tão sozinho, tão cheio de desprezo, e tão infeliz (p. 391).

A jovem percebeu que Peter não sabia buscar a sua felicidade, que criticava Jesus Cristo e não respeitava a fé das pessoas nem a autoridade de Deus. Parece que este aspecto foi decisivo na mudança do enamoramento pelo rapaz. Neste relato, Anne fez questão de ressaltar que não era ortodoxa, mas que tinha fé em Deus e se sentia magoada por ver seu amigo tão sozinho, isolado, infeliz e sem religião. Não sabia muito o que poderia fazer para tirar o rapaz daquela tristeza e isolamento. Diante disto, em 6 de julho de 1944, expressou sua maneira de entender a religião da seguinte forma:

- Quem é religioso deve se alegrar, porque nem todo mundo é abençoado com a capacidade de acreditar numa ordem superior. Você não precisa viver no medo da punição eterna; os conceitos de purgatório, céu e inferno são difíceis para muita gente, mas a própria religião, qualquer uma, mantém a pessoa no caminho certo. Não o temor a Deus, mas a manutenção de nosso sentimento de honra e de obedecer à própria consciência (391).

A fala supracitada expressa a experiência vivida por Anne. Ela confessou seu sentimento religioso ao afirmar que quem tinha a capacidade de acreditar em uma ordem superior era abençoado e alegre. Ressaltou a importância de não se deixar levar pelo medo ou doutrinas religiosas, senão que pela própria religião pessoal. A jovem estava falando do seu diálogo íntimo interior e asseverando que não há um caminho certo, pois, “qualquer religião mantém a pessoa no caminho certo”. Ela ressaltou que, para se viver alimentando o

sentimento religioso, não era preciso ter medo, mas manter o “sentimento de honra e de obedecer à própria consciência”. Perante o que fora mencionado, é possível concluir que Anne, além de estar amadurecendo do ponto de vista psíquico, também foi amadurecendo do ponto de vista do seu sentimento religioso. Neste momento do desenvolvimento psíquico e religioso, pode-se dizer que Anne estava em profundo processo de reelaboração psíquica e de amadurecimento, pois se organizava de forma autônoma e madura. Ela estava se preparando para enfrentar a convivência social com liberdade e disposição para o trabalho.

A prática da espiritualidade, do diálogo interior com o outro de si, com Deus, no caso de Anne, traz um conjunto de transformações que ocorrem em todo ser do sujeito. Ela favorece a descoberta de verdades, a partir da própria consciência do crente. Depois dos 15 anos, a diarista passou a elaborar bem suas ideias, conectando-as com a realidade afetiva, política e religiosa. A jovem apresentou com clareza sua maturidade com relação aos assuntos que estavam relacionados com o seu afeto, incluindo o sentimento religioso.

No relato que segue, Anne trouxe questões que evidenciaram, especificamente, a sua maturidade ética e política:

As pessoas seriam muito mais nobres e melhores se, no fim de cada dia, pudessem rever o próprio comportamento e pesar o que fizeram de bom e de mau. Automaticamente tentariam melhorar a cada manhã e, depois de algum tempo, com certeza realizariam muita coisa. Todo mundo pode seguir essa receita: não custa nada e é utilíssimo. Os que não sabem terão que descobrir por experiência própria que ‘uma consciência tranquila dá força às pessoas!’” (391-392).

A referência à revisão de vida, refletindo sobre suas atitudes diárias, revelou a importância das questões éticas na vida da crente. Ficou claro também que, para se fazer escolhas certas, é preciso recorrer ao sopesar da consciência, atividade que faz bem às pessoas. Ao exercitar a atividade da consciência para distinguir o que fosse bom ou mau, Anne foi conversar com sua amiga, no dia 15 de julho de 1944, da seguinte maneira:

Você está se perguntando se ficar aqui é mais difícil para os adultos do que para os jovens, a resposta é não, com certeza. Os mais velhos têm uma opinião formada sobre tudo, são seguros de si e de seus atos. Para nós jovens, é duas vezes mais difícil sustentar nossas opiniões numa época em que os ideais são estilhaçados e destruídos, quando o pior lado da natureza humana predomina, quando todo mundo duvida da verdade, da justiça e de Deus (p. 399).

A autorresposta dada à autopergunta foi negativa e seguida de explicação, pois, segundo a indagante, os jovens iriam começar a entrar na dinâmica adulta do mundo, tendo muito o que aprender, precisavam de apoio e poderiam encontrar um mundo destruído, tanto fisicamente quanto politicamente. Para a diarista, verdade, justiça e Deus eram conceitos que estavam sendo, naquele momento da guerra, relativizados e negligenciados. Ela deu a entender que este relativismo conceitual deixava o jovem sem referencial para se organizar no mundo e lutar por seus ideais e desejos. A análise da realidade feita por Anne culminava com a assertiva: “É praticamente impossível construir a vida sobre um alicerce de caos, sofrimento e morte” (p. 400). Nesta constatação, a escritora revelou, mais uma vez, maturidade política e afetiva, pois, além de refletir sobre a situação caótica que vivia, tentava enfrentar sua angústia e sofrimento.

Não obstante a constatação antes feita, a escritora seguiu fazendo sua confissão: “Quando olho para o céu, sinto de algum modo que tudo mudará para melhor, que a crueldade também terminará, que a paz e a tranquilidade voltarão. Enquanto isto, devo me agarrar aos ideais” (p. 400). A retomada da apreciação da natureza, depois de ter feito referência aos conceitos éticos e à dificuldade que encontraria, caso fosse liberta, sugeriu que a jovem fez, como já havia feito, sua tentativa de representação de Deus, utilizando-se das imagens da natureza, sem perder de vista o teste de realidade, nem deixar de se “agarrar aos seus ideais”, esperando.

Do exposto, é lícito dizer que o diário funcionou para Anne como um objeto transicional fortalecedor. Ele fez a mediação entre: interior e exterior; infância e adultez; tristeza e alegria; medo e coragem; “si” e “outro de si mesmo”; eu e “ideal de eu”; consciente e inconsciente; filha e pais; menina e mulher; amor e ódio; realidade e ilusão; razão e fé; o ligar, o desligar e o religar; ela e Deus. Com o amadurecimento da adolescente, o objeto transicional, o diário, já poderia ser suprimido, mas o movimento do duplo continua ampliando a compreensão e a crença religiosa do sujeito crente. Neste caso, o sentimento religioso seguiu seu desenvolvimento e continuou exercendo uma função na dinâmica psíquica da jovem crente.

No penúltimo relato de Anne Frank, feito em 21 de julho de 1944, a narradora fez mais uma declaração sobre si a sua amiga Kitty:

Não posso evitar, a perspectiva de voltar à escola em outubro está me deixando feliz demais para ser lógica! Ah, minha querida, não acabei de dizer que não queria adiantar as coisas? Perdão, Kitty, não é à toa que me chamam de feixe de contradições!” (p. 402).

A referência à lógica, que neste caso indicava fazer sentido, ser verdade, denotou que a expressão do desejo não era condizente com a realidade que ela vivia, pois, a guerra não dava nenhum sinal de acabar. No entanto, era importante para Anne continuar utilizando o seu duplo criador e sua ilusão criativa para que pudesse ser consolada, ligando passado, presente e futuro e continuando a encontrar sentido para sua vida, ainda que fosse um ser de contradições. Desta análise, constata-se que o sentimento religioso, um dos aspectos vividos pela jovem, prestou um grande serviço para Anne que, simultaneamente, utilizou o mecanismo do duplo criador e da ilusão criativa para se fortalecer em relação ao sofrimento psíquico, sem perder de vista a realidade cruel e estabeleceu movimento dialético entre realidade e ilusão. Estes conceitos caminharam juntos porque a jovem, por um lado, utilizava sua ilusão criativa para alimentar seu sentimento religioso, a partir da nostalgia do afeto vivido com suas figuras parentais da infância e, por outro, utilizava as virtudes: a) sabedoria, por meio dos estudos e leituras reflexivas; b) coragem, pela sua determinação e força própria da pulsão de vida e; c) temperança, devido à sua capacidade de refletir e sopesar o conflito que vivia.

No dia 1º de agosto de 1944, 3 dias antes de ser capturada pelos nazistas, Anne mencionou que era como “um feixe de contradições”. A jovem também declarou ser “partida em duas” (p. 402). As contradições e divisões confessadas pela jovem configuram características do sujeito do conflito, próprias da psicanálise. O conflito interno foi percebido e assumido de forma poética, como se percebe na assertiva: “Sou guiada pela Anne pura, de dentro, mas por fora sou apenas uma cabrita, dando saltos, forçando a corda à qual está amarrada” (403). Neste fragmento, a jovem mostrou conhecer a si mesma e a sua realidade, indicando que se fortaleceu e se consolou com ajuda do seu sentimento religioso e da sua esperança que partiu de sua percepção interior.

Após analisar o desenvolvimento do sentimento religioso de Anne, é possível dizer que este nasce com o afeto experienciado nas relações estabelecidas com as figuras parentais da infância. Também é possível apontar uma faceta do vínculo entre sentimento religioso e sofrimento psíquico, a partir do que estes sentimentos têm em comum, em sua origem, como o fato de ambos serem percebidos pelo “eu” e de deixarem marcas mnêmicas no psiquismo do sujeito. Como o “eu” percebe tanto o consolo quanto o sofrimento, cabe a ele fazer esta mediação por meio dos mecanismos e funcionamentos metapsicológico. Diante disto, pode-se dizer que os afetos experienciados pela jovem crente, na relação com seus pais da infância,



bem como o trabalho realizado pela escrita do diário, contribuíram para que a confessora executasse os trabalhos psíquicos necessários ao ligar, ao desligar e ao religar religioso.

É possível dizer, outrossim, que o amor também estabeleceu um vínculo entre sofrimento psíquico e sentimento religioso. Este, enquanto afeto, tem como protótipo a percepção do sujeito que imagina a unidade entre o eu e o tu, que desemboca na terceira pessoa: o nós. Esta ideia atravessa o sujeito em suas relações consigo mesmo e com o outro de si, o Outro, Deus, cuja manutenção é sustentada pela nostalgia dos “pais da infância”. A suposta unidade eu-tu é a percepção própria dos enamorados e apaixonados em sua nostalgia neurótica, a qual também reverbera no sujeito crente, como ocorreu com Anne. Esta nostalgia se mantém por toda vida, pois nunca se completa, senão que permanece na relação dialética entre ausência e presença de Deus. Neste movimento dialético, o que se encontra são pequenos momentos de epifanias, indicando que no “princípio é a relação, o amor”.

É oportuno retornar ao início do diário de Anne Frank em que ela expressa sua oração: “Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda”. (p. 19). Desde quando começou a escrever seu diário, Anne já vinha sentindo um certo sofrimento psíquico de ordem subjetiva, mas também de ordem da pressão do mundo externo. Por este motivo, ela sentia a necessidade de escrever para se confortar e ser ajudada. O conforto e a ajuda, a princípio, eram esperados das leituras, da literatura e dos estudos. Entretanto, com o passar do tempo reclusa e com o agravamento da conjuntura política, com possibilidade de ser capturada e morta, a jovem sentiu a necessidade de recorrer também ao seu sentimento religioso, configurado na “pessoa de Deus”.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A efetivação da pesquisa proposta acerca do vínculo entre o sentimento religioso e o sofrimento psíquico de Anne Frank, a partir do seu diário, mostrou-se viável mediante uma revisão da literatura sobre psicanálise e fé, com foco no sentimento religioso em adolescentes, efetuada no primeiro capítulo desta dissertação. Neste trabalho, percebeu-se a escassez, na área da psicologia, de estudos sobre o sentimento religioso em adolescentes no Brasil. Assim sendo, esta pesquisa se apresenta como um estudo introdutório e preliminar, devido à carência de pesquisas sobre o referido tema no país.

A partir da leitura do Diário de Anne Frank, foi feita uma seleção de trechos de narrativas, de relatos e de confissões que se referiam ao desenvolvimento do seu sentimento religioso, em face do seu sofrimento psíquico. Tais trechos foram analisados tendo em mente o processo de elaboração da adolescente, com ênfase nos trechos em que ela dialogava com Deus, em ordem cronológica do tempo que Anne ficou reclusa no anexo. A sequência cronológica dos trechos selecionados se deve ao fato de o seu sentimento religioso ter se desenvolvido simultaneamente ao seu amadurecimento. A adolescente foi mudando de ideias, de opiniões e de visão de mundo ao longo do período que passou reclusa no anexo.

Os trechos selecionados foram analisados a partir de considerações acerca das noções conceituais de: nostalgia, duplo criador, idealização, desidealização, dentre outras que foram utilizadas para facilitar a compreensão e o entendimento do vínculo entre o sentimento religioso e o sofrimento psíquico da confessora.

Foi observado também o caminho que o desenvolvimento do sentimento religioso de Anne percorreu. Para seguir este percurso, recorreu-se a um artifício linguístico do entendimento, utilizando-se do vocábulo “religare”, o qual possui no seu interior os verbos: ligar, desligar e religar. Tais verbos indicaram os três momentos pelos quais passou o sentimento religioso de Anne Frank, que foram sendo suprassumidos da seguinte forma: 1- o ligar religioso, momento do suposto sentimento religioso em si, o qual escapa à investigação, e dos ensinamentos religiosos recebidos; 2 - o desligar, momento de desidealização de Deus e 3- o religar, momento da assunção do sentimento religioso como sendo uma ideia própria, assumida com responsabilidade e maturidade.

O principal instrumento de análise, o Diário, bem como a escrita da diarista, possui valor capital para este estudo, pois eles possibilitaram o acesso ao que Anne transmitiu de experiência de sua vida no anexo. Considerou-se a conjuntura da época em que o nazismo

estava em ascensão na Europa e a família Frank, assim como todos os judeus na Alemanha, estavam sendo perseguidos pelos nazistas. Eles viveram na clandestinidade por aproximadamente dois anos e 25 dias. A situação no esconderijo trazia, para os membros da família Frank e os outros moradores do anexo, mudanças de hábitos de vida, que só faziam aumentar os conflitos pessoais entre eles.

A partir da escrita de Anne foi possível compreender que seu diário exerceu papel fundamental para a passagem da adolescente e para o desenvolvimento do seu sentimento religioso em uma perspectiva afetiva.

Os primeiros laços afetivos de Anne se desenvolveram de forma favorável ao seu amadurecimento psíquico, apesar dos conflitos políticos que já existiam durante sua infância. Seus pais a criavam com carinho, amor e liberdade. Sua mãe era religiosa não ortodoxa e passava ensinamentos religiosos a sua filha. Além disto, Anne tinha aula de religião e seu pai a acompanhava nas orações noturnas e acreditava que a religião poderia servir de ajuda a uma pessoa. Neste ambiente familiar, Anne foi criada e recebeu seus primeiros ensinamentos religiosos da família e da escola, o que favoreceu ao seu desenvolvimento afetivo-religioso.

Além da compreensão do papel fundamental da escrita e do Diário, também foi possível perceber que, já no dia do seu aniversário de 13 anos, em 12.06.1942, Anne começou a escrever, em seu diário, a expressão de dois desejos, quais sejam: poder contar a Kitty, seu diário, tudo o que não contava a ninguém e que ele fosse uma grande fonte de conforto e de ajuda. Estes desejos iniciais indicam a abertura que a adolescente tinha para o seu diálogo consigo mesma e com o exercício do seu duplo criador.

Nas primeiras páginas do diário, em 24.06.2042, aparece a primeira referência à expressão “Graças a Deus”, para realçar a satisfação que Anne sentia com os inícios das férias e o alívio do tormento. O endereçamento de Anne a Deus, considerando que ela já recebera educação religiosa da sua mãe e familiares, além de ter recebido aulas de religião no Liceu Judeu, configurou seu sentimento religioso, quando pensado retrospectivamente, pois no final do seu diário ela se mostra religiosa.

O Diário, presente ganho dos pais no aniversário de 13 anos, foi o primeiro objeto a ser agarrado por Anne, em 09.07.1942, quando ocorreu a fuga para o anexo à empresa do seu pai. Para a diarista, seu caderno a ajudaria a enfrentar o seu sofrimento. O que começa a se confirmar quando Anne registra que nunca se sentirá à vontade naquela casa, mas que o anexo seria um lugar ideal para se esconder, indicando uma capacidade de ponderar a situação com sua leveza. Neste momento, a adolescente fez uso do seu duplo criador, ao falar com o outro

de si, sua amiga imaginária Kitty e ao fantasiar a situação de fuga ao dizer que o anexo seria um bom lugar para se esconder.

O hábito de retornar ao passado, próprio da adolescência, foi repetido no diário. Anne relia seu diário e incluía novas narrativas em datas anteriores ao momento em que se encontrava, configurando a sua reelaboração da passagem adolescente, seu desejo de retornar à sua nostalgia diante das perdas do passado.

Os conflitos da adolescente com sua mãe foram percebidos logo depois dos primeiros 30 dias do seu aniversário de 13 anos. Eles davam sinais de que a desidealização em relação à sua mãe, Edith Frank, estava sendo processada, vez que ela incomodava sua filha ao tratá-la como bebê. Já com o pai, Otto Frank, Anne se relacionava com tranquilidade, o que configurou que tinha com este uma relação de amor e, com sua mãe, uma relação de amor e ódio.

A questão da sexualidade e o feminino vinha se desenvolvendo em Anne, desde o que foi registrado em 03.04.1942, quando tinha 13 anos e 4 meses. Neste dia, ela expressou sua expectativa pela chegada das suas regras e seu desejo por aproximar-se de Peter, outro adolescente morador do anexo.

A desidealização dos pais da infância, mas também o desligar religioso, foram percebidos quando a diarista, apesar de ter recebido educação religiosa, disse que as orações passadas por sua mãe eram lindas, mas não significavam muito para ela. Neste momento, foi percebido que o questionamento sobre os conteúdos religiosos e sobre o poder de sua mãe estavam sendo questionados.

O endereçamento a Deus começa a ficar mais frequente, de acordo com a escrita no diário, quando, em 13.01.1943, há 1 ano e 6 meses de reclusão, ante os conflitos vividos com os moradores do anexo, a professora pede a Deus que lhe dê outra personalidade para minimizar seu sofrimento. Ocorre que a adolescente mesma responde ao seu pedido, usando mais uma vez o trabalho do duplo criador, ao reconhecer que este pedido é impossível acontecer, pois ela estava presa ao caráter que nasceu. Neste endereçamento, percebe-se uma desidealização do Deus da infância, o que configurou o momento do desligar do sentimento religioso de Anne.

O amadurecimento da narradora começou a aparecer. Isto foi percebido devido às preocupações que ela teve diante da greve de fome de Gandhi e da fome no mundo. Esta atitude indica uma preocupação ética com o mundo. Preocupação que vai além do seu ambiente familiar, apreendido com os ensinamentos de seu pai Otto, que também já começa a ser desidealizado, uma vez que sua filha o percebe em estado de tristeza, o que indica que ele

não é mais aquela fortaleza que a protegia. A partir deste momento, a diarista se sente desamparada e busca se fortalecer por meio de leituras intelectuais e seu pai continua a acompanhá-la em suas orações, antes de dormir.

O uso da ilusão criativa foi um mecanismo muito utilizado pela confessora para superar dificuldades no anexo. Quando ela se deparava com uma comida que não gostava ou que já não aguentava mais comê-la, fingia que gostava e a comia rapidamente. Outra atitude criativa e poética acontecia quando a narradora, pela manhã, ia à janela, respirava por uma fresta e seguia começando os seus afazeres domésticos.

A desidealização dos pais da infância nos relatos de Anne seguia cada vez mais evidente. Isto pode ser percebido quando ela se perguntou se existiam pais que conseguissem fazer seus filhos felizes. Esta pergunta sugere uma preocupação acerca do apaziguamento da infelicidade que estava vivendo. Neste mesmo caminho, Anne refletiu sobre Deus, ao dizer que às vezes achava que Deus estava querendo testá-la. Os questionamentos sobre o poder dos pais e a suspeita de que Deus a testaria indicam, respectivamente, que Anne estava fazendo sua desidealização dos pais da infância e também estava se desligando do sentimento religioso em relação ao Deus da infância, no tocante ao endeusamento, apontando, assim, para o momento do seu religar do sentimento religioso.

O aparecimento da responsabilidade, nesta altura da vida de Anne, indica que a adolescente estava seguindo em amadurecimento e confirmando o seu religar do sentimento religioso. Isto é o que se percebe quando ela indagava a Deus sobre seu futuro e mais uma vez respondia dizendo que teria que se tornar uma boa pessoa por conta própria, sem ninguém que servisse de modelo ou pudesse dar conselhos. A adolescente seguiu o relato afirmando que, no fim de tudo isso que estava passando, ela seria uma pessoa mais forte. Esta foi mais uma atitude de desidealização da figura de Deus e a assunção dos seus próprios atos.

O movimento de desidealização dos pais, assim como o movimento de desligamento de Deus, no sentimento religioso da adolescente, foi sendo firmado, gradativamente, mostrando que o sentimento religioso de Anne estava ocupando um novo lugar psíquico em sua vida, pois seus pais e Deus estavam sendo ressignificados. Portanto, a confessora foi se tornando uma adolescente madura do ponto de vista psíquico, quando passou a assumir seu religar do sentimento religioso. Isto quer dizer que o desenvolvimento psíquico compreendido a partir do Édipo foi ocorrendo em paralelo com o desenvolvimento do sentimento religioso que, no caso de Anne, pode ser compreendido a partir do mito adâmico, conforme dissera Falque (2019).

A maturidade na passagem adolescente de Anne pôde ser percebida quando ela estava com 14 anos e 3 meses. Neste dia, ela afirmou que não era mais bebê e que tinha suas próprias ideias, seus planos ideais, apesar de não conseguir verbalizá-los. Esta afirmação aponta para mais um amadurecimento psíquico da adolescente.

O religar religioso de Anne estava sendo processado, no momento em que ela sonhou que sua amiga Hanneli estava em trapos, e teve a suposição da sua morte. Foi um sonho angustiante que a fez procurar uma resposta religiosa e reconhecer sua limitação em perder a sua amiga que, supostamente, estaria em um campo de concentração. Neste momento, ela pediu a Deus que a trouxesse de volta, indicando que estava separando o que dependia de sua própria responsabilidade e o que extrapolava, que entregava a Deus. Aqui é possível sugerir que a jovem, diante de tantas desgraças, faça um apelo ao pai. Há Algo de busca do transcendente, como apelo ao pai.

A entrega a Deus, o pedido por milagre para que salvasse pelo menos alguns judeus, indicava que Deus naquele momento ocupava o lugar psíquico do Outro. Mas ela não deixou de reconhecer a sua responsabilidade quando, em 22.01.1944, estava com 14 anos e 6 meses, expressou seu desejo, dizendo que queria ver as coisas com olhos novos e formar sua opinião e não ficar somente copiando seus pais. Relatou também que precisava “ruminar”, o que indicava um processamento de reelaborações adolescente, tanto com relação aos seus pais quanto em relação ao seu sentimento religioso na sua relação dialógica com Deus. A partir desta mudança de visão de mundo, Deus passou a ser associado por Anne, à simplicidade das belezas da natureza, a desejar a felicidade das pessoas e a ser entendido como um remédio para enfrentar o sofrimento, o que evidencia que esta relação dialógica Anne-Deus, funcionou como mais um suporte para o fortalecimento da diarista.

Um momento emblemático do religar do sentimento religioso de Anne ocorreu aos 15 anos de idade, há pouco mais de 3 meses de ser capturada pelos nazistas. Em sua nova visão de mundo, ela passou a entender que uma pessoa religiosa deveria se alegrar e que para ser religioso não precisava viver no medo da punição eterna, mas que a própria religião da pessoa, não importava qual, manteria a pessoa no caminho certo. Entendeu, também, que não é o temor a Deus, mas a manutenção de seus sentimentos de honra e de obedecer à sua própria consciência que importava na religião.

No decorrer da pesquisa, percebeu-se, finalmente, que o diário, chamado por Anne de Kitty, além de ser um instrumento de escrita, funcionou também como: 1- objeto transicional entre o mundo interior e o mundo exterior, entre a infância e a vida adulta; 2 - espaço de transmissão de experiência, uma vez que foram narrados fatos do cotidiano, mas também tudo

o que se passava na sua mente; 3 - campo dialógico, no qual a adolescente dialogava com sua amiga imaginária Kitty e com Deus, que ocupou o lugar do Outro, na elaboração do sentimento religioso.

A partir das funções antes enumeradas, pode-se dizer, outrossim, que o diário e a escrita possibilitaram que a adolescente efetuasse suas elaborações e ressignificações das suas experiências vividas de forma integrada, bem como que expressasse o seu processo de elaboração psíquica e de desenvolvimento do sentimento religioso.

Neste sentido, foi possível constatar que o diário possibilitou, por um lado, o processo elaborativo da passagem adolescente de Anne diante do sofrimento e da tentativa de significação da sua experiência vivida e, por outro, o nascimento da escrita, em que se criou um campo dialógico, no qual vozes foram interconectadas e a jovem pôde dialogar, transmitir suas ideias e endereçar-se ao outro de si, ao Outro. Neste sentido, Kitty foi o nome de uma amiga imaginária e “Deus” o Outro com quem Anne dialogava e pedia ajuda.

Desta feita, foi possível identificar que o sentimento religioso foi um dos aspectos vivenciados por Anne que teve uma função subjetivante e a ajudou no enfrentamento do seu sofrimento psíquico. Este sentimento, com a prática da escrita no diário e o diário, a fortaleceram e a ajudaram a suportar situações conflitivas no anexo. Neste momento, vale salientar que a adolescente utilizou o mecanismo do duplo criador e da ilusão criativa para, a partir das vozes presentes em seu campo dialógico com Deus e com sua amiga Kitty, fosse possível olhar para a natureza, ser poética e dialogar com Deus, exercitando seu sentimento religioso com autonomia.

Também foi possível encontrar, no Diário referido, “pérolas” para um estudo da análise do discurso de Anne. Ela fala a seu Diário, tudo o que vem à mente. Esta fala poderá ser reanalisada com mais profundidade em outras pesquisas, uma vez que Anne se projeta no futuro, desejando, por exemplo, trabalhar. As confissões da diarista podem, também, trazer contribuições para a produção de artigos ou de uma tese de doutorado, ou ainda podem suscitar provocações de outros pesquisadores e trazer contribuições à clínica contemporânea, acerca da posição do analista, na clínica e sua atuação política na polis.

Outra questão a ser realçada, relativa ao sentimento religioso, é o fato de que “onde há tótem há tabu”. Esta relação Totem-Tabu está envolvida num movimento dialético em que a queda do tótem leva ao desamparo do sujeito e faz aparecer o sentimento religioso do crente. Neste caso, o tótem funciona como um “instrumento” de sustentação do sujeito que precisa ser, mediante sua queda, substituído por algo que mantenha o “equilíbrio” do sujeito em seu funcionamento psíquico.

A partir do que se relatou nesta pesquisa, sugere-se que ela possa servir como apoio na escuta clínica e no trabalho com adolescentes, crentes ou não, para que sejam compreendidas e acolhidas as falas que expressem ideias de ilusão criativa, quer seja no campo religioso, no literário, no artístico, ou em qualquer outro que seja compreensível para além da razão positivista instrumental, mas que dê sentido à vida do sujeito e não perca a inteligibilidade. Sugere-se ainda que seja estimulada a prática da escrita, particularmente da autoescrita, como facilitadora das elaborações na passagem adolescente, como também auxiliadora nas elaborações de adultos. Tal prática pode servir de apoio especialmente para aqueles adolescentes que se encontram em sofrimento psíquico, vivendo em situação de extrema adversidade e iminência de morte, como no caso da pandemia do COVID-19.



## REFERÊNCIAS

ABAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. **Adolescência: Um enfoque psicanalítico**. Rio Grande do Sul: Artmed, 1981

ALBERTI, S. **O adolescente e o outro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

AQUINO, M. F. de. **O conceito de Religião em Hegel**. São Paulo: Loyola, 1989.

ARIÈS, F. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

BRENNER, C. **Noções básicas de Psicanálise: introdução à Psicologia Psicanalítica**. São Paulo: Edusp, 1987.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

FALQUE, O. Le Dieu des adolescente: Fonctions du religieux et processus d'adolescence. *In: Imaginaire & Inconscient*, v. 11, n. 3, 2003. p.129-144. ISSN: 1628-9676. Disponível em: [https://www.cairn.info/revue-imaginaire-et-inconscient-2003-3-\\_\\_page129.htm#](https://www.cairn.info/revue-imaginaire-et-inconscient-2003-3-__page129.htm#). Acesso em: 26 nov. 2019.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e Discursos psicológicos**. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 2004.

FONDS, A. F. 2021. **Tudo sobre Anne Frank e o diário**. Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.

FOUCAULT, M. **O que é um autor**. 10. ed. Lisboa: Passagens, 2010.

FOUCAULT, M. **A escrita de si, em Ética, Sexualidade, Política**. 3. ed. Rio de Janeiro, 2017.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 5. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2019.

FRANCO, S. G. **Hermenêutica e Psicanálise na obra de Paul Ricoeur**. São Paulo: Loyola, 1995.

FRANK, A. **Obra reunida/Anne Frank, tradução de Cristiano Zwiesele do Amaral**. Rio de Janeiro: ABDR - Editora Afiliada, 2019.

FRANK, A. [1947]. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FREUD, S. [1905]. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. [1913]. Romances Familiares. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. [1913]. Totem e tabu. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. [1913]. O estranho. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. [1925, 1924]. Um estudo autobiográfico. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1925.

FREUD, S. [1927]. O futuro de uma ilusão. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. [1930]. O mal-estar na civilização. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. [1939]. Moisés e o monoteísmo. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GAY, P. **Uma vida para o nosso tempo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GIES, M. **Eu, Miep, escondi a família de Anne Frank**. São Paulo: Vestígio, 2020.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HONNETH, A. **La lutte pour la reconnaissance**. Paris: CERF, 2010.

JUNG, J. Le double créateur dans l'écriture de soi. *In: Le carnet Psy*, v. 5, n. 199, p. 48-51, 2016. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2016-5-page-48.htm>. Acesso em: 19 nov. 2019.

KATZ, C. S. **Complexo de Édipo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

KRISTEVA, J. **No princípio era o amor: Psicanálise e fé**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LESOURD, S. **A construção adolescente no laço social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

LIMA, N. L. **A escrita virtual na adolescência: uma leitura psicanalítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio e janeiro: Editora Rocco Ltda, 2019.

MENEZES, P. **Hegel como Mestre de Pensar**. Abordagens hegelianas. Rio de Janeiro: Vieira & Lente, 2006.

MIJOLLA-MELLOR, S. **A necessidade de crer**. São Paulo: Unimarco, 2004.

MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001a.

MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001b.

MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001c.

MORANO, C. D. **Psicanálise e religião: um diálogo interminável** - Sigmund Freud e Oskar Pfister. São Paulo: Loyola, 2008.

NASIO, J-D. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

OGDEN, T. H. **Os sujeitos da Psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

PEREIRA, I. **Dicionário grego-português e português-greco**. 8. ed. Coimbra, Portugal. 1998.

PFISTER, O. A ilusão de um futuro: um embate amigável com o prof. Dr. Sigmund Freud. *In: Wondracek, K. H. K. (org.). O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003.

PRESSLER, M. Cartas. *In: Frank, Anne. Obras Reunidas*. Rio de Janeiro: Record, 2019. p. 435 - 449.

PRESSLER, M. A vida de Anne Frank. *In: Frank, Anne. Obras Reunidas*. Rio de Janeiro: Record, 2019. p. 555-564.

PRESSLER, M. A história da família de Anne Frank. *In: Frank, Anne. Obras Reunidas*. Rio de Janeiro: Record, 2019. p. 567-576.

RASSIAL, J-J. **A passagem adolescente: da família ao laço social**. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1997.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, G. P. **O ateísmo de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

SILVA, J. J. **O papel da sublimação no estudo freudiano do fenômeno religioso: uma releitura**. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica: Doutorado em Psicologia. Recife: Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, 2017.

VAZ, H. C. L. **Contemplação e dialética nos diálogos platônicos**. São Paulo: Loyola, 2012.

WINNICOTT, D. W.  **Holding e interpretação**. São Paulo: WMF, 2017.

WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

# **ANEXOS**

ANEXO A - Margot, Edith e Anne (da esquerda para a direita), Frankfurt 1929. © Anne Frank Fund Basel



Fonte: FONDS, A. F. (2021). Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.

ANEXO B - Margot with Anne, Frankfurt 1929. © Anne Frank Fund Basel



Fonte: FONDS. A. F. (2021). Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.

ANEXO C - Anne, Frankfurt por volta de 1932. © Anne Frank Fund Basel



Fonte: FONDS, A. F. (2021). Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.

ANEXO D - Edith e Anne na Ganghoferstrasse por volta de 1931. © Anne Frank Fund Basel



Fonte: FONDS, A. F. (2021). Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.



ANEXO E - Otto com suas duas filhas Anne e Margot por volta de 1930. © Anne Frank Fund Basel



Fonte: FONDS, A. F. (2021). Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.

ANEXO F - Edith com Anne e Margot pouco antes de se mudar para Amsterdã, Frankfurt 1933. © Anne Frank Fonds Basel



Fonte: FONDS, A. F. (2021). Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.

ANEXO G - Jardim de infância da escola Montessori, Anne fica no centro dos fundos, Amsterdã 1935. © Anne Frank Fonds Basel



Fonte: FONDS, A. F. (2021). Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.

ANEXO H - Anne com Sanne Ledermann no Merwedeplein, Amsterdã 1935. © Anne Frank Fund Basel



Fonte: FONDS, A. F. (2021). Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.

ANEXO I - Anne (extrema direita) com Sanne Ledermann e Eva Goldberg, Amsterdã 1936. © Anne Frank Fund Basel



Fonte: FONDS, A. F. (2021). Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.

ANEXO J - Hannah Gosslar, Anne, Dolly Citroën, Hanna Toby, Barbara Ledermann (da esquerda para a direita), Sanne Ledermann (em pé), Amsterdã 1937. © Anne Frank Fund Basel



Fonte: FONDS, A. F. (2021). Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.

ANEXO K - Anne (quarta da direita) com amigos, Amsterdã por volta de 1937. © Anne Frank Fund  
Basel



Fonte: FONDS, A. F. (2021). Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.

ANEXO L - Margot, Anne e Edith com a Sra. Schneider na praia, Zandvoort 1934. © Anne Frank Fund Basel



Fonte: FONDS, A. F. (2021). Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.



ANEXO M - Anne com seus amigos em seu 10º aniversário. Lucie van Dijk, Anne, Sanne Ledermann, Hannah Goslar, Juultje Ketellapper, Kity Egydi, Mary Bos, Letje Swillens e Martha von den Bergh (da esquerda para a direita), Amsterdã 1939. © Anne Frank Fund Basel



Fonte: FONDS, A. F. (2021). Disponível em: <https://www.annefrank.ch/de>. Acesso em: 28 maio 2021.